

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO A S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 100 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

Exm.º Sr. — A Redacção d'este jornal, com a esperanza de ser attendida, toma a liberdade de, por este meio, se dirigir a v. ex.ª, rogando-lhe a graça especial de se dignar proteger e auxiliar a publicação do *Portugal Independente*, concorrendo v. ex.ª com a sua assignatura para que a Redacção possa, sem grande difficuldade, sustentar uma empresa, a que do coração se dedicou; e cujo intuito, aliás nobre e nacional, merece a consideração de todas as pessoas que desejam a independencia de sua patria, e o socêgo e tranquillidade d'um povo, que, por sua coragem e destresa, quebrou em 1640, os ferros da oppressão que o humilhava ás barbaras e tyrannicas leis de Castella.

A Redacção, pois, confiada em que v. exc.ª se não negará prestar seu tão valioso apoio, tem a honra em se confessar summamente penhorada e agradecida por tão elevado favor.

A. J. GONSALVES FINO.

Depois de havermos feito espalhar alguns exemplares do prospecto que annunciava a reaparição do *Cysne*, que, segundo a opinião de alguns criticos sem critica, se havia affogado nas últimas enchentes do Mondego; diversas pessoas, que nos devem toda a consideração, nos mostraram a conveniencia de que este jornal se intitulasse — PORTUGAL INDEPENDENTE, e não *Cysne*, visto que o nosso intuito é advogar a causa da liberdade e independencia da nossa patria querida.

Abraçamos immediatamente e da melhor vontade aquella ideia nobre e sublime; e hoje ahí vae o novo campeão de lança em riste e viseira descoberta combater o inimigo.

Sahirá elle victorioso? Cremos que sim: — mas para arrostar com um tão enorme perigo, carece de que todos os portuguezes, amantes da patria, lhe proporcionem os recursos indispensaveis, para que, no campo da batalha, possa, no auge do combate, bradar aos seus adversarios — *victoria! Portugal é e será sempre independente!*...

Com esta esperanza é que o nosso jornal sae á luz da publicidade.

A Redacção deliberou augmentar, do preço já annunciado, 40 réis na assignatura por trimestre, visto que o formato tambem augmenta; e dedicar o jornal a todos os Portu-

guezes, quer residentes no paiz, quer no Brazil.

Coimbra, 5 de Outubro de 1861.

A Redacção.

Importantes questões de principios e de interesses, pairam na atmospheria politica da Europa, produzindo um sentimento de inquietação geral com respeito ao futuro d'esta distincta parte do mundo. A perspectiva de guerras com todos os seus horrores, que de taes questões podem surgir, justifica esse serio receio, de que participam todas as grandes e pequenas nações; porque grande maravilha será, que de tão nebuloso horizonte se não desprenda a faisca que ateie um incendio, de que será difficil prever a extensão.

Não falta em Portugal quem tambem conheça a gravidade da actual situação politica da Europa, e que partilhe tão bem fundados receios: a sua imprensa mais illustrada, dedica a tão transcendentales questões, a mais séria attenção, e homens pensadores de todas as côres politicas, lhes ligam o mais expressivo interesse. E com bastante razão. Apesar, de Portugal ter presentemente pouco pêso na balança da politica europeia, e de que os seus votos e aspirações se sejam de pouca monta para receber, que no meio de uma conflagração geral, esses votos e aspirações sejam illudidos, que á paz de que tanto necessita, para se restabelecer das feridas abortas por suas longas e violentas dissensões domesticas, succeda uma guerra, que tanto mais fatal lhe pôde ser, quanto sobre elle pesar esse estado de enfraquecimento de que desgraçadamente tanto se resente.

Todas as nações empregam o maior empenho em tractar da sua defesa, augmentando e instruindo os seus exercitos e armadas, ampliando e melhorando as fortificações de suas praças de guerra e costas maritimas; o que de certo não fazem por dar destino a recursos pecuniarios que lhes superabundem, mas por prevenirem outros sacrificios mais avultados, e talvez infructiferos, assim como, desaires e desgraças. Nenhuma de aquellas nações se quer achar desprevenida, quando as presentes difficuldades politicas venham a ter o desfecho que tanto receiam: todas acham no estado melindroso de algumas questões europeias uma razão justificada, para semelhantes prevenções e sacrificios.

Só Portugal se tem tornado notavel, pela maneira como tem desprezado taes precauções. Não achamos razão alguma, para que elle encare a situação da Europa de uma maneira differente, e até mesmo entendemos, que elle n'isso deveria ser mais sollicito. Como nação pequena e pobre, ser-lhe-ha difficil, de em um caso repentino colligir recursos de vulto; mas com discernimento, zêlo e perseverança, os

podia crear e dispôr. Era esta a marcha governativa que Portugal deveria seguir com respeito aos acontecimentos europeus, e a que lhe daria a consideração de um paiz bem governado e previdente.

Se as grandes questões que se ventitam no continente europeu já aconselham, que Portugal, a exemplo das outras nações, se previna para qualquer eventualidade; ainda outras razões tornam para elle tal necessidade mais palpitante. Vizinho de uma nação incomparavelmente mais poderosa, que muito tem ultimamente desinvolvido o seu poder militar, e onde se tem tornado geral o desejo de annexar a si esta interessante parte da peninsula, torna evidente a urgencia de bem entendidas prevenções. Um desapercibimento como o actual pôde trazer a Portugal os mais tristes resultados. Pôde, no meio de uma gigantesca lucta europeia, achar-se exposto aos baldões de grandes e oppostas influencias; aos insultos das armas estrangeiras; e esquecido ou desprezado por sua fraqueza e desorganisação pôde a final ser victima de tractados prepotentes, dictados por uma politica interesseira. E se, no meio da geral desordem, se vir abandonado de allianças, e como agora indefeso, e a sua inimiga natural e ambiciosa vizinha a Hespanha, a olhar todas estas circumstancias como para ella de um exito auspicioso, pôde muito bem dar-se o caso, de que postergando todas as leis do direito das gentes, ella aproveite o ensejo de tentar e conseguir pela força desejos que jámais lhe será possivel realizar por outros meios.

É indispensavel que Portugal cuide do que mais lhe pôde assegurar o seu maior bem, — a liberdade — o que se poderá conseguir, com certeza, com a organisação de suas forças, e prevenção de todos os seus meios de defesa; objectos em que ha longo tempo reflecte a mais indisculpavel incuria.

Um dos grandes embaraços que se pôde querer fazer valer como obstaculo á realisação de tão grande urgencia, é o da escacez de recursos que para isso são indispensaveis. Ninguém ignora, que a verba que no orçamento da despesa do estado figura para aquelle destino, applicada com mais zêlo, economia e patriotismo, a muito mais chegava; mas quando se reconhecesse a sua insufficiencia, deveria soffrer o necessario augmento; porque não podemos admittir, que em interesses de esta ordem se fuja a sacrificios; nem a nação jámais os hade negar, quando conheça, que com consciencia e tacto se empregam na conservação da sua independencia.

É pois urgente, que se preste a maior attenção a um interesse tão vital para este povo. Pelo ruido de seus aprestes, saiba a Europa, que 'neste seu canto ainda existêssa briosa nação portugueza, disposta a sustentar a sua independencia, que tanto ama. Que 'neste bello solo, em que a historia e todas as tra-

dições testemunham que o sentimento de liberdade é innato, só ha corações que por ella palpitam, e pulsos para brandir armas que a defendam; mas que não ha escravos com pulsos para algemas. Que 'neste seu canto ainda tremula altivo em seu elevado pedestal das mais eminentes glorias o estandarte das sagradas quinas que a guiou para a presente epocha de civilisação; que, firmado em raizes de mais de sete seculos, não cederá a qualquer sópro; e que, se uma negra ingratidão levar a Europa a voltar-lhe as costas, determinando por um despotico e barbaro decreto a sua queda, caia embora, mas com o estrondo e gloria dignos da sua gloriosa existencia.

O descuido em que estão as cousas militares, assim como tudo o mais, em Portugal, provém de um espirito de negligencia, que ultimamente se tem inoculado em o nosso character nacional. Mimoseados com o mais bello clima, e accumulados de favores da natureza, não propendemos muito para cansar os espiritos com investigações moraes, que dêem impulso aos interesses materiaes, e um logar distincto e invejavel no meio dos povos civilizados.

Este defeito nacional é a maior causa do atrazo e difficuldades, com que seguimos os povos mais adiantados; que forçados, por fugirem á miséria, a que os condemnava o desfavor da natureza, conquistam com o seu desinvolvimento intellectual, um desinvolvimento material que lhes proporciona uma superior posição de bem-estar, força e consideração.

Com mais razão poderia Portugal gozar estas vantagens, se para as conseguir, empregasse eguaes meios. E é indubitavel, que jámais sahirá d'esse estado de debilidade, sem que com acerto e firmeza encete tão vantajosa carreira.

Este era o systema que desde muito tempo se deveria ter seguido em Portugal, e sempre será o unico, pelo qual se lhe pôde cimentar uma prosperidade futura, que lhe proporcione força e recursos, que são a melhor base em que se pôde firmar a sua independencia.

A muita consideração que nos merecem os interesses economicos d'este paiz nos levará a occupar-nos d'elles em alguns dos momentos de que possamos dispôr, para expender nossas ideias pela imprensa; não por enquanto; porque, pela gravidade da actual situação politica, antepomos quanto respeito aos meios de defesa patria, sobre o que, havemos em primeiro logar fazer algumas considerações. Entendemos que se não deve perder tempo, em fomentar quanto possivel seja, tudo o que nos possa fazer marchar no caminho do progresso; mas que o nosso primeiro cuidado em uma situação critica, seja o de salvar a liberdade patria: livres, poderemos emendar os erros passados, e recuperar a distancia que nos separa da posição que nos compete; mas como escravos, nenhuma outra missão podemos ter, mais que a de soffrer e curvar humilhados.

JOSÉ AUGUSTO CESAR DE VASCONCELLOS.

Abaixo publicamos a carta que um nosso amigo nos remetteu, na qual nos dá a sua opinião a respeito do titulo que pozemos a este jornal. Como não temos a devida auctorisação, omitimos o nome do nosso amigo, que aliás é respeitavel.

«Meu charo Augusto

«O novo titulo (é o do jornal), que me fez lembrar o *Feliz Independente* do Padre Theodoro d'Almeida, obra de san moral, que li em melhores tempos, merece reflexão, porque demanda assumptos em harmonia com o rótulo.

Tens pennas aptas, que manejem bem estes assumptos, e que tenham conhecimento dos factos historicos do tempo da restauração de 1640? Este memoravel acontecimento não foi, como o vulgo pensa, devido a uma lucta desesperada, alcançando nós, no campo da batalha, o triumpho da nossa independencia, a victoria da nossa nacionalidade roubada. Foi um conjuncto de circumstancias; foi a diversão das forças de Hespanha, que então era um vasto imperio, e que não só dominava a península iberica, mas a Italia, Hollanda, etc.; foi a guerra civil; foi, emfim, mais um facto providencial, que estava marcado no livro dos destinos das nações do mundo, do que um tenaz esforço de um povo opprimido.»

«Esta é a verdade, e tenho sobre este ponto principio assente.

Não te deixes levar por superfluidades, nem arrastar pela seductora expressão — *amor da patria*.»

«Que o homem tenha amor e afeição aos patrios lares, onde pela vez primeira viu a luz do dia, concebe-se, é natural, é nobre; que a estes chame o vulgo menos instruido e adiantado — *amor da patria* — é desculpavel; é uma expressão innocente, como innocente é o espirito que a dicta. Mas a patria, a verdadeira patria é o mundo.»

«O homem não é d'este, ou d'aquelle logar ou sitio. Aonde se dá bem e melhor pôde viver, é ahi sua patria, porque a patria é a terra, que é a mãe commum. E nem por isso abdica, nem renega da afeição que tributa aos patrios lares.»

«A prova do que te digo, é que nem sempre somos felizes na região em que nascemos: milhares de factos o confirmam e demonstram.»

«O teu jornal terá de responder sempre ás invectivas estrangeiras, mas com prudencia e tino diplomatico. Deverá reproduzir os bellos artigos do *Contemporaneo* de Madrid, e combater o folheto de M. Gullon, e d'outros.»

«É assim que eu entendo, que teu jornal corresponderá ao fim, que indica no rotulo. Olha que bons estadistas e economistas combatem a restauração de 1640, e é preciso não os offender, mas sim captivar e predispor a opinião europia, que, ha annos, se nos mostra acrimoniosa.»

«Garnier-Pagés, Girardin e outros, cujos nomes não tenha á mão, são nossos adversarios.»

«Finalmente, encheria uma folha de papel com considerações, apesar de ter longe valiosos auxiliares. Porém, se tens desejos no novotitulo, mãos á obra. Minha opinião, franca, e tenho que é prudente. É o que sahiu dos bicos da penna.»

Sobre os festejos do 1.º de dezembro, o Sr. J. A. C. de Vasconcellos, no seu bem escripto opusculo — *Os Portuguezes e a Iberia*, que ha pouco deu á luz, diz o seguinte:

«É digna do maior louvor a resolução que o bom povo portuguez tomou de appresentar o mais solemne protesto contra as loucas pretensões dos ibericos, com a muito significativa, nobre e bem entendida deliberação, de festejar o dia 1.º de dezembro, anniversario do equal e sempre glorioso de 1640, em que se arvorou o estandarte da independencia portugueza, quebrando-se os ferros do tyrannico, e sempre odioso jugo castelhano.»

«Ei-a, pois, portuguezes, festejemos com entusiasmo o dia 1.º de dezembro, anniversario d'aquelle em que nossos avós quebraram os ferros da mais ominosa escravidão; nada de insultos á vizinha nação, com cujo governo

ha hoje boa harmonia; se alguns hespanhóes apparecerem entre nós 'nessa occasião, seja-lhes feito o melhor acolhimento; seja um dever de todas as pessoas sensatas, embaraçarem que algum imprudente lhes faça o minimo vexame; mas se o seu fim de virem entre nós, fôr o de nos fazerem provocações, não sejam então poupados ao merecido ensino; será bom que se não esqueçam, que da raia para cá ha outro rei, e outra lei.»

«Por último, somos de parecer, e do coração desejamos que se festeje o dia 1.º de dezembro, sendo para sentir que haja uma só povoação que falte a esta demonstração nacional, mas entendemos que se não devem fazer preparativos muito dispendiosos; o prestigio a taes festas, dá-lh'o a generalidade e o entusiasmo; devendo reservar-se as bolsas patrioticas para alguma occasião em que o seu concurso seja não só tão significativo, mas de maior utilidade á causa da independencia da patria.»

Em junho do corrente anno, houve nos pagos do concelho uma concorrida reunião popular, a que assistiram as principaes pessoas d'esta cidade. Foi nomeada uma comissão central, e esta nomeou outras por freguezias, que denminou *filiaes*, a fim de que empregassem os possiveis esforços para que os festejos do 1.º de dezembro, anniversario da restauração e independencia de Portugal em 1640, se fizessem com o maior esplendor e magnificencia: mas são já decorridos quatro mezes, e as commissões ainda não deram começo aos trabalhos. Achamos pois de absoluta necessidade, que as respectivas commissões desde já dêem principio á honrosa tarefa que lhes foi confiada, e que se não poupem a fadigas e a sacrificios por obterem o melhor exito na missão de que se encarregaram.

Já que tocámos 'neste assumpto, é de nosso dever chamar a attenção dos dignos membros da comissão central para as diversas disposições dos artigos do projecto do programma, que o Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes appresentou, e que abaixo publicamos.

O pensamento é nobre e sublime; e cremos que merecerá a approvação de todo o paiz.

Artigo 17.º Sollicitar-se-ha da Mesa da Sancta Casa da Misericordia de Coimbra que 'num dia de tão grande regosijo publico amplie as suas esmolas ás familias e pessoas recolhidas e necessitadas; pedindo-se-lhe que as esmolas sejam distribuidas pela Mesa em corporação.

Art. 18.º O mesmo se sollicitará do Definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, em relação aos seus irmãos pobres ou enfermos, e que a distribuição seja feita com a mesma solemnidade.

Art. 19.º Pedir-se-ha ás Ex.ªªª Sr.ªª Directoras da Associação Consoladora dos Afflictos que tambem exerçam 'naquelle dia a sua humanitaria missão, distribuindo o maior numero de esmolas, que fôr compativel com os fundos do cofre da sua Associação.

Art. 20.º Sollicitar-se-ha da beneficente Direcção do Asylo da Infancia desvalida, que no referido dia se celebre missa na capella do Asylo, e que seja distribuido ás crianças alli acolhidas um jantar mais mimoso que o commum; pedindo-se ás Ex.ªªª Sr.ªª Protectoras que acompanhem as crianças, tanto 'naquelle acto religioso, como durante o jantar.

Art. 21.º O mesmo se sollicitará da Mesa da Sancta Casa da Misericordia, em relação aos alumnos dos dois collegios de orphãos a cargo da dicta Sancta Casa.

Art. 22.º Igual sollicitação se fará á Direcção do Asylo de Mendicidade, relativamente ao jantar dos asylados.

Art. 23.º A sôpa distribuída aos presos pobres da cadeia será neste dia augmentada e melhorada, indemnisando-se o fornecedor da despesa que accrescer, mediante prévio ajuste quanto á quantidade das rações, que houverem de ser distribuídas.

Art. 24.º Com a necessaria antecedencia se sollicitará das autoridades judiciaes a classificação moral dos presos existentes na cadeia de Coimbra; e em vista d'essa classificação se impetrará do Poder moderador a graça do perdão para dois ou tres presos; e, sendo deferida esta supplica, serão postos em liberdade no dia 1.º de Dezembro do corrente anno, com todas as solemnidades de que este acto deve ser revestido, para no futuro poderem ser apresentados á clemencia real, e obter o indulto de suas penas.

Art. 25.º Nos claustros de Sancta Cruz será distribuído um bôdo aos pobres que se apresentarem com bilhetes, que lhes terão sido escrupulosamente distribuídos pelas Auctoridades administrativas parochiaes, d'accôrdo com os reverendos parochos das respectivas freguezias da cidade, que serão convidados para assistir á distribuição do bôdo, que será feita sob a inspecção dos mesmos reverendos parochos.

Art. 26.º Sem de fôrma alguma se desattenderem as prescripções da sciencia, sollicitar-se-ha da direcção dos hospitaes da Universidade que no mencionado dia seja distribuída aos doentes uma alimentação, que, com quanto conveniente ao estado de cada um d'elles, possam, ao menos, os convalescentes, conhecer que seus irmãos menos infelizes se não esqueceram dos que estão jazendo no leito da dôr, e por isso infelizmente privados de todo e qualquer prazer.

Art. 27.º Os mendigos doentes, que apparecerem naquella dia na cidade, como succede em todas as occasiões de grande concurrencia, serão caridosamente conduzidos ao claustro de Sancta Cruz, e alli conservados e alimentados durante o dia, para evitar que vão collocar-se nos sitios de maior passagem, ou que transitem pelas ruas que devem ser percorridas pelos dois prestitos acima mencionados.

Art. 28.º Propôr-se-ha á Direcção do Asylo de Mendicidade, que dê o seu assentimento para que alli sejam recolhidos alguns mendigos, que pelo seu estado de indigencia se tornem merecedores d'esta caridade; preferindo-se os que apresentarem estado de cegueira, ou deformidades; devendo os agraciados ter ingresso no Asylo no referido dia 1.º de Dezembro de 1861.

Art. 35.º Para que as sobras, tanto da quantia votada pela Camara para estes festejos como da subscripção que para o mesmo fim se deve promover, tenham applicação util e humanitaria, serão entregues ao Asylo de Mendicidade de Coimbra, como compensação pelo encargo de receber os novos asylados; para que o Asylo possa de futuro assumir as proporções a que deve ser elevado como Asylo districtal.

Abaixo publicámos o relatorio e contas do Monte-Pio da Imprensa da Universidade, relativas ao anno de 1860 a 1861.

A direcção é digna dos mais bem tecidos elogios, pelo zelo que empregou durante a sua gerencia, pelo augmento e prosperidade d'aquella associação.

Senhores: A ausencia do presidente nato

da assembleia geral, assim como a do presidente e secretario da direcção d'este Monte-Pio, obstruiu a que nos poderíamos reunir no dia proprio para celebrar-nos o 12.º anniversario da installação do nosso Monte-Pio: tendo por isso de ser adiada a reunião d'esta assembleia, só hoje podemos vir cumprir com o dever que nos impõem os estatutos, qual é o de prestar-vos contas da nossa gerencia durante o anno que findou em 31 d'agosto ultimo, e depôr em vossas mãos o laborioso cargo que nos confiastes.

Ahi tendes patente a conta geral da receita e despesa do nosso Monte-Pio: por ella consta que a receita, incluido o saldo que nos foi passado do anno anterior, subiu á quantia de 836\$065, e a despesa á de 119\$195 réis; sendo o saldo existente em cofre, no sobreredito dia 31 d'Agosto, a quantia de 716\$870 réis. A este saldo accresceu a quantia de 10\$800 réis, importancia das quotas cobradas neste mez de Setembro.

A direcção pouco tem a dizer-vos ácerca da receita. A cobrança das quotas e dos juros das dividas contrahidas no anno da nossa gerencia, e mesmo d'algumas anteriores, andou sempre regular, excedendo qualquer d'estas verbas a importancia de eguaes verbas cobradas na maior parte dos annos anteriores, como é facil de verificar.

A verba dos donativos, na importancia de 7\$025 réis, tambem excedeu a do anno passado, sendo o mais importante aquelle que nos foi offerecido pelo nosso digno facultativo, o ex.º sr. dr. Raymundo Venancio Rodrigues, por ser a cedencia de metade da sua limitadissima gratificação. Não nos deve tambem ser indifferente a pequena verba offerecida pelo Ill.º sr. Olympio, administrador d'este estabelecimento, porque revelaria o apoio moral que nos presta, se nos não fôra bem patente o decidido amor que consagra a esta associação. Recebam pois estes senhores, e em geral todos os nossos benfeitores, a expressão sincera da nossa gratidão, e agradecimento.

Em quanto á despesa, tambem este anno a verba dos soccorros na importancia de 72\$500 réis, excedeu a do anno anterior, apesar de ser menor o número dos socios doentes o que revella serem as doenças de maior gravidade.

A verba do receiptuario subiu tambem á quantia de 21\$135 réis, sendo 1\$050 réis a importancia dos remedios aviados na pharmacia do sr. Manoel Abilio Simões de Carvalho, pela urgencia com que eram reclamados na última doença do socio Antonio Dias, e o resto, na importancia de 20\$105, foram aviados na do sr. Luiz Botelho. Ambos estes senhores são crédores dos nossos cordeaes agradecimentos pelo consideravel abatimento que nos fizeram e boa vontade com que se dignaram servir esta associação.

O funeral do nosso consocio Antonio Dias, cujo fallecimento tivemos de lamentar no dia 24 de Fevereiro ultimo, foi feito com a decencia devida; e com quanto fosse excedida a verba de 6\$000 réis, que vae incluida na despesa, esse accrescimento foi supprido por subscripção, em que teve a maior parte o ill.º sr. administrador d'esta imprensa, visto os estatutos nos não auctorisarem a dispender mais do que aquella quantia, na verdade limitadissima para se poderem celebrar taes actos com o decoro que exige esta sociedade. A direcção já agradeceu á *Philharmonica Conimbricense* o distincto obsequio, que nos fez, de acompanhar gratuitamente o feretro d'aquelle nosso consocio, e agora, em nome de toda a associação, aqui novamente lhe presta um testemunho irrefragavel da sua gratidão e sympathia.

Cumpre-nos agora declarar-vos, que nos saldos que têm passado de uns para outros annos vae sempre involvida a verba das dividas, e por isso julgámos dever continuar com o mesmo systema. Pelo mappa das nossas contas vereis, que o saldo, que passámos em metal, excede aquelle, que recebemos da direcção anterior, na quantia de 126\$365 réis, e que a importancia das dividas que passámos é menor do que a que nos foi passada, conseguindo diminui-la na quantia de 43\$295 réis.

Ácerca das restantes verbas, tanto da receita como da despesa, nada mais accrescentaremos. Todas ellas se acham devidamente escripturadas e documentadas: eis ahi patentes os livros e documentos respectivos — examinaí tudo, e depois julgai-nos.

A direcção, ao terminar este imperfeito relatorio, não pôde deixar de nelle registrar mais um acto de extrema philantropia e generosidade. Referimo-nos ao desinteresse e caridade com que o ill.º sr. José Maria Pereira Coutinho tomou a seu cuidado o tractamento clinico da derradeira molestia do nosso consocio Antonio Dias, prestando-se d'ahi em diante a substituir gratuitamente o nosso digno facultativo, quando estivesse impedido durante o desempenho de suas importantes funcções academicas, ou civis. Mil graças lhe sejam dadas.

Não devemos tambem esquecer os importantes serviços, que nos tem prestado o sr. Luiz Candido, na qualidade de cirurgião da sociedade, pelos quaes se torna digno de louvores.

Como sabeis, senhores, a nossa associação foi contemplada com a distribuição do jornal *Conimbricense*, sendo a importancia da sua assignatura satisfeita pela benemerita sociedade Madrepora, instituida no Rio de Janeiro. Os serviços prestados ao paiz por aquelles nossos compatriotas, são superiores a qualquer elogio; e por isso, tributando-lhe aqui os nossos agradecimentos, ousamos pedir, e é de esperar, que aquella prestante associação amplie a sua obsequiosa offerta, mandando que tambem sejamos contemplados com o *Archivo Pittoresco*, de que a referida sociedade manda distribuir alguns milhares de exemplares.

Permitti agora, senhores, que em breves palavras, façamos ao resumo de nossos actos: — cifram-se elles na fiscalisação e zelo pelos interesses da associação, e na justa distribuição das garantias devidas aos associados. Temos a convicção de que cumprimos com o nosso dever; porém, se a nossa consciencia nos illude desculpae-nos os erros, porque são filhos de ignorancia e não de vontade. Oxalá que a nova direcção, que ides eleger, remedie as faltas involuntarias que possamos talvez ter commettido, possa levar a effeito os melhoramentos que o seu ardente zelo lhe sugerir, conseguindo a consolidação, o augmento e o esplendor da sociedade, a que todos nos ufanámos de pertencer.

Sala das sessões do Monte-Pio da Imprensa da Universidade, 29 de setembro de 1861.

O secretario, servindo de presidente, José da Silva Bandeira.

O thesoureiro, Adrião Marques.

Conta geral da receita e despesa do Monte-Pio da Imprensa da Universidade desde o dia 26 de agosto de 1860 até ao dia 31 de agosto de 1861.

Receita
Saldo que passou do anno antecedente: 101
Em dinheiro metal. 187\$035 | 633\$800
Em dividas ... 446\$765 |

Transporte.....	633\$800
Recebido de quotas semânaes...	161\$860
Idem de gratificações.....	29\$260
Idem por conta de diplomas....	3\$520
Idem de multas.....	600
Idem de donativos offerecidos....	7\$025
<hr/>	
Somma réis..	836\$065

Despesa	
Soccorros abonados a dezeseis socios doentes.....	72\$500
Recetuario para os socios doentes	21\$155
Funeral do socio Antonio Dias..	6\$000
Compra de um livro para assentamento das quotas.....	340
Gratificação ao facultativo, o ex. ^{mo} sr. dr. Raymundo.....	12\$000
Dicta ao cirurgião, o sr. Luiz Candido.....	7\$200
<hr/>	
	119\$195
Saldo que passa para o seguinte anno, em metal... 313\$400	716\$870
Dicto, em dividas... 403\$470	
<hr/>	
Somma réis....	836\$065

Monte-Pio da Imprensa da Universidade,
31 de agosto de 1861.

O Secretario, José da Silva Bandeira.
O Thesoureiro, Adrião Marques.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

Recommendâmos á attenção dos leitores a seguinte carta:

«Napoles 14. — Um correspondente, para ser honrado, deve ser veridico, e para ser veridico deve separar da sua imaginação tudo o que d'ella proceda, tendo o valor e a longanimidade de contar o exacto, o que realmente souber, sem consideração, que lisonjeie ou repugne aos seus sentimentos.

Ha um anno que estudo com toda a attenção os negocios do meu paiz, e nem uma só vez tenho querido separar-me d'esta regra de proceder; julgando que me não tenho separado, pois que não tenho mencionado factos cuja exactidão não se tenha visto confirmada, e que não tenho aventurado apreciações sem lhes poder dar solidos fundamentos. Recordo este merecimento porque me parece opportuno fazel-o, e entro no vivo, por assim dizer, da correspondencia.

A circular de Ricasoli continha affirmações admiraveis sobre a natureza, fins, objecto, marcha, tendencia, origem e forças da reacção realista. A circular de Ricasoli negava tudo o que é verdade, afirmando tudo o que é mentira. É livre para a imprensa official, ou officiosamente mentirosa, crer ou deixar de crer na duplicidade pyramidal do governo de Turin; e é tanto mais natural que proclame essa imprensa as suas denegações heroicas, quanto é sabido que não conhece a Italia, nem os seus povos, nem a sua historia, nem as suas aspirações; porém livre deve ser-me tambem a mim dar um desmentido á circular e á imprensa que repete as suas calúnias, e ao mesmo tempo sollicito d'ella que me perdôe.

Hoje posso dar-vos os dados mais precisos e exactos sobre a insurreição e seu estado no reino, desafiando os agentes do poder a que desmintam as minhas noticias.

Nos ultimos dias do mez d'agosto, nas alturas de Montevergine, juncto d'Avellino, concentraram-se partidas bastante fortes, sob o commando de chefe mui resolutivo: Cipriani.

As massas de realistas subiam a 3,000 homens. O general Pinelli resolveu cercal-os no dia 1 e 2 de setembro. Eis aqui o seu plano d'ataque: Primeiramente estabeleceu o seu quartel general em Avella, onde concentrou o grosso das suas tropas, para servir de base ás suas operações. Esse centro estendia-se em duas alas prolongadas, nas quaes estendia as suas forças, desde o Castellejo d'Avella, no qual collocou duas companhias, até Monteforte rodeando assim Avellino, Mesogliano, Luisimonte e outros pontos estrategicos, occupados além d'isso pelas suas tropas.

Nas alturas de Monteforte collocou 400 bersaglieri: o completo das forças de Pinelli passava de 22,000 homens.

Os bersaglieri começaram vivamente o ataque, foi encarniçado em ambas as partes, e durou muitas horas. Houve muitos mortos de parte a parte; porém o total das perdas dos realistas não pôde fazer-se constar; em quanto ás dos piemontezes, só em feridos tiveram 200 homens. O combate cessou por então, cansados em extremo os bersaglieri; porém mal se tinham entregado ao descanso, quando foram surpreendidos pelos realistas, que lançando-se impetuosamente sobre elles e desbaratando-os, romperam a linha de circumvallação tão sabiamente estabelecida por Pinelli, penetrando com toda a felicidade e grande damno dos inimigos nos montes do Tuburno, a dar a mão aos insurgentes de Nola, Benevento o Capitanata.

Esta formidavel expedição terminou como a do Matese: deu em resultado o mesmo vacuo, nem mais nem menos que a circular de Ricasoli.

A partida que penetrou no Tuburno, augmentada com a de Montevergine, occupa hoje todo o valle d'Arienzo, S. Bartholomeu, e até juncto de Lucera, na Pulha, resguardada por fortes posições e em communicação com as partidas do Matese, nos confins dos Abruzzos. Para conseguir este resultado houve fortes combates, nos quaes foram derrotados os guardas mobilizados. Porém tudo se explica sabendo que o povo todo fraternisa com os realistas, e os soccorre e auxilia de todos os modos, já levando-lhes viveres, já alojando-os em suas casas e tractando os feridos, já auxiliando-os nos combates quando encontram occasião propicia. A opposição do povo aos piemontezes e aos guardas mobilizados é grande, e comprehende-se; pois estes não penetram nas aldeias sem commetterem brutalidades, cuja relação não é possível fazer nem escutar.

Na Basilicata, todas as montanhas e os bosques do Voltorno estão occupados por numerosas partidas, sob o commando de Crocco e Caschetta.

Neste momento acabo de saber que um antigo guerrilheiro hespanhol, Borges, desembarcou no principado de Tarento com uma partida bastante forte, e vindo de Malta. Ao passar o territorio napolitano deu um entusiastico viva a Francisco II.

Para combater os realistas dispõe Cialdini de uma força que antes passa que baixa de 100:000 homens. Conseguirá o seu objecto? Não, não ha ninguem que o creia: elle mesmo sabe que, se, occupando militarmente o paiz, pôde contel-o por algum tempo e reprimir a insurreição, a insurreição se levantará potentissima na primeira conjuntura; sabe que o reinado dos piemontezes é ephemero como o seu triumpho.

Julgue-se, pois, dos embustes diplomaticos e militares que vêm de Turin ou sahem de Napoles forjados por Cialdini ou Ricasoli! O veu d'infamia, com que se queria occultar a situação, levantou-se, e já a Europa conhece as faltas, os crimes, os actos ferozes d'estes li-

bertadores. Todo o homem de coração tem direito de protestar, em nome da humanidade, contra esta vasta carnificina que organisaram os piemontezes, esses piemontezes, secctarios atrozes d'uma unidade monstraosa, contra um povo que os aborrece e abomina. Não; o ferro e o fogo nada poderão contra a heroica resistencia d'um povo que lucha orgulhosamente pela reconquista do seu paiz invadido.

Já esse povo, a quem chamam bandido, faz empallidecer numerosos batalhões. Pobres aldeões desafiavam valorosamente a morte todos os dias em frente dos soldados aguerridos; todos os dias morrem muitos d'elles; mas dizem-mam o exército inimigo. Um morto nas fileiras dos realistas levanta dez inimigos contra os piemontezes; em tanto que nestes um morto forma um vacuo que não se pôde encher.

Sim, piemontezes: chegastes a ponto de serdes mais dignos d'odio, que de piedade; arrastados por um erro fatal, estaes comprometidos por elle de tal maneira, que não ha força humana que possa libertar-vos da terrivel catastrophe que se balanceia sobre vossas cabeças. Como e porque parte apparecerá a justiça do povo? Ainda ninguem o sabe; mas ninguem ha tambem que deixe de achar-se sob a impressão d'um sinistro presentimento que chega involto num murmurinho mysterioso da vingança que troa ao longe, e guarda para a arremessar terrivel sobre os tyrannos a cólera que as suas impiedades e crueldades acenderam no coração d'este povo catholico e monarchico como poucos.

PASMATORIO

Pedido — Tendo de dirigir o nosso jornal a muitos individuos que até hoje ainda se não dignaram assignal-o, rogâmos-lhes a especial graça (mas não de graça) de nos prestarem o apoio de que tanto carecemos para a sustentação de *Portugal Independente*. Se por ventura a nossa supplica não for attendida, esperâmos ao menos que no curto espaço de oito dias nos devolvam este exemplar e o nome da pessoa que rejeita, a fim de lhe suspendermos a remessa. E quando assim não aconteça, é evidente que o nosso pedido teve acceitação.

A importancia da assignatura por trimestre é tão diminuta, que não sabemos quem deixará de concorrer com ella para um tão justo fim.

Eleição — A da commissão administrativa do Monte-Pio da Imprensa da Universidade teve lugar no domingo, 29 do corrente; e os socios mais votados foram os srs. Antonio Ferraz, presidente; Manuel Augusto de Seixas, secretario; João Correia dos Santos, thesoureiro; João Luiz Gonsalves e Ludovino Antonio da Cruz, fiscaes, todos typographos. Damos os parabens aos novos eleitos; e desejâmos que tomem na devida consideração o augmento e prosperidade dos negocios que lhes foram confiados.

Novo theatro — Ha quem sustente que é impossivel que a récita d'abertura do novo theatro de S. Christovão tenha lugar no 1.º de dezembro proximo futuro, fundando-se, dizem, em as obras se acharem muito atrazadas, e em haver apenas dois mezes de intervallo.

A commissão encarregada da direcção dos trabalhos não encontra difficuldade alguma em o theatro se abrir naquelle dia, porque diz que as obras estão muito adiantadas.

Qual das duas opiniões será a mais conforme? Nós temos que a segunda é a melhor; e dizemos isto porque sabemos que os ensaios começam brevemente.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO A S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Os srs. Assignantes das provincias muito nos obsequiam se desde já satisfizerem a importancia do primeiro trimestre, podendo entregal-a ao sr. director do correio da localidade; ou remetel-a á redacção por meio de valles ou estampilhas. A publicação no jornal do nome do sr. assignante da provincia que pagar, servirá de recibo.

E aos srs. directores de correios de novo rogamos o seu valioso auxilio.

Em Coimbra é feita a cobrança pelo sr. Antonio Porto, entregador do jornal.

Se porventura nos achassemos em melhores circumstancias, não começariamos já a fazer aquelle pedido.

Arborisação

Annuindo com a melhor vontade ao convite que nos foi feito, para darmos cabimento no nosso humilde periodico, á acta da reunião que foi celebrada no dia 29 do mez proximo passado, na villa da Figueira da Foz, por convite do ex.^{mo} governador civil d'este districto, ainda que completamente leigos na materia, acompanharemos esse documento com algumas reflexões que nos pareceram convenientes; pedindo com tudo nos sejam relevadas quaesquer faltas, que, pela importancia da materia e nossa incompetencia, forçosamente commetteremos na sua apreciação.

A necessidade e vantagens da arborisação em grande ou pequena escala, é um facto incontroverso; e já a imprensa periodica tem superabundantemente tractado essa questão e por forma tal, que hoje pouco ou nada podemos acrescentar.

As madeiras de construcção naval e terrestre — escaceiam, e póde dizer-se que as suas principaes fontes estão quasi esgotadas; assim como o estão as proprias para combustivel que se extrahia das cepas produzidas nas nossas serras, cuja falta se vae fazendo sentir entre nós, pela carestia do carvão; e maior e muito mais sensivel esta se tornaria, principalmente nesta cidade, se não fóra o coke extrahido do carvão mineral que em larga escala suppre aquella falta. Muitos dos proprietarios de terrenos montanhosos, proximos e sobranceiros ao Mondego e seus afluentes, mal avisados têm andado destruindo os arvoredos, e substituindo-os pela cultura de cereaes; soffrendo assim graves prejuizos, pela destruição dos fructos e dos proprios terrenos agricultados, causada pelas chuvas, que continuamente precipitam as terras no alveo do Mondego, perdendo num momento

as avultadas despesas, que em muitos annos têm feito; além de concorrerem por essa forma para o entulhamento dos rios e destruição dos fertes campos marginaes; ao passo que pela adopção do systema d'arboricultura, obteriam não só a conservação dos terrenos, mas um lucro abundante e permanente, e evitariam os males que estão causando, não só á agricultura em relação aos terrenos contiguos aos rios, mas especialmente a esta cidade e aos vastos campos vizinhos de todo o Mondego. O nosso litoral, desde a costa de Lavos até Mira, na extensão talvez superior a oito legoas, também, em grande parte, carece de ser arborizado, não só pela riqueza que de futuro d'ahi póde porvir, mas pela necessidade, ha muito reconhecida, d'evitar a continuação do movimento das areias, que ameaçam invadir e submergir não só os terrenos productivos que lhes estão proximos, mas ainda as povoações vizinhas, que já em grande parte estão soffrendo as consequências d'essa invasão.

Applicar pois prompto remedio a todos esses males, e promover ao mesmo tempo os melhoramentos e a riqueza que devem provir da sementeira immediata de penisco e plantação de outras arvores, conforme o exigirem as condições dos diferentes terrenos, é isso uma obra grandiosa, que ha muito anda na mente de todos; e a juncta geral d'este districto, nos seus relatorios e consultas dirigidas ao governo, têm representado a necessidade urgente de se darem promptas providencias a esse respeito; mas, infelizmente, a essas representações têm succedido o que geralmente succede a todas, quando tractam de melhoramentos districtaes.

As junctas geraes fallecem os necessarios meios para empresa tão arrojada, e nem mesmo poderiam conseguir cousa alguma de vantagem, sem o concurso das camaras legislativas e do governo. Este, involvido sempre nos negocios geraes do estado, mal póde prestar a attenção devida aos negocios districtaes, sem que alguém tome a iniciativa; as camaras municipaes, nos seus respectivos concelhos, muito poderiam fazer, mas falta-lhes a vontade e os bons desejos, porque a sua actual organização viciosa, e o facciosismo com que a maior parte d'ellas são eleitas, afastam de taes corporações o estimulo com que deviam empenhar-se em promover todos os beneficios e melhoramentos de que carecem e são susceptiveis os municipios.

Estudadas todas estas circumstancias, necessario era que alguém tomasse a iniciativa em negocio de tanta transcendencia, e felizmente assim succedeu, porque o ex.^{mo} governador civil d'este districto Antonio Vaz da Fonseca e Mello, apenas tomou conta da administração d'elle conscio dos deveres que como tal lhe cumpria desempenhar, foi seu primeiro cuidado examinar as grandes necessidades do mesmo districto, reconhecendo immediatamente que a principal d'ellas era a arborisação dos

terrenos montanhosos e baldios que bordam os rios e se comprehendem no vasto litoral, e começando a visitar alguns concelhos, deu preferencia aos da Figueira da Foz e Mira, e aproveitando a sua residencia naquella, onde o estado de sua saude o obrigou a tomar alguns banhos do mar,ahi mesmo, longe de gosar do ocio, que ordinariamente disfructa quem faz uso de tal remedio, se deu ao trabalho de continuar a estudar e examinar practicamente este importante negocio, e ahi o vemos tomar nelle a iniciativa, convidando a uma reunião os seus principaes habitantes, para lhe expôr a conveniencia de uma associação, que tomasse sobre si tão grandiosa empresa. Tal convite foi coroado dos melhores resultados, porque, como consta da acta que em seguida inserimos, foi unanime a approvação do pensamento de s. ex.^{ta}; ficando assim lançada a base indispensavel para a formação d'essa associação; e auxiliada essa iniciativa pela imprensa periodica de todo o paiz, cuja attenção ousámos provocar para tão importante negocio — por aquelles que lhes devem prestar apoio, — e por todos os habitantes d'este districto e mesmo de fóra d'elle, que certamente concorrerão a fazer parte da associação, tomando o número d'acções que os seus teres lhes permittirem. Se esse alvitre fór adoptado, confiámos que, constituída ella e mediante uma gerencia zelosa e activa, as vantagens publicas e particulares em breve se farão sentir; e o nome de s. ex.^{ta} será sempre pronunciado e ouvido com respeito neste districto, como o unico chefe que, até hoje, verdadeiramente soube comprehender a alta missão que lhe foi confiada.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e um, aos vinte e nove de setembro do dito anno, nesta villa da Figueira da Foz, e casas do tribunal Judicial, aonde eu primeiro amanuense da Camara Municipal no impedimento do escrivão da mesma Camara vim, e ahi presente o excellentissimo governador civil d'este districto de Coimbra, o commendador Antonio Vaz da Fonseca e Mello, o administrador d'este concelho, José Ricardo Pereira Cabral, o presidente da camara, o doutor José Joaquim Borges, e um grande número de cidadãos, que todos haviam sido convidados para esta reunião pelo dito excellentissimo governador civil, a fim de propor objectos de interesse d'este concelho; e logo o dito excellentissimo governador civil, tomando a cadeira da presidencia, fez á assembleia uma proposta, depois de indicar e demonstrar os seus fundamentos; e a proposta é a seguinte: — que sendo da mais instante e urgente necessidade fazer-se sementeira de penisco, e plantação de arvores em os baldios d'este districto, e especialmente nos do litoral, aonde as areias estão invadindo os fertes terrenos e importantes

povoações, e não podendo as camaras municipaes, por seus próprios recursos, attender a objecto de tanta transcendencia, nem tão pouco o governo do Estado, em razão das muitas obras de interesse geral a seu cargo, propunha a formação de uma sociedade, que por meio d'acções e pela fórma e maneira, que em futuro se ha de deliberar, faça progressivamente aquella sementeira: e dando a palavra a qualquer dos cidadãos presentes, estes todos unanimemente aplaudiram, e approvaram a iniciativa tomada por sua excellencia em objecto de tão reconhecida necessidade, como a formação de mattas, e de muitas e consideraveis vantagens para o districto; e todos se manifestaram dispostos e deliberados a fazer parte da sociedade proposta, segundo a força de cada um, quando, depois de empregados os meios competentes, se assentem e reconheçam as bases, sobre que deve formar-se a mesma sociedade. E, não havendo mais coisa alguma a tractar-se, se fez a presente acta, que vae assignada pelo dicto excellentissimo governador civil, administrador do concelho, presidente da camara e mais cidadãos presentes: e eu Ricardo Fernandes Thomaz no impedimento do secretario da camara municipal a escrevi.— Está conforme.— Secretaria do Governo Civil de Coimbra, 3 de Outubro de 1861.— O secretario geral, Diogo Annes de Magalhães Villasboas.

Hespanha e Portugal

Por sentimento e por instincto se reconhecem as mais importantes verdades, ainda antes que o raciocinio as demonstre, e explique os fundamentos em que se baseiam. É uma d'estas verdades, que na península em que habitamos ha duas nações distinctas — a portugueza e a hespanhola. Se houvera dois estados e uma só nação, os estados facilmente se junctariam. O difficil, o ponto mais que impossivel, é junctar, é fundir as nacionalidades. Assim é que nós, sem embargo de sempre havermos acariciado o pensamento da união iberica, tambem sempre considerado esse pensamento mais como uma sublime aspiração, quasi irrealisavel, ou só realisavel num remoto porvir, que como um plano politico, para cuja realisação e complemento já estejam preparados os animos e as coisas, e que sem custo possa levar-se ao cabo, com boa vontade, audacia e fortuna.

O exemplo da Italia, ainda suppondo que a revolução italiana chegue a prospero termo, não deve por modo algum allucinar-nos, nem mover-nos á imitação. São mui diversas as circumstancias em ambas as penínsulas. Alli, ou não ha nação, ou ha de haver uma Italia; aqui ha duas nações, e ainda por ventura durante seculos continuaria a haver duas nações, embora ambas, ou por uma revolução, ou por conquista, ou por enlace régio, viessem a constituir um só Estado.

Genova, Veneza, Pisa e Amalfi, foram poderosas e gloriosas républicas; porém, não existiram como nações. Não é mistér buscar razões, basta o senso commum, basta o ouvido para perceber que soam disparatadamente estas phrases — a nação pisana, a nação genovesa, e até a propria nação milanesa ou napolitana. Na Italia, porque a historia ou o destino, porque Deus, em summa, assim o quiz, não ha senão uma só nação, embora tenham havido numerosos e independentes estados — senhoria em Veneza, ducado em Milão e reino em Napoles.

Na nossa península acontece o contrario. Portugal, ainda que é uma nação irman, não faz parte, não é mesma nação hespanhola. É

tão grande a historia de Portugal, que não pôde perder-se, nem confundir-se na historia de outro povo.

Não é esta, contudo, a maior difficuldade. Grande, heroica, admiravel, é tambem a historia de Aragão, que igualmente não pôde perder-se nem confundir-se em qualquer outra; e sem embargo, a nacionalidade, a autonomia aragoneza, na conjunctura opportuna, veio a amalgamar-se com a de Castella, constituindo ambas a nacionalidade hespanhola. A maior difficuldade é que a conjunctura opportuna, o momento propicio em que a junção fóra facil, passou ha muito tempo. Desde então têm-se feito cada vez maiores as differenças que nos vão separando, em lugar de nos unirem.

Naquelles bons tempos de mútua prosperidade, quando portuguezes e castelhanos dividiamos o imperio dos mares nunca d'antes navegados; naquelle bons tempos, em que o poeta podia dizer, em louvor da *nobre Hespanha*, que era a cabeça da europa toda, e Portugal o cume da cabeça, em que podia duvidar fallando dos portuguezes, qual era:

..... mais excellente.

Se ser do mundo rei, se de tal gente;

emfim, naquelles bons tempos dos reis catholicos e de D. João III, quando o papa Alexandre VI,

Uma linha lançando ao céu profundo,
Por Fernando e João reparte o mundo

e em que, sem nota de vaidosos nem de fanfarrões, podiamos fazer dizer aos nossos heroes:

Do Tejo ao China o portuguez impera,
De um pólo a outro o castelhano vóa,
E os dois extremos da redonda esphera
Dependem de Sevilha e de Lisboa;

naquelles bons tempos, repetimos, sem que as sobressaltassem receios, nem pungissem infortunios, ambas as nações podiam estreitar-se e confundir-se no cume da grandesa e da gloria, como Aragão e Castella se confundiram. Porém, depois do desastre de Alcacer-Quibir, a nação portugueza, humilhada e moribunda, sujeita e prostrada sob o sceptro de ferro de Philippe II, não pôde unir-se, embora tivesse de submeter-se a Castella. Assim é que a revolução de 1640 veio a ser indispensavel; foi o renascimento de um povo que morrêra, ou que gemia escravo, cuja gloria eclipsada era mistér que volvесе a recuperar o seu brilho. O dominio dos Philippes roubou a liberdade áquelle povo, e não lhe deu força nem amparo. As ricas colonias, o Brasil, hoje tão próspero imperio, porventura houveram sido melhor defendidas pelos portuguezes sós, apesar da sua prostração, que pelo possante, porém mal governado poder da Hespanha.

Não se estranhe pois, que os portuguezes suspirassem pela perda independencia, e que a recobrassem. Com ella parecia renascer a passada gloria, e algo do passado poderio. A subida ao throno da casa de Bragança foi mais popular que a da nobilissima e heroica dynastia de Aviz. Desde então a separação entre a Hespanha e Portugal fez-se cem vezes mais profunda, a rotura mais difficil de soldar, os signaes caracteristicos de ambas as nacionalidades mais proeminentes e diversos.

(Continúa)

A França em Roma

Terminou a deploravel questão, a que deu o nome Mons. Merode.

A França, fiel á moderação dos seus sentimentos e da sua conducta, acceitou a satisfação offerecida pelo governo pontificio. As relações directas estabelecidas entre o general Goyon e o cardeal Antonelli são uma destituição moral, imposta como castigo ao ministro das armas pela cõrte de Roma.

Ao nosso paiz é sufficiente esta satisfação, por isso que não procura nos arrebatamentos de uma paixão extraviada, pretexto para renunciar á sua abnegação; e é sufficiente á França, principalmente quando parte de um soberano, ha doze annos, protegido pelas nossas armas, e servido pela nossa gloria.

Mas, mesmo antes d'esta solução, como antes do escandalo produzido por um odio, cuja violencia é de todos sabida, fica intacta a questão da occupação de Roma pelas nossas tropas, com as difficuldades a ella inherentes, com as impaciencias que a nossa attitude provoca, e com os interesses amparados pela nossa bandeira.

Havemos de continuar em Roma a defender a inviolabilidade da independencia da Santa Sé, ou, se nos retirarmos havemos de desinteressar a França nesse terrivel problema, deixando ao pontificado e á Italia a carreira dos seus destinos? Tal é hoje, em vista das desintelligencias suscitadas entre as cõrtes de Roma, e de Turim, o elemento essencial da questão romana.

Pois bem; não vacillemos em dizel-o; nas circumstancias actuaes, a retirada das nossas tropas daria o triplice resultado de enfraquecer o poder moral da França, de comprometter o pontificado e de condemnar a inevitaveis perigos a independencia italiana.

Em quanto ao pontificado, estão patentes os perigos que ameaçam o seu poder, sendo suspeito para a Italia e achando-se isolado na Europa, da qual todos os governos, á excepção da França, o combatem ou o abandonam.

Tambem não é possivel occultar por outro lado, que a unidade italiana se acha mal estabelecida, que está cheia de luctas internas de disturbios, e de inquietações, para o futuro; neste esforço de um povo que procura as condições da sua independencia, a unidade é um ensaio e não um resultado.

A respeito mesmo da Italia, o governo de Turin tem uma tarefa immensa a cumprir a pacificação do Meio Dia, a reconciliação na patria commum de povos cuja historia vem separada por espaço de dez seculos. A respeito da europa, tem a responsabilidade da sorte da península, e o seu interesse e o seu dever lhe ordenam que affaste quanto poder tornar-se causa da irritação e de susto para a consciencia pública.

O reconhecimento do reino da Italia pela França, tambem não consagra a nova ordem de coisas, nem poderia servir-lhe de garantia porque envolve reservas formaes sobre todos os pontos que separam a politica do gabinete das Tulherias da cõrte de Turim.

Considerações de uma ordem superior aconselharam este acto, e bastam ellas para o explicar: a França nem diante da historia pôde ser responsavel pelas soluções que não promoveu. A dignidade oppõe-se a que haja de acceitar ou de offerecer solidariedades retrospectivas, e a sua lealdade lhe impede suscitar obstaculos ao que deixou succeder, desaprovando-o.

Se o governo imperial tivesse persistido, porém, no rompimento diplomatico motivado pelas emprezas do Piemonte no reino de Napoles e nos Estados Pontificios, a unidade italiana teria perdido toda a auctoridade na europa e principalmente na Italia: a reserva do nosso paiz teria sido uma arma para todas

as paixões hostis, e os partidos da unidade teriam lançado sobre a França a responsabilidade de um contratempo.

Ao governo imperial, não podia convir uma situação semelhante, que seria desconhecer os seus interesses e calumniar os seus actos. Pelo contrário, no interesse de todos é preciso que livremente se desembarace o movimento que arrasta a Italia. Se a unidade é possível sem atacar as bases essenciaes da ordem politica e social da europa, a França não a entorpece: se ha de mallograr-se, não appareça a mão da França na sua derrota; e na hora das decepções, suppondo que os reveses sobrevieram, reconheçam a sua falta de condições de vitalidade os que a quizerem e ensaiarem.

Longe de ser uma prenda para a revelação, o reconhecimento do novo reino contribuiu para tornar mais livre a acção politica do nosso paiz. E, em circunstancias taes, quando bandos rebeldes percorrem todas as provincias do sul, havia de aconselhar-se á França que resolvesse as difficuldades italianas?

A sahida das nossas tropas não podia deixar de ser o signal das mais funestas agitações.

Abandonaria a Italia ao movimento revolucionario que procura arrastal-a, e, apenas contido pela mão habil dos seus homens de estado, abria os conselhos do rei aos partidos extremos, que querem converter a corôa de Victor Manuel em prenda das suas insensatas tentativas, e a final exporia o poder politico do pontificado a uma ruina certa, que devemos prevenir, para não ter necessidade de remediar.

Só as paixões reaccionarias podem explorar a desordem que se seguisse a taes commoções, e a deferencia do nosso governô com desejos temerarios não teria outra consequencia mais do que restituir probabilidades favoraveis á causa perdida do dominio d'Austria.

Sim. Esta politica, seria ao mesmo tempo anti-franceza, anti-italiana e anti-liberal; seria o abandono dos interesses nacionaes e religiosos de que somos defensores.

É pois necessario que a França permaneça em Roma, protegendo a Italia contra as facções que a agitam, e o pontificado contra a revolução que o ameaça.

Exige-o interesse da Italia, cuja temeridade a levaria ás catastrophes; o interesse do papado, a quem a França não pôde abandonar, fiel ás tradições da sua historia; o proprio interesse da nossa França, para a qual, não devemos esquecer-o, a questão italiana é comtudo uma questão franceza.

No problema hoje pendente estão em acção duas grandes causas; pôde dividil-as o espirito de partido, mas nos seus disvellos une-as a politica tradicional da nossa patria.

Estas causas são: a emancipação da Italia livre da sua secular escravidão; a su-tentação do pontificado, reconciliado com o genio dos tempos modernos e protegido pela abnegação dos povos contra as ameaças da revolução.

E na presença das nossas tropas na cidade eterna, consiste a garantia d'este duplo interesse.

A França, que consomme doze annos em Roma, com o fim de proteger o poder temporal do soberano pontifice, e de constituir a sua influencia politica do outro lado dos Alpes; a França, que destruiu o dominio da Austria, ganhou as batalhas de Magenta e Solferino, mudou em proveito da Italia o direito dos tratados de 1815, e que, para conseguir estes grandes resultados, sacrificou 50:000 homens, e 350 milhões de francos, não abandonará, quando a sorte da Italia ainda está incerta, o posto em que defende unidos o pon-

tificado, a independencia italiana e a sua propria influencia.

De um alfarrabio manuscripto de 1640, copiámos esta poesia feita á feliz acclamação de el-rei D. João IV.

No grande anno fatal décimo oitavo
Do Pontifice Summo, oitavo Urbano,
Imperando Fernando em Allemanha,
E reinando em França Luduvico, o bravo;
Tendo Amurate o grão sceptro Othomano,
Governando Philippe a nobre Hespanha,
Ó maravilha estranha!
Em João foi confirmada
A palayra divina;
Em João, successor de Catharina,
Phenix real a quem foi usurpada
A corôa Lusitana,
Que da cabeça já cahiu tyranna.

Ao primeiro Affonso o rei supremo
Prometteu de attentar com piedade
Quando o reino estivesse attenuado:
Chegou de desventuras ao extremo
Portugal, e se viu na ferrea edade
De todos por defuncto já chorado;
Mas o Senhor lembrado
Com amor piedoso
Nos dá Principe Augusto,
João, rei portuguez, prudente, justo.
O seculo dourado mais ditoso
Com tal rei se renova,
E torna Portugal á edade nova.
Raros signaes, prodigios milagrosos,
Ó grande rei, nos mostram claramente
Que dom sois da Divina Providencia!
No dia em que acclamamos venturosos
O vosso doce nome, de repente
Reinou amor e cessou a resistencia.

A profunda sciencia
Do Apóstolo bradava:
Já é chegada á hora
De levantar irmãos, a vós sonora;
A piedosa igreja então cantava:
Ao rei esperado
O caminho lhe tende preparado.
Primeiro que o Messias se mostrasse,
No mundo se acabou toda a maldade:
Para entrar a ditosa Monarchia,
Antes que o vosso nome se acclamasse,
Cahiu Lucifer de nossa edade,
Acabou a suberba e tyrannia!
Já toda a prophecia
Vemos em vós comprida.

Sóis, ó João, mandado
Por Deus a Portugal, o desejado.
Foi principe da paz, rei da concordia
O Senhor que nos deu a lei da graça,
Ao mundo trazendo a mór bonança:
Ao vosso nome, ó rei, toda a discordia
Cessou, não ha perigo nem desgraça,
Cresce o amor, esquece-se a vingança!

Ó unica esperanza
Da portugueza gente,
Que, em vontades unidas
Offrece a vossos pés, bens, honras, vidas.
Reinae, Senhor, vivei eternamente;
E, atemorizado,
O mundo tema a um rei pelo ceu dado,
O qual a estrella mostrou ao Deos menino.
Tal o sol para o Austro remontando
No venturoso tempo vós mostrava.
Mas outro confirmou, sol mais divino,
O poderoso braço despregando,
Que de Christo piedoso a mão nos dava,
Quando vos acclamava
O grande sacerdote,
O Rodrigo zeloso
Auctor d'este successo milagroso,

Seguiam versos que nenhum sentido nos faziam, porisso os omittimos.

Para que o mundo todo advirta é note
Que, Portugal se ganha
Por um Rodrigo, nome infausto á Hespanha.

(Continúa)

Patria!

Não quero, patria perder-te,
Porqu'és livre como o ar,
Hei-de sempre defender-te
Se portuguez respirar.
Da liberdade és rainha,
O sangue das minhas veias
Darei por ti, patria minha!

Neste peito encanecido
Pulsa luso coração!
A pró ti hei combatido
E não combati em vão.
Reguei de meu sangue, a terra;
Pela cara liberdade
Pelejei em crua guerra!

Hoje podem inda meus pulsos
Duas armas empunhar;
Mas são fracos, são convulsos
Para grilhões supportar,
Pela patria tão querida
Quero morrer pelejando
Qu'è só d'ella a minha vida!

É d'ella sim, que sou luso,
Porque nasci portuguez;
Não quero dominio intruso
Nem hespanhol, nem francez!
Portugal! só quero a tí,
Quero patria portugueza,
Quero a terra onde nasci.

Quero vêr, illeso inteiro,
O meu velho Portugal!
Cubra sempre este guerreiro
Dourado manto real.
Qu'essas hostes estrangeiras
Em vão tentam derrubar
As quinas d'estas bandeiras.

Este voto, meu, tão forte,
É o voto da nação;
Prefere cruenta morte
Aos grilhões da escravidão.
Antes a febre amarella!
Antes fome, peste e guerra!
Qu'as algemas de Castella.

Lagos, setembro de 1861.
A. Butler.

PASMATORIO

As aguadeiras — São geraes as queixas contra a falta de agua na fonte da Sê Velha. As aguadeiras dizem que para encher um cantaro, é mistér perder uma manhan. Pedimos á camara municipal se digno attender a uma das primeiras necessidades públicas, providenciando para que cessem as queixas que nos têm sido feitas.

Guarda — Lembrámos á direcção do novo theatro de S. Christovão, que prestaria um relevante serviço á humanidade se nomeasse guarda do mesmo theatro, o marido da actriz, Maria de Linhares. Crêmos que a escolha seria acertada, visto que tem de ser provido aquelle logar.

Publicação agricola — O sr. Manuel Adelinio de Figueiredo, bacharel formado em philosophia pela universidade de Coimbra, publicou um util e excellentes livro, que se in-

titula — *Estudos de Agricultura*. Sabemos por pessoa aliás respeitável e competente, que é uma obra do maior merecimento, e que muito honra o seu illustre auctor.

O sr. Manuel Adelino torna-se, pois, crêdor dos mais bem tecidos encomios pelo serviço relevante que, com aquella publicação, acaba de prestar á agricultura, principalmente numa epocha em que bem pouco, ou nada se cuida, em cousas de geral utilidade.

Quando na frente de um livro se encontra um nome tão respeitável, como o do sr. Manuel Adelino de Figueiredo, torna-se desnecessaria qualquer recommendação.

Os *Estudos de Agricultura* vendem-se em todas as lojas de livros de Coimbra.

Theatro de S. Christovão — Continuam com grande actividade as obras do novo theatro, que, com aquella denominação, se anda construindo na antiga igreja do mesmo nome.

A plateia, assim como parte dos camarotes, acha-se já concluída: o tecto está pintado, e o panno de bocca não tardará a concluir-se. A construção do palco deu-se agora principio. Estamos convencidos que no fim d'este mez já alli se podem fazer os ensaios, pois que antes d'isso, segundo nos dizem, serão no antigo theatro da Sé Velha.

O que notámos, porém, nas obras do novo theatro, é a falta de operarios; e supomos que, sendo estes em maior numero, tanto de pedreiro, como de carapinteiro, em trinta dias estaria, com pouca differença, prompto para se abrir ao publico.

No nosso n.º 5, poderemos dizer com melhores fundamentos, se sim ou não, a primeira recita terá logar no dia 1.º de dezembro. Afirmar agora uma ou outra cousa seria um absurdo.

Lembrança — Mandando ultimamente a camara municipal d'esta cidade conduzir caradas de entulho para altear a rua do Carmo lembrámos-lhe a conveniencia de tambem ordenar que em seguida seja calçada, para evitar, o que já por duas vezes aconteceu, que a força da agua que alli passa, quando chove, leve o entulho adiante de si, ficando não só perdido o trabalho, como o dinheiro que se dispendeu com aquellas obras.

Parochia — Pessoa que nos merece todo o crédito, nos diz que a parochia de S.ª Clara se acha num estado deploravel. O pastor de aquelle rebanho não cumpre com os sagrados deveres que lhe confiaram; consta mesmo que nem presta o devido respeito ao culto divino. Chamámos, pois, a attenção do s. ex.º o sr. Bispo Conde, a fim de que melhore a condição d'aquelles parochianos, dando-lhes um parochio digno da elevada missão de que fôr encarregado. Voltaremos ao assumpto.

Regresso — Finalmente que quasi todas as familias que se achavam na Figueira a uso de banhos e arez do mar, têm deixado aquella villa, e regressado a suas localidades. A Figueira, segundo nos dizem, acha-se quasi deserta de banhistas.

Melhoras — O nosso amigo, o sr. José Pereira Junior, que ha alguns mezes tem estado bastante doente, vae experimentando consideraveis melhoras. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento; o que de certo será grande satisfação para os seus numerosos amigos.

Novo jornal — Publicou-se o 1.º numero do *Gremio Alemtejano*, jornal redigido por alguns academicos. É mais um campeão que entra na arena da imprensa. Que a sua vida seja prolongada, é o que mais desejámos.

Gabinete do Instituto — Dizem que o guarda do gabinete do Instituto não cumpre com os seus deveres, e que está bem longe de desempenhar aquelle cargo como deve. Contam-se-

nos factos altamente vergonhosos, praticados por aquelle guarda, que não podemos deixar de rogar á illustre direcção, que proceda a uma syndicancia, a fim de ser melhor esclarecida, e deliberar como julgar mais conveniente.

Providencias — Pedimol-as á respectiva auctoridade, a fim de evitar que na rua da Sophia se conservem os indecentes carrões, que alli fazem estação, e descarregam as encomendas que conduzem de Lisboa e Porto para esta cidade.

Custa a acreditar que em Coimbra se consintam semelhantes abusos, mas é uma verdade. Podia escolher-se outro local, e desterrar da Sophia aquella immundicie, que causa nojo além de muitas vezes interromper o trânsito. Oxalá que não tenhamos de voltar ao assumpto.

Satisfação — Como houvessemos deliberado mudar o titulo do nosso jornal, depois de o termos anunciado com o de *Cysne do Mondego*, entendemos que o nosso dever é pedir desculpa aos srs. assignantes por não havermos consultado a opinião de cada um.

Pedido — Aos nossos collegas, a quem enviámos o 1.º numero, pediamos o obsequio de se dignarem fazer troca com o nosso jornal, enviando-nos, francas de porte, as suas acreditadas folhas. E agradeçemos aquellas redacções que nos têm feito a remessa.

Outro — Rogámos por muito favor aos srs. assignantes se dignem obsequiar-nos, promovendo outras assignaturas pelos seus amigos. É uma fineza que para nós será de grata recordação.

Agradecimento — Não podemos deixar de nos confessar summamente agradecidos áquellas pessoas que se têm dignado auxiliar-nos nesta honrosa e difficil tarefa. A todas protestamos eterna gratidão e verdadeira estima.

1.º de Dezembro — Já foi publicado o manifesto e a circular da commissão central de Lisboa, nomeada para solemnizar o 1.º de dezembro. Em Coimbra, porém, não nos consta que até hoje se tenha dado um só passo á similhante respeito. Parece incrível que, sendo a commissão central nomeada com o maior entusiasmo, o resultado seja zero! Illustres membros da commissão, já é tempo de despertar.

Portugal e Hespanha — Com este titulo publicou o *Contemporaneo*, de Madrid, um bem elaborado artigo, que hoje começamos a reproduzir no lugar competente d'esta folha.

Será verdade? — Um jornal de Pernambuco dá a noticia d'um terremoto, que destruiu a cidade de Campos, na provincia do Rio de Janeiro, fazendo consideravel numero de victimas. A similhante noticia, que bastante horrorosa, damos *quarentena*, porque não nos consta que as correspondencias d'aquelle imperio, vindas no ultimo paquete, digam cousa alguma a tal respeito. Deus permita que tão horrivel noticia seja completamente falsa.

Irmans da caridade — Parece que no dia 26 de setembro ultimo passaram em Elyas, com direcção a Lisboa, duas irmans da caridade do reino vizinho. Esta remessa que de Hespanha nos fazem tem mais que se lhe diga; pois é sabido que em nenhum outro paiz é tão cego e violento o fanatismo. Venha pois, mais esse presente.

Vindimas — Na Bairrada já se acham terminadas. A colheita geralmente foi maior do que se esperava. O mesmo aconteceu em Vizeu. O vinho d'esta novidade é reputado de qualidade, como ha muitos annos não tem havido.

A França em Roma — A *Patrie* publica, com aquelle titulo, o artigo que hoje reproduzimos, e para o qual chamámos a attenção de nossos leitores.

Noticias do Brazil — Acaba de installar-se no Rio de Janeiro uma nova associação, que se denominará — *Portuguesa Primeiro de Dezembro*, cujo fim é commemorar o anniversario da independencia de Portugal em 1640. Os instituidores d'esta patriótica sociedade, parece que têm na intenção promover, entre os nossos irmãos, residentes naquelle imperio uma subscrição, a fim de, com o seu producto, mandar construir uma fragata de guerra e offerecel-a a sua magestade el-rei o sr. D. Pedro v, para d'este modo solemnizarem dignamente o grande facto da nossa independencia. Os nossos irmãos d'além mar não podiam ter um pensamento mais grandioso, nem mais digno, para testemunhar á Europa quanto está arreigada em todos os portuguezes, mesmo nos que vivem anseios da patria, o amor á independencia e liberdade de Portugal.

Leiam e admirem — Em Hespanha foi ultimamente recolhido o jornal, a *Discussion*; o *Contemporaneo* foi multado em 30:000 reales (1:380\$000 réis), desistindo este jornal do recurso que havia intentado, porque o tribunal superior resolveu, ha pouco tempo, uma causa analoga contra a *Iberia*.

Se por ventura em Portugal ha alguns *liberaes* partidarios da união-iberica, revejam-se naquelle espelho, e lancem as suas barbas de mólho, visto que as dos vizinhos já começaram a arder. Tomem, porém, cautella, não se descubram aos seus patricios.

Marcha — A força do regimento 9, estacionado nesta cidade, foi rendido por outra do 14, vinda de Vizeu. Aquelle destacamento marcha para Lamego, reunir-se ao corpo. Durante a sua estada aqui, foi sempre observada a mais rigorosa disciplina, devida ao incansavel zelo dos dignos commandantes.

Sahida — Em virtude de marchar para Lamego a força do 9 de infantaria, sae tambem o nosso amigo o ill.º sr. tenente, João Rodrigues.

Este illustre cavalheiro deixa em Coimbra a mais viva saudade, e inconsolaveis os seus numerosos amigos, que á porfia se esmeram em lhe tributar respeito e homenagem.

O Bejense — Este jornal, que havia suspenso a sua publicação, acaba de reaparecer, contendo materias de bastante interesse e utilidade. É proprietario e responsavel o sr. Antonio Ignacio de Sousa Porto.

Que fartura! — Dizem que no concelho de Elyas, a colheita do vinho foi tão extraordinaria, que chegou a não haver vasilhas para o recolher. Os amigos de deus Baccho, lá de aquelles sitios, ficam saltando de contentes.

E que tal? — Na occasião em que em Logroño (Hespanha) se estavam correndo touros, desabou a praça, que deu em resultado 200 pessoas mortas e feridas.

Parte telegraphica — Consta que o sr. Arcebispo de Goa recebeu uma parte telegraphica, convidando-o a ir tomar posse do governo da sua diocese.

Reunião

Teve logar no dia 10 do corrente nos paços do concelho, uma reunião a que concorreram alguns membros das commissões encarregadas dos festejos do 1.º de dezembro. Foram nomeados os srs. dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim, Olympio Nicolau Ruy Fernandes e Ignacio Rodrigues da Costa Duarte para redigirem o projecto de programma para aquelles festejos. E pela falta de numero, resolveu-se que no domingo 20 do corrente, se celebrasse nova reunião, não só da commissão central, como das filiaes. É por tanto de esperar que os respectivos membros não deixem de concorrer.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO A S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Províncias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre: em Coimbra 400 réis; nas Províncias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 100 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escripções não publicadas, não serão restituídas.

EXPEDIENTE

Os srs. Assignantes das provincias muito nos obsequiam se desde já satisfizerem a importancia do primeiro trimestre, podendo entregal-a ao sr. director do correio da localidade; ou remetel-a á redacção por meio de valles ou estampilhas. A publicação no jornal do nome do sr. assignante da provincia que pagar, servirá de recibo.

E aos srs. directores de correios de novo rogamos o seu valioso auxilio.

Em Coimbra é feita a cobrança pelo sr. Antonio Porto, entregador do jornal.

Se porventura nos achassemos em melhores circumstancias, não começariamos já a fazer aquelle pedido.

BARRA DA FIGUEIRA

Um importante assumpto, está prendendo actualmente a attenção pública, e apesar de nossas debéis forças, alguma cousa tambem diremos hoje a tal respeito.

É da barra e melhoramento do porto da Figueira da Fóz, que nos vamos occupar por alguns momentos.

Ha muitos annos que costumamos visitar a villa da Figueira, porque a nossa deteriorada saúde a isso nos obriga, e temos mui presente na memoria, que, anteriormente á execução d'essa desastrada e inconvenientissima obra, executada pela empresa — Damasia — o Mondego era navegavel até á sua Foz, quer em praia-mar, quer em baixa-mar, e por fórma tal que, desde Villa-Verde até ao caes da Figueira, raro era acharem os barqueiros fundo, para firmarem as varas, com que davam direcção aos barcos; e a barra existia e existiu sempre juncto ao Forte, não só pelo espaço de vinte, quarenta ou mais annos, mas durante seculos; e se não com toda a profundidade natural, ordinariamente com aquella que exigiam as pequenas embarcações que demandavam aquelle porto; e se algumas marés a obstruíam, outras a desobstruíam, de maneira que com doze, dezeseis, vinte ou vinte cinco palmos de profundidade, a barra foi permanente sempre no mesmo local, e o porto e rio esteve constantemente limpo de areias, dando fundeadouro a todas as embarcações, mesmo a algumas de lote superior. Além d'isso existia o bello ancoradouro do cabedello, onde, com toda a segurança, se abrigavam os navios dos temporaes; e factos são estes que ninguem nega e nem os apologistas das novas obras ou do respectivo director podem negar.

Pretendeu-se melhorar a barra, e projectaram-se diversas obras, com o fim de a con-

servar constantemente com toda a sua profundidade, pondo termo ao capricho das mares, que de vez em quando lh'a diminuiam.

Taes desejos eram louvaveis, porque d'esse melhoramento permanente, deviam resultar grandes vantagens para a Figueira, para Coimbra e para toda a Beira; e com o sacrificio de um imposto que se estabeleceu sobre todos os generos trazidos ao porto, e a que o commercio d'aquella villa e d'esta cidade, gostosa e voluntariamente se offereceu, contractaram-se as obras que foram julgadas indispensaveis para se obter aquelle melhoramento; e (só depois de reunidos alguns mil cruzados na Alfandega, que a empresa recebeu), com o producto do imposto, construiu-se o decantado tapume ou molhe, no sitio do pontão e a que muitos dão este nome, que não é mais do que uma parede ou muralha de estacas e pedra solta, que custou muitos e muitos contos de réis, porque a empresa os recebeu. E qual foi o resultado d'esses sacrificios que fez o commercio? Elle ahí tem estado bem patente: — foi o entulhamento e perda completa do porto e da barra, o desapparecimento d'esta do seu antigo local, e a sua abertura ao sul do cabedello, que ameaçava a destruição dos ferreiros terrenos de Lavos, e até mesmo d'esta povoação!!

Concluida tal obra, facil foi prever esse mesmo resultado, porque apenas foram separadas do Mondego as correntes das aguas dos rios de Lavos e Soure, e diminuida a força d'ellas, que encontradas todas ou involvidas com as dos marés tinham conservado a barra no antigo local, logo appareceram indícios d'entulhamento do porto, porque a corrente do Mondego por si só, não era sufficiente para arrojear as areias para o mar; mas longe de se emendar sem demora o erro commettido, como convinha, nem a empresa curou de o fazer, não obstante ter-se compromettido a conservar sempre limpos o porto e a barra, de maneira que um e outro dessem facil accesso a todas as embarcações que os demandassem, nem o governo, apesar de repetidas representações a obrigar ás obras necessarias, para que ella cumprisse as condições a que se sujeitára; e nem admira, porque ordinariamente os governos só são fortes com os fracos, aos poderosos curvam a cabeça...

Só um homem foi capaz de cortar o nó que por muitos annos prendera os seus antecessores, a esse homem ha de sempre a Figueira, Coimbra e todo o seu districto, agradecidos, tributar toda a consideração, e pronunciar seu nome com respeito: foi o ex.^{mo} Sr. Carlos Bento da Silva, quando ministro das obras publicas, que fez rescindir o ruinoso contracto e ordenou as obras necessarias, de que foi encarregado o engenheiro Francisco Maria Pereira da Silva.

Levadas as cousas ao estado a que haviam chegado, forçoso foi emprehender obras de

grande vulto, e ellas ahí estão realisadas, senão com todo o proveito que se esperava e era para desejar, ao menos com a vantagem de trazer a barra para o seu antigo local.

Mas que na execução d'essas obras tem havido muito desperdicio e muita miseria, está isso levado á evidencia, porque o sr. Silva ainda não se justificou das fortes e repetidas accusações que lhe tem sido feitas pela Imprensa, e ainda ultimamente em uma correspondencia publicada no *Jornal do Commercio* n.º 2398, de 1 do corrente mez; e sobre cujos factos cumpre ao governo mandar investigar immediatamente; mas em nenhuma d'essas accusações vimos ainda exigir do sr. Silva explicações em quanto a uma contradicção em que este sr. se acha, combinado o seu procedimento como engenheiro, com o parecer que appresenta no seu relatorio dirigido ao governo, e publicado no *Commercio de Coimbra*.

Apesar de não possuirmos conhecimentos hydraulicos, folgamos de ver o sr. Silva a nosso lado, confirmando o juizo que havíamos feito ha muito, do tal desastrado pontão que, como s. s.^a, temos como a primária e unica causa do miseravel estado a que chegou o porto e a barra da Figueira, porque no n.º 4 da 2.^a parte do seu relatorio diz elle: «Deve-se ao tapume, feito em 1843, no sitio chamado do pontão, o estado de ruina (N. B.) a que chegou este porto antes de principiarem as obras actuaes, etc. A abertura do canal para communicar o rio de Lavos com a parte superior do Mondego, como antigamente tinha logar, é uma das principaes obras presentemente a executar, para restabelecer, como convém, o jogo das marés em toda esta bacia salgada, e dar-lhe uma acção mais energica, principalmente no rio de Lavos, onde se perdeu o grande fundo e vantajoso receptaculo das aguas que d'antes alli se encontravam.»

Portanto, acha-se demonstrado não só pelas razões que acima apresentamos, mas pela propria confissão do engenheiro, que ao tapume feito em 1843 se deve o estado de ruina a que chegou o porto e a barra da Figueira, e por isso seja-nos licito dirigir neste logar uma pergunta ao sr. Silva: se a causa de todo o mal era e é ainda hoje a existencia do tapume, e durando as obras, de que s. s.^a está encarregado, ha já mais de quatro annos, qual é a razão porque não se occupou s. s.^a de empregar desde logo os meios necessarios para destruir esse tapume completamente? Pois tirada a causa não cessa logo o effeito? Nos poderíamos dizer, e sem errar, a razão porque se não tem levado a effeito essa obra, mas aqui a omitiremos agora.

Permitta-nos porém o sr. Silva e as pessoas entendidas, que apresentemos aqui uma opinião, embora seja taxada de heretica, e é, que a destruição do tapume, era a obra que no plano geral, devia ter tido o primeiro logar:

que feita ella, muito teriam diminuido as difficuldades que houve a vencer, para tapar a barra aberta ao sul, por que assim se tinham evitado tão enormes despesas á nação, e o sr. Silva não teria sido alvo de tantas accusações e suspeitas, a que, com a procrastinação das obras, tem dado logar; e não sabemos como s. s.ª possa defender-se e justificar-se da falta do desmancho do tapume, que elle reputa a causa principal e unica dos males, que existem, ao passo que ha um anno está gastando grossas sommas com o embellezamento da villa da Figueira propriamente dicto, e com obras totalmente alheias ás do *melhoramento do porto e barra*, unicas de que se acha encarregado; tornando-se por essa fórma um cego instrumento do sr. presidente da camara, que, segundo consta, não cessa de o comprometter com as suas exigencias, a que s. s.ª se presta com tanta facilidade. O sr. Silva já teve tempo de mais para conhecer essas poucas pessoas com quem vive em intimidade e que o hão de arruinar; e tambem para conhecer aquellas que tem abandonado, mas que melhor lhe iria, se não taxasse de absurdos os conselhos sinceros e francos, que essas lhe têm dado, como s. s.ª fez.

Se o sr. Silva tracta em boa fé, como acreditamos, os negocios importantes de que se acha encarregado, desprenda-se de mesquinhas e inuteis considerações,—abandone esse fausto com que tem dirigido as obras,—deixe-se d'estar a organisar esquadras navaes, que para nada prestam,—e limite-se ao pessoal e material restrictamente indispensavel para levar a cabo as obras necessarias para se conseguir o fim desejado; e não esteja creando diariamente edificios e nichos que causam graves apprehensões e dão todos os indicios de que as obras da barra nunca hão-de ter fim, e que será por tanto duradouro esse cancro que vae minando as definhadas forças do thesouro-público.

Ao governo compete fazer entrar o sr. Silva nos seus deveres, e confiámos que o fará quanto convém e é indispensavel, para que por uma vez desapareçam essas graves apprehensões; tornando o ingenheiro, qualquer que elle seja, responsavel por todos os desperdícios que possa commetter, e auctorizando-o sómente á execução das obras que por uma commissão competente, forem julgadas as precisas para o melhoramento do porto e barra, e nada mais.

Se a Figueira carece de melhoramentos, a camara municipal, mais zelosa no desempenho da missão que lhe foi confiada, que os verifique, porque para isso a lei lhe fornece os meios necessarios.

Hespanha e Portugal

(Continuado do n.º 2)

Na Italia, a litteratura e a lingua litteraria são as mesmas em todas as provincias. O Tasso não é uma gloria do reino de Napoles, mas de toda a Italia. Dante e Machiavel são italianos e não florentinos. Em Portugal, ao contrario, nasce, cresce e desinvolve-se, e se aparta cada vez mais da nossa, uma litteratura nacional propria e exclusiva d'aquelle povo. No principio os nossos trovadores, os nossos primeiros poetas escreveram em portuguez, como Masias e o rei sabio. Os trovadores portuguezes compraziam-se de escrever em castelhano. O castelhano e o portuguez não pareciam dois idiomas diversos, mas duas fórmas, dois modos do mesmo idioma. Na côrte magnifica de el-rei D. Manoel, resôa em verso e em prosa a lingua de Castella. O Cancioneiro de Resende abunda em verso castelhano. A musa dramatica portugueza ensaia-se auspiciosamente nos autos de Gil Vi-

cente, muitos d'elles em portuguez, mesclados e confundidos. O primeiro poeta lyrico portuguez, o justamente célebre Sá de Miranda escreve uma parte das suas obras na nossa lingua; o Camões nisto o imita e o segue. Todavia, apesar de Aljubarrota, e o que é mais, apesar de Vasco da Gama, do infante D. Henrique, do grande Albuquerque, isto é, apesar da magnifica epopeia da historia de Portugal no seculo xv, epopeia que não só faz de Portugal uma nação, mas uma nação gloriosissima, importantissima, e com uma grande missão providencial no mundo, Portugal considerava-se parte da Hespanha.

Hespanha era uma cabeça da europa toda; Portugal, porém era cume da cabeça, isto é, parte d'ella, como diz o poeta, a quem os portuguezes chamam o — príncipe dos poetas hespanhoes.—A conquista feita pela corrupção e pela violencia sobre um inimigo prostrado, e a perversa dominação e ainda peor administração dos Philippes, vieram aniquillar ou retardar a verdadeira união de ambos os povos, que já se ia formando. A revolução de 1640 acabou de romper os amigaveis laços que nos uniam.

Que portuguez, sem ser tido como mau portuguez, ousaria desde então, ha poucos annos, fallar da união iberica?

Na Italia pelo contrario em todos os tempos, em todas as provincias e estados, têm almejado, têm defendido, têm aconselhado a unidade os homens mais patriotas e os mais afamados pelo seu amor á terra natal, por a haverem sublimado.—Dante, Petrarcha, Machiavel, Manzoni, Leopardi, Tosti, Botta, todos os homens eminentes de aquella peninsula, se mostram partidarios da sua unidade, e não reconhecem nella senão uma só nacionalidade.

Alli, cada dia se têm unido mais; aqui nos temos ido separando. Alli, a mesma litteratura e o mesmo idioma; alli, communs as glorias alcançadas e as affrontas recebidas. Os que exaltam a Italia, chamam a toda ella a patria das artes, mestra das gentes, terra dos grandes poetas e dos grandes capitães; e os que a deslustravam, quando era abatida e escrava lançavam a injúria e o vilipendio sobre toda ella, sem exceptuar uma unica provincia, ou dizendo, se faziam excepção, que aquella provincia não era Italia. Entre Hespanha e Portugal nunca existiu semelhante solidariedade, mórmente na desgraça. Seremos demasiado orgulhosos para aceitar como nossas as faltas dos nossos irmãos. Sel-o-hemos tambem ainda que não tanto, para ter como nossas, as suas glorias.

De todos os modos a união iberica, embora difficilima, embora seja um formoso sonho, não se póde affirmar que seja completamente impossivel e menos que venha a ser desdouro para uma das duas nações se estas lograrem unir-se com a Inglaterra e a Escocia, e não como a Inglaterra, e a Irlanda, a Austria e a Hungria, a Polonia e a Russia.

Partidarios, em certo modo, d'essa futura união, mas ao menos completa e íntima, d'essa união feita com mútuo consentimento e beneplacito e para bem de ambos os povos; d'essa união que ha de vir a lograr-se, é mistér preparal-a mui de antemão e com singular prudencia, d'essa união têm sido, e porventura continuam a ser partidarios muitos dos homens mais illustres que hoje honram a Portugal, muitos dos que mais o amam, veneram e adoram a sua gloria, e do mesmo modo, não poucos hespanhoes, que não querem a Portugal para arredondar territorio, mas para que, unidos dous povos tão generosos e grandes, volvam, porventura, a ser, nos seculos futuros, o que foram nos passados — a cabeça da europa toda.

Se algum hespanhol sonhou com a difficilima união de Portugal e Hespanha, como realisavel actualmente, e tem o desvario de menospresar Portugal, e o mau gôsto e o pouco tacto de o dizer, não é isso culpa de toda a nação hespanhola, a qual pensa e sente a respeito de Portugal de maneira mui diversa.

Não cremos que nenhum patriota portuguez, ainda negando absolutamente e para sempre, até a possibilidade da união iberica, se tenha offendido com o iberismo de D. Sinibaldo de Mas, de Castellar e de tantos outros, cuja boa fé, cujo amor e cujo enthusiasmo, se não os lisongeára, devêra satisfazel-os.

Se depois, segundo ouvimos dizer, appareceu um escriptor animado de outros sentimentos pouco favoraveis a Portugal, e pedindo ou desejando em nome d'esses sentimentos a união d'aquella monarchia á Hespanha, bem podem acreditar os portuguezes que esse escriptor não é órgão fiel e legitimo da opinião pública da Hespanha.

Ainda não lemos o folheto a que alludimos; sabemos, porém, pelos jornaes d'aquelle paiz, que produziu em Portugal um desgosto muito grande, e isto nos leva a examinal-o com imparcialidade, acudindo pela dignidade da nação portugueza se no dicto folheto foi injuriada, e reprovando essa união immediata, obrigada ou pouco decorosa para Portugal que o folhetinista deseja, se não em nome de uma união futura, espontanea e honrosa para todos, em nome da egualdade e do fraternal affecto e da estreita alliança, que devêra haver entre as duas egregias nações d'esta peninsula.

(Continúa)

De um alfarrabio manuscripto de 1640, copiamos esta poesia feita á feliz acclamação de el-rei D. João iv.

(Continuado do número 2)

No dia ao grão Saturno dedicado,
Planeta que o assento tem mais alto,
Foi vossa acclamação e juramento;
Promette este planeta que exalçado
Vosso imperio será, e nunca falto
De alta gloria, que suba ao firmamento:
Mas se melhor attento,
Estrella mais ditosa
Do dia era senhora,
A virgem, que é do Eterno ceu, Aurora;
Que pésa a lua mais que o ceu formosa
A divina Maria,
Por quem sabado é claro e fausto dia.
Já se póde chamar perda ditosa
A que o reino chorou em longo pranto,
Cheio de mágua, falto de esperanza,
Pois, perdendo, ganhou o bem que gosa
Portugal, que trocou em doce canto
Os suspiros, e os males em bonança.
Milagrosa mudança!
Recuperado vemos
O sceptro já perdido!
Alegre o triste, o debil atrevido
Do contento e amor são tudo extremos:
Já tudo reverdece!
A noite dia, a terra ceu parece,
Quaes vos podia dar Palas ou Marte,
Em que, fama, ganhaes altas empresas
Se em um ponto vos deu tudo a ventura,
Reinaes Senhor em a mais nobre parte;
Vencidas as vontades portuguezas
Que unidas estão na fé mais pura:
Á vista d'esta, escura
Fica já qualquer gloria:
Já pouca fama ganha
O nome de João vencendo a Hespanha,
Pois que publica gloriosa historia,

E sabe todo o mundo
Que a venceu o primeiro e o segundo.
Na Asia vos adora a India rica
Com tributos de aromas, e diamantes:
Africa vos presenta o fino ouro:
A America, que além do Equador fica,
O assucar; e a Europa os abundantes
Campos, que regam o Tejo, o Minho e o Douro:
Já o adusto mouro
O Turco, o Persa altivo
O forte Moscovita
O Tartaro, que o Caspio mar habita,
O guerreiro Hollandez, o Chim lascivo
Teme, e admira ver Rei tão amado.
Canção d'um pobre ingenho, parco, inculto,
Falto d'aquelle estylo, que esta idade
Agongorado diz, critico, e culto
Não desfaleças, antes vaidade
Cobra, que ainda ha ingenhos
Que applaudidos empenhos
Sollicitam zombando;
Venera pois ao Rei, que vaes cantando.

O *Jornal do Commercio*, do Porto, publica o seguinte artigo:

Casamento de El-Rei

Dos enlaces matrimoniaes dos monarchas não está dependente o destino dos povos; mas é certo que ainda influem nas relações dos estados entre si.

O sentimento monarchico está profundamente arreigado na europa; é como um dogma politico que todos os povos respeitam e consideram essencial para a manutenção da sociedade.

Os reis já não o são por direito divino, são-n'o por direito popular — já não são os senhores das fazendas e das vidas dos seus vassallos, mas os primeiros cidadãos, os primeiros funcionarios do estado. Apesar porém do throno se erguer no meio de instituições mais ou menos democraticas, ainda está cercado de uma aureola que lhe dá o prestigio da realza e a fé politica.

Sem embargo, pois, das convulsões sociaes que agitam a europa; sem embargo de já hoje se conhecer quão fragil é a base em que assentam os thronos, os monarchas e as dynastias nas suas relações de familia exercem uma influencia, se não directa, pelo menos indirecta nas relações dos povos.

A boa harmonia entre dous gabinetes funda-se muitas vezes nas sympathias pessoaes dos monarchas, e quantas vezes, contrariamente, não se accendem cruas guerras entre dois povos, cuja causa remota, são as antipathias dos soberanos respectivos, ou os seus agravos pessoaes? E essas antipathias, e esses agravos escondem-se por detrás de motivos adrede procurados para um rompimento fatal. E, se as coisas não chegam a tanto extremo, o que acontece é, o estado mais poderoso contrariar e até vexar o mais fraco, cujo soberano incorreu na inimidade do outro mais forte; contrariar-o nas suas alianças, abusar da força para o compellir a actos indignos, influir na sua politica, conforme a propria vontade, e não em harmonia com os interesses d'este estado.

A sociedade está ainda sujeita aos caprichos e ás velleidades da realza, apesar das instituições com certo colorido democratico, apesar mesmo do voto universal, e de outras mentiras ou phantasmagorias politicas mais ou menos dissimuladas.

Por outro lado, o throno deve procurar

sempre popularisar-se; em todos os seus actos deve reflectir-se o vivissimo desejo de satisfazer os votos da maioria da nação. A propria vida intima dos monarchas está subordinada ás conveniencias do paiz; as suas proprias amizades devem ser reguladas pelo interesse publico. É esta a compensação dos privilegios que a nação confere á realza, e a garantia que o monarcha dá de que está votado ao paiz que lhe confiou a suprema direcção dos seus destinos.

Grande e sublime é o encargo de ser rei, mesmo constitucional, porque sempre o «rei fraco fará fraca a forte gente», porque elle é o fiel da balança que modera os impetos de uns, contém as demasias de outros; e collocado na esphera social mais superior, deve andar acima de todas as paixões que se resolvem no tempestuoso mar da governação do estado. E se elle é o moderador dos excessos, tambem deve ser a móla que dê impulso aos tibios e fortaleça os pusilamines, que hesitam ante as difficuldades e os embaraços que tantas vezes fazem titubiar os seus conselheiros.

O rei póde muito, e póde ser um grande cidadão, quando tiver a consciencia dos seus deveres e a intelligencia e a decisão precisas para bem os cumprir; não póde nada, é um mau cidadão, quando se deixa dominar pelas facções, e é o chefe ou instrumento de corrilhos nefastos ao paiz.

Acceptámos a fórmula politica como ella está estabelecida, e queremos que d'ella emanem a maior somma de bens para o povo. Não é essa fórmula por certo a última expressão de perfectibilidade politica, mas será ainda por muito tempo a que predominará no mundo civilisado.

Se pois por uma parte os enlaces matrimoniaes dos monarchas influem nos destinos dos povos; se o rei deve sujeitar as suas sympathias pessoaes aos interesses publicos; se elle deve em tudo procurar ser agradável á maioria da nação; se, por outra parte, o rei deve estreitar as relações de amizade entre o estado que dirige e todos aquelles cuja politica, cuja forma de governo, cujas aspirações, cujos sentimentos mais se coadunam com a politica, com a forma de governo, com as aspirações e com os sentimentos do seu proprio estado, cumpre que o monarcha medite e pense maduramente antes de escolher a princesa que ha de com elle occupar o throno, e ser a sua companheira na prosperidade e na gloria, na desventura e no abatimento.

A imprensa de Portugal, até hoje tem deixado correr á revelia as negociações do casamento de el-rei, e das senhoras infantas. Não temos procedido como nos cumpria, porque esses factos não são apenas negocios da vida intima da familia real; o paiz interessa-se nelles por muitos motivos.

É certo que a dynastia da sr.^a D. Maria II, que Deus haja, é cara á grande maioria dos portuguezes, não só porque occupa o throno a trôco de penosissimos sacrificios sem embargo de lhe caber a herança real, por direito, senão tambem porque a memoria do chefe d'essa dynastia, o sr. D. Pedro IV, será sempre grata a este paiz, ao qual outhorgou a liberdade, que depois defendeu como rei, como soldado e como cidadão. Além d'isso, a sr.^a D. Maria II educou seus filhos, para serem como são, principes illustrados, e a sua casa foi, e é, exemplo de virtude.

Muitos são pois os motivos que tornam sympathica aos portuguezes a familia real, e designadamente a pessoa de el-rei o sr. D. Pedro V.

Ora, ultimamente começou a correr na imprensa estrangeira o boato de que anda em negociações o casamento de el-rei com a prin-

cesa Maria Pia, filha do rei de Italia, Victor Emmanuel, e esse boato logo veio a ser um desejo do paiz.

(Continúa)

Sr. Redactor do *Portugal Independente*:

A comissão central de Lisboa — 1.^o DE DEZEMBRO — commetteu-me o honroso encargo de seu correspondente 'nesta cidade. Enviou-me uma porção de circulares e programmas, para eu proceder á sua conveniente distribuição. A comissão central de Lisboa não quer de modo algum impôr as suas opiniões ás provincias; deseja, porém, insinuar alguns pontos, a fim de evitar complicações internacionaes, que poderiam ser promovidas por manifestações ruidosas, ou expansões inconvenientes.

A comissão deseja que a imprensa periodica se pronuncie no sentido do programma para que nas localidades, em que tenham de effectuar-se festejos populares, aquellas manifestações se harmonisem da melhor forma e com a dignidade, que reclamam os interesses do nosso paiz.

Esperando a cooperação efficaz de v., sou com verdadeira estima e consideração — De v. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*. — Coimbra, 14 de outubro de 1861.

Circular

A comissão eleita em Lisboa para regular o modo porque se ha de celebrar 'nesta capital o anniversario do memorial dia 1 de dezembro de 1640, decidiu sem discrepancia, que as usuaes demonstrações de regosijo publico, os festejos ruidosos que promovem ajuntamentos, e excitam manifestações ás vezes imprudentes, não condiziam com a gravidade e sizuidez que deve ter a commemoração d'este anniversario nacional, tanto assim, que os proprios restauradores da nossa independencia, se limitaram a celebral-o e perpetual-o com a solemnidade religiosa d'acção de graças ao supremo Arbitro do destino das nações; voto este que nos, como seus descendentes e catholicos, devemos cumprir, sollicitando que se observe em todas as parochias da monarchia.

Além d'este dever religioso, todos os testemunhos perennes da nossa gratidão, prestados á memoria dos libertadores do reino, serão bem cabidos 'nesse dia, excepto os ephemeros, que embora alegrem o animo, não deixam na memoria do povo a recordação permanente d'este grande feito de patriotismo, o mais audacioso de que ha memoria na historia universal.

Pelo que, resolveu a comissão:

1.^o — Que o «Te-Deum» instituido pelos restauradores da independencia de Portugal em 1640, a que ainda annualmente se canta na Sé de Lisboa, seja este anno celebrado com a maxima solemnidade.

2.^o — Que 'nesse dia, e na frente do palacio dos condes de Almada, onde se reuniram e conspiraram os auctores da gloriosa revolução de 1640, se levante um padrao em que se gravem e perpetuem os seus nomes, com a seguinte inscripção: AOS RESTAURADORES DE 1640 — A CIDADE DE LISBOA EM 1861.

3.^o — Que se publique, tambem 'nesse dia, um compendio da historia de tão patriótica e legitima revolução, para ser distribuido gratuitamente pelas escholhas publicas do reino, e generalisado pelo povo, com o intuito de lhe inflamar o amor e zelo da independencia nacional, cuja restauração e manutenção tanto custou a nossos avós.

4.^o — Que estas deliberações se communiquem ás commissões já instituidas, e ás que

se houverem de crear, a fim de que todas concorram para a unidade d'esta manifestação nacional.

Não cabendo no tempo que decorre até ao proximo dia 1 de dezembro, adoptar outros alvitres que foram propostos á commissão central, decidiu-se que ficassem reservados para opportunamente se lhes dar solução.

Lisboa 30 de setembro de 1861.

O Presidente, *Antonio Esteves de Carvalho*.
Os Secretarios, *João Ricardo Cordeiro, Junior*. — *Pedro Weneeslau de Brito Aranha*.

Manifesto

A commissão eleita pelos cidadãos lisboenses que se reuniram no historico palacio dos condes de Almada, para prescrever o modo por que na capital se hade dar maior solemnidade ao anniversario da revolução de 1640, que restituiu a Portugal os fóros de nação independente, de que fôra esbulhada por Philippe II de Castella em 1580, julgou conveniente, antes de tomar qualquer arbitrio, expôr aos seus eleitores e a todo o reino, a interpretação que dá ao mandato com que foi honrada, derivando essa interpretação, não só dos termos em que elle é concebido, mas tambem do pensamento que attribue ao povo portuguez, na commemoração solemne, que tanto em Lisboa como n'outras terras do reino, deliberou fazer no dia primeiro de dezembro proximo.

O povo portuguez, seguro da sua existencia nacional, e conscio dos imprescriptiveis direitos em que ella assenta, sem ter esquecido as heroicas acções com que seus antepassados conquistaram e mantiveram a independencia da patria, havia quasi apagado, pelo seu character humano e pacifico, a recordação pública de cruentas pelejas, que foram mais um desengano, entre tantos que a historia accumula, de que a fôrça e a ambição, por si sós, não lograram no mundo triumphos duradouros.

Depois que a Hespanha perdeu Portugal, por essa lei immutavel, que em diferentes periodos, mas com o mesmo rigor, tem posto por terra todos os senhorios creados sómente pela violencia, os dois povos das Peninsula, constituídos em nacionalidades separadas, têm corrido a mesma sorte, tanto nas contendas internas, como na grande lucta europeia, em que batalharam pelo mesmo principio, alcançando dos seus triumphos, não a sujeição de um ao outro, mas a independencia de ambos.

A França, com inteira abnegação, depoz no archivo das suas glorias militares o mappa das conquistas que fizera; e, convencida de que a sorte das armas fôra a sentença da razão e da justiça, nem hoje, que tão crescida está em poder, e tão voltada ás suas recordações guerreiras, se julga com direito aos dominios que perdeu, nem tão pouco se mostra propensa a empregar os seus exercitos para os reconquistar á face da Europa.

A Hespanha, seguindo este exemplo, não se humilha; antes fôra mais para lhe estranhar a ella o intento de avassallar Portugal, do que á França o designio de retomar os estados que outr'ora formaram o seu ephemero e revoltoso imperio.

A dominação estrangeira gera sempre rancôres que se transmittem de geração a geração, e que só o decurso do tempo pôde apagar; sobretudo quando esse dominio pesou duramente sobre uma nação altiva e generosa.

Ha quasi tres seculos que nossos avós cahiram na servidão estranha. A Providencia

punia talvez com esse castigo uma epocha de lastimosa decadencia moral. Sessenta annos de oppressão reanimaram, pela dôr de crueis padecimentos, as virtudes públicas esmorecidas, e os brios heroicos de um povo de soldados. A gente portugueza quebrou então o jugo, e combateu. Deus abençoou os seus esforços. Suppunham que Portugal se ia dissolvendo no tumulto; e elle, como Lazaro, ergueu-se á voz do Senhor!

A lucta foi longa, e ainda hoje, 'nesta terra da patria, que é sancta para nós, como esperamos que o seja para nossos netos, ha vestigios do que nos custou a independencia e a liberdade.

A geração que combateu, a geração que lavrou com sangue o seu testamento politico nos campos de batalha, ou nos muros rotos das povoações incendiadas, legou aos filhos uma herança de odio vingativo. Aquelles tempos não eram como estes nossos: e que o fôsem, se essa ruim paixão pôde ter desculpa, é quando se enraiza no coração do que é ou do que foi servo contra os seus oppressores.

Os annos volveram, a civilização caminhou; a razão pública esclareceu-se: e d'esses rancôres antigos não restava, entre o nosso povo, senão uma desconfiança que tinha a sua plena justificação na historia. O que fôra odio implacavel, e depois repugnancia tenaz, começou a converter-se, entre as classes mais cultas, numa sympathia propria de bons vizinhos, e digna de povos civilizados e christãos.

Infelizmente houve quem tomasse esta transformação, que não é mais que indicio de progresso e de brandura nos costumes, como symptoma de indiferença pela propria nacionalidade. Houve quem pensasse, que, segundo o exemplo do nosso velho alliado dos tempos heroicos, o guerreiro Aragão, cujo elmo de bronze, doirado pelo sol de cem batalhas, jaz cahido ao lado do leão de Castella, não nos repugnaria vêr enxerir as quinas a um canto do escudo hespanhol! Era um d'aquelles equívocos que fazem sorrir mudamente; mas 'neste caso a mudez interpretou-se como indiferença, talvez como approvação.

(Continúa)

PASMATORIO

Festividade — No domingo, 13 do corrente, teve logar na igreja de Sancta Justa, d'esta cidade, a festividade do Senhor Jesus dos Oleiros. Orou o sr. padre Luiz Antonio Torreira, da Pucariça, que bastante agradou. Houve de tarde arraial e arrematação de fogaças, e tocou a philarmonica Boa-União.

Temporal — Não é possível descrever o horror que causou o temporal que houve 'nesta cidade, no dia e noite de 16 do corrente. Eram tantos e tão repetidos os relampagos; tão medonha a trovoada; tão ameaçador o vento que soprava, e tão grossa a saraiva que cahiu, sendo alguma do tamanho de castanhas, que por toda a parte se ouviam gritos e súplicas ao Altissimo.

Grande número de vidros se quebraram, e muitas pedras volumosas se arrancaram das ruas, e foram com a enchente. Crêmos que os prejuizos são consideraveis.

Agradecimento — Constando-nos que o sr. Reis, vereador da camara, ordenára que fôsem multados os donos dos carrões permanentes na Sophia, não podemos deixar de agradecer a s. s.ª a attenção que se dignou prestar ao pedido, que, sobre aquelle assumpto, fizemos no nosso antecedente número. Continuâmos, pois, a rogar ao digno verrea-

dor, que prohiba que em similhante local se façam as cargas e descargas, obrigando os donos dos carrões a ter armazens onde se possa fazer aquelle serviço, para que o público não continue a ser encommoado.

Pergunta — Qual é a razão porque o n.º 2 do nosso jornal, foi, segundo nos consta, escondido pelo guarda do gabinete do Instituto ás pessoas que alli o tem procurado para o lêr? Pedimos providencias á illustre direcção.

Enthusiasmo — Já é grande o enthusiasmo entre o povo d'esta cidade para solemnizar com o maior esplendor, o anniversario da independencia de Portugal, no 1.º de dezembro.

Reunião — Terá logar amanhã, 20, nos paços do concelho, a já annunciada reunião da commissão central e das filiaes, encarregadas dos festejos do 1.º de dezembro. Crêmos que os respectivos membros não deixarão de concorrer.

Commercio de Coimbra — Os srs. Antonio Rodrigues Pinto e João Matheus dos Sanctos deixaram de fazer parte da empresa d'aquelle jornal.

Alexandre Herculano — O retrato d'este acreditado escriptor portuguez vae ser remettido de Lisboa para a sala das sessões da sociedade portugueza *Madrepora*, instituida no Rio de Janeiro.

Cantanhede — O sr. Antonio Pessoa Alves da Fonseca, numa correspondencia publicada no n.º 29 do *Districto d'Aveiro*, pede ao sr. Governador civil de Coimbra, que faça uma visita ao concelho de Cantanhede, para melhor conhecer o estado deploravel a que se acha reduzido aquelle povo. Se os factos que o sr. Pessoa aponta são, como crêmos, verdadeiros, achâmos da maior conveniencia que o chefe d'este districto dê as mais energicas providencias.

É horroroso — Diz a *Correspondencia de Hespanha*, que horrorisam os pormenores que dá uma carta de Napoles da maneira que fusilaram os piemontezes aos 72 prisioneiros feito em Avelli. Pozeram-nos em uma fila, de pé, atados uns aos outros, e mandou-se que uma columna lhes fizesse fogo ás pernas pela frente, e outra collocada por detraz á cabeça. Á terrivel voz de fogo, ambas o fizeram simultaneamente, porém resultou, que as balas da segunda columna passaram quasi todas sobre as cabeças das victimas, que feridas sómente nas pernas cahiram conservando a razão. Foi preciso acabar com a vida d'aquelles desgraçados a tiros e a bayonetadas, em cuja operação empregaram mais d'um quarto de hora.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

OS PORTUGUEZES

A IBERIA

EM QUE SE EVIDENCIAM

AS INFELICIDADES QUE RESULTARIAM A PORTUGAL PELA SUA FUSÃO COM HESPANHA.

J. A. C. de Vasconcellos.

Vende-se na loja da Imprensa da Universidade e nos commissarios respectivos. Preço 200 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO A S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V
E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 100 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

É com o maior empenho que rogamos aos srs. Assignantes das provincias se dignem satisfazer a importancia do primeiro trimestre, remetendo-a a esta redacção em estampilhas, ou em valles, ou entregando-a ao sr. director do correio da localidade. E igualmente pedimos o favor de nos obterem algumas assignaturas; pelo que nos confessaremos summamente agradecidos.

Festejos populares

No domingo, 20 do corrente, teve lugar nos paços do concelho, a reunião que, no nosso antecedente número havíamos annuciado, da commissão central e das filiaes, encarregadas dos festejos do primeiro de dezembro.

Leu-se o programma elaborado pela commissão, que d'esse trabalho havia sido encarregada na última sessão; e foi approvedo.

O anniversario da independencia de Portugal será, pois, este anno celebrado em Coimbra d'uma maneira pomposa e solemne; o povo mostra estar possuido do maior enthusiasmo, concorrendo, com quanto suas forças o permittem, para a realisação d'uma festa puramente nacional.

O programma é o seguinte: que no dia 1.º de dezembro, pelas nove horas da manhã, terá lugar uma demonstração com gyrandolas e com repiques de sinos em todas as igrejas da cidade; que na Sé-Cathedral se celebre uma missa cantada, com sermão, para assistir á qual serão convidadas todas as auctoridades, o corpo cathedratico e o academico, funcionarios publicos, corporações, irmandades, etc.; que linda a missa, saia uma procissão que será composta de todas as irmandades, e acompanhada das pessoas convidadas para assistirem áquelle acto religioso, que recolha a Sancta Cruz, e que a acompanhe a força militar aqui estacionada, e as duas philarmonicas artisticas; que se solicite da Sancta Casa da Misericordia, da Veneravel Ordem Terceira, da Associação Consoladora dos Afflictos e das direcções dos Asylos de Infancia desvalida e de Mendicidade, que no dia immediato ao da festividade ampliem a sua beneficencia aos infelizes que se achem acolhidos sob a sua protecção; que no mesmo dia seja augmentado o jantar aos presos retidos na cadeia de Coimbra; que se peça aos chefes de todas as repartições e estabelecimentos publicos, que façam illuminar as frontarias dos respectivos edificios; que igual pedido se faça aos habitantes da cidade para que illuminem o exterior de suas habitações, e decorem as janellas das ruas por onde haja

de passar a procissão; que se dirija um pedido á corporação das duas sociedades philarmonicas para que concorram a abrilhantar os festejos patrioticos; que se provesse de modo, que as despesas a fazer sejam o mais reduzidas que possível fôr, entregando-se ao Asylo da Mendicidade as sobras da subscrição promovida pelos habitantes de Coimbra; que se dirija um pedido á direcção d'aquelle Asylo, para que no dia da festividade admitta no mesmo Asylo alguns mendigos, que devam ser preferidos pelas suas circumstancias; e que o ingresso dos novos asylados tenha lugar depois do *Te-Deum*; que finalmente a commissão executiva fique auctorisada a ampliar o programma em tudo o que fôr deficiente; fazendo-se auxiliar de todas as pessoas que julgar convenientes, e cujos serviços solicitará.

As commissões filiaes trabalham com a maior actividade, e consta-nos que a subscrição já sobe a uma cifra valiosa.

E nem podia deixar de ser assim: pois é possível que qualquer portuguez, amante da sua patria, deixe de concorrer com algum donativo para um tão justo fim? Crêmos que não.

Continuem, pois, os membros das respectivas commissões a mostrar-se assíduos no cumprimento de seus deveres, que o povo saberá annuir aos seus tão decididos esforços, e co-roar suas fadigas.

Algumas considerações sobre as praças de guerra de Portugal

Quando qualquer nação se vê ameaçada ou involvida em uma guerra, o mais seguro penhor, para a salvação da sua independencia, ou para que as consequências d'ella menos se façam sentir, é sem dúvida a boa organização militar de suas forças e predisposição de todos os meios de defesa. Em todos os tempos se reconheceu esta verdade, e segundo o grau de progresso que assignala as diferentes epochas, se lhe deu a devida consideração.

Estes principios geraes, reconhecidos em todos os tempos e por todos os povos, em que o progresso tem tido influxo, ainda subsistem; e apesar das transformações que tem soffrido a arte de fazer a guerra, não é menor a importancia que hoje merecem. E jámais a defesa, de uma nação poderá ter uma melhor base, do que a boa disciplina de suas tropas, e a fortificação dos pontos que por sua posição strategica se tornem importantes.

Em Portugal, e em epochas que não vão longe, houve grande attenção com tão importante objecto; tornando-se notavel, por seu poder militar e maritimo que lhe grangeava muito respeito e consideração. As numerosas fortalezas, que cobriam suas fronteiras, de so-bejo provam o muito cuidado que havia pela

sua defesa; e o dominio que sustentava em tantas e tão vastas regiões de todas as partes do mundo, testemunha o quanto podiam as suas bellas tropas, que tão gloriosa e proveitosamente serviam os interesses da nação.

Tão notavel era então Portugal por seu grande desinvolvimento de forças, quanto hoje o é por sua desorganisação e descuido militar. Seria muito difficil fazer comprehender em qualquer outra nação da Europa, onde, em geral se capricha em marchar a par do progresso, e ha a maior sollicitude por quanto respeita a objecto tão importante, a lamentavel indifferença que por elle ha em Portugal.

Não é em uma ou outra parte do ramo militar, não é um ou outro vicio na organisação da força pública, que sómente seja necessario corrigir; mas em todas as suas partes, e desde os fundamentos.

O barómetro que marca o desleixo, e quanto nestes ultimos tempos ha de lamentavel nos negocios da guerra em Portugal, é, sem dúvida, o estado das praças de guerra, que quasi todas se vão reduzindo a um amalgama de ruinas, e sem que em alguma se tenha feito o minimo melhoramento, que indique, que nesta parte, já chegou a Portugal a influencia do progresso do seculo XIX.

Não sabemos como avaliar um tão grande erro, se por uma completa indifferença, ou se por falta de conhecimentos em materia de tanta importancia.

Será possível, que esta última razão tenha grande parte em tal resultado; porque poderão ser mais geraes do que pensamos as erradas theorias com que temos ouvido argumentar alguns officiaes do exercito, relativamente á importancia que modernamente têm as praças de guerra. — Em seu entender, julgam inuteis quaesquer cuidados com paredes velhas (como dizem das praças), porque as paredes que decidem a sorte da guerra são as fileiras de soldados nos campos da batalha. — Que nenhum exercito se occupa já em bater praças, porque a tactica moderna é avançar sobre as capitaes. — Que já não ha praças inconquistaveis, porque todas succumbem facilmente ante o progresso da sciencia militar. E outros que taes erros.

Sempre que ouvimos argumentos d'esta natureza, a quem tem obrigação de melhor entender de tal assumpto, sentimos grande magua, por vermos que a nação tanto dispende com quem não está no caso de entender da sua defesa. São praxes apanhadas a dente, como vulgarmente se diz, e a que não sabem interpretar a sua força e verdadeiro sentido; o que os leva a avançar opiniões, em que revelam a completa ausencia de conhecimentos militares.

Os que assim discorrem, parece ignorarem os primeiros rudimentos de tactica antiga e moderna. Pois, se em todos os tempos, qualquer vallado, parede velha, moita de arvores,

etc., foram consideradas boas posições ou pontos de apoio, em que um corpo de tropas pôde augmentar consideravelmente a sua força, por que razão o deixarão de ser fortes baluartes, erriçados de canhões?

Não ha dúvida, que em um paiz todo aberto como Portugal, ainda que possua boas praças de guerra, quando seja atacado por forças muito superiores, estas podem avançar sobre a capital sem que percam tempo em as tomarem; mas, é então para o exército invasor uma necessidade absoluta, enfraquecer-se, para deixar um corpo de observação, pelo menos, de dupla força d'aquella do inimigo que deixa na sua reductura, para segurança de suas communicações. E se o exército da defensiva, for levado a encerrar-se na capital e alli chegar a uma situação insustentavel, ainda pôde tentar um esforço heroico, de com as armas na mão abrir caminho para uma boa praça de guerra, e ao seu abrigo, possível mudar a sorte da guerra.

Um dos maiores desastres que em uma guerra pôde succeder a qualquer nação, é sem dúvida, o perdimento da sua capital, e por consequencia, dos seus maiores recursos. Se a guerra teve por origem qualquer estímulo ou questão internacional, é provavel, que ella então chegasse ao seu termo; mas se os fins do vencedor, são a conquista ou condições de paz inaceitaveis, então a perda da capital não importa o completo triumpho de invasor. Quando ainda fiquem boas praças de guerra, ainda ha soldados e canhões que possam fazer um energico protesto, ainda tremulam bandeiras onde se concentrem os patrióticos esforços de um povo. Será ainda possível, que o invasor tenha uma difficil retirada, em que pague a sua facil entrada na capital.

O systema de avançar rapidamente sobre as capitães, foi uma innovação posta em prática por Napoleão I, e com que conseguiu terminar de um golpe de mão campanhas, que poderiam ter uma longa duração. Porém, Napoleão, além das numerosas e aguerridas tropas de que dispunha, do seu incomparavel prestigio, e de finissimo tacto politico com que dispunha as suas empresas, tinha a vantagem de pôr em prática aquella e outras innovações que iam de encontro ás praxes de guerra até alli usadas; e quando os seus competidores, afferrados ás velhas tacticas se preparavam para as suas methodicas operações, viam-se repentinamente desconcertados em seus planos, e esmagados pela força e pela astucia. Depois de algumas lições, aprenderam, e a seu turno tiraram a desforra. Ainda hoje aquelle systema pôde ser efficaz, mas só quando a força do invasor seja immensamente superior, ou que o invadido esteja na maior desprevenção; porque aliás, seria uma grande imprudencia do invasor, em offerecer a primeira batalha nas linhas da capital, a tropas a que sangrentas perdas não fizeram ainda perder a força e a moral.— Poderia soffrer um revez de ordem tal, que uma retirada em ordem seria impossivel, e que nella ainda as perdas seriam terriveis.

Segundo os argumentos d'esses taes doutores em tactica, limitava-se a missão do nosso exército, logo que rompesse uma guerra, a encerrar-se na capital, e abandonar ao inimigo todo o paiz e recursos que lhe serviriam contra ella; e provavelmente, sem outro plano mais do que esperar que os alliados acudissem; e se o seu socorro falhasse ou se se demorasse por muito tempo, curvar-se á sorte que ao invasor approuvesse impôr ao paiz.

Para um similhante resultado valia bem a pena de a nação fazer avultados e constantes sacrificios com um exército! (Continúa)

O *Jornal do Commercio*, do Porto, publica o seguinte artigo:

Casamento de El-Rei

(Continuado do n.º 3)

Raro será o povo onde a causa da emancipação e da unidade da Italia tenha mais affeições que em Portugal. Quando o rei Carlos Alberto, cedendo ao infortunio, abdicou a corôa em seu filho, para que mãos mais vigorosas e melhor fadadas, podessem na conjunctura propicia continuar a obra da liberdade da Italia, que elle encetára tão gloriosamente, foi a Portugal que veio buscar o repouso de uma curta, mas fadigosa lida. Foi aqui, e na terra mais illustre pelos serviços e dedicação á liberdade, que o desventurado, mas glorioso, monarcha do Piemonte achou a paz e o socêgo que anhelava, cercado de todos os respeitos, de todas as sympathias, que se traduziram em factos eloquentes.

Foi a sombra da liberdade proclamada, defendida e assegurada pelo duque de Bragança, que o rei Carlos Alberto escolheu para abrigo dos seus ultimos dias; e aqui achou o termo dos seus desgostos, inclinando a cabeça, resignado ao destino iniquo que o opprimiu. Acompanharam-no na morte as lagrimas dos portuguezes, como nos campos da batalha o haviam acompanhado com os votos fervorosos pela victoria da causa que propugnava.

O Piemonte mostrou-se grato á hospedagem que Portugal dera ao rei infeliz; e as mutuas provas de bizarría, que entre ambos os paizes houve então, apertaram ainda mais a sua amizade.

Desde essa epocha a Italia não tem estremeado uma só vez 'nesse movimento em que anda empenhada, para se constituir senhora e rainha de si propria, que em Portugal não se reflecta o estremeamento, ou para a exaltar e engrandecer, ou para sentir os seus males.

Depois a Italia tem soffrido muito para ser livre, e Portugal padeceu aturados martyrios antes que D. Pedro IV podesse segurar-lhe a liberdade; e esta confraternidade no soffrimento é ainda outra causa para que os dous povos mais se estimem e respeitem.

E não será fóra de proposito lembrar que o primeiro poeta que deu justo apreço ao nosso Luiz de Camões, e que em um soneto, monumento da mais sympathica cordialidade entre dous genios tão sublimes, deixou memorado o intimo affecto da Italia a Portugal, foi o Tasso, o cantor da *Jerusalem*, cujo fado foi tão cruel na vida, como são grandes as memorias que de si deixou.

Assim como os principes de Saboya e de Aviz se tinham ligado por intimos laços de parentesco no casamento da infanta D. Beatriz com o duque Carlos III, assim os dous principes da poesia italiana e portugueza, se uniram pelo affecto e pela fraternidade do talento.

Este facto tão significativo, talvez pareça isolado e estranho ao que estâmos escrevendo mas não é, porque o podiamos ajunctar com outros mais modernos, mostrando como a litteratura portugueza é estimada e devidamente apreciada na Italia. E não haverá 'neste facto alguma cousa mais de que um facto litterario?

Sem que agora accumulamos mais provas de mutua sympathia que existe entre os dous povos, mencionaremos com tudo as attenções de que foi objecto o marquez Caracioli di Bella 'nesta côrte e 'nesta cidade, e as distincções e honras extraordinarias feitas pelo rei Victor Manuel ao visconde de Seisal, embaixador extraordinario de Portugal para fe-

licitar aquelle monarcha pela constituição do reino da Italia.

Todos estes singulares testemunhos de apreço e de estima, significam que os dous povos e os seus soberanos estão no mais perfeito accôrdo.

Por outro lado entre as duas dynastias de Bragança e de Saboya ha não só o parentesco, que remonta á primeira rainha portugueza, a sr.ª D. Mafalda, mulher de el-rei D. Affonso Henriques, senão tambem as gloriosas tradições que as constituem duas das mais illustres casas soberanas da Europa.

A casa de Saboya, antiquissima casa soberana, tem na historia as mais gloriosas páginas escriptas com a espada e com os mais heroicos feitos; assim como a casa de Bragança é herdeira das glorias de illustres cavalleiros e de monarchas que encheram o mundo com o seu nome.

São duas familias nas quaes os enlaços matrimoniaes honram a ambas, sem que nenhuma d'ellas possa dizer qual fica mais honrada.

É sabido, como dissemos, que el-rei D. Affonso Henriques foi casado com a senhora D. Mafalda, filha de Amadeu III, conde de Saboya, de Mariana e Piemonte; e assim a primeira rainha de Portugal foi d'essa illustre casa de Saboya.

Depois, a infanta D. Beatriz, filha de el-rei D. Manuel, casou com o duque de Saboya, Carlos III.

E note-se uma circumstancia notavel, que na dynastia de Saboya recorda este consorcio. A primeira vez que na serie dos duques se encontra o nome de Manuel, é no filho do duque Carlos III e da infanta D. Beatriz, o qual se chamou Emmanuel Felisberto, e depois d'elle é que achâmos principes d'esta casa com este nome de Manuel: tão grato parece haver sido a esta familia o enlace matrimonial na dynastia do Mestre de Aviz. E dá-se agora a coincidencia de que o rei Victor Emmanuel tem o nome do seu ascendente o nosso rei D. Manuel. Singular coincidencia, que parece prognosticar a nova alliança nas duas familias!

Depois, el-rei D. Affonso VI desposou a sr.ª D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Manuel de Saboya, duque de Nemours e Aumale, a qual, annullado este matrimonio, veio a casar com el-rei D. Pedro II.

D'este consorcio nasceu a infanta D. Isabel, que foi jurada princeza herdeira da corôa em 1674, e que teve o seu casamento, devidamente auctorisado pelas côrtes, ajustado com Victor Amadeu II, duque de Saboya.

Celebraram-se os esponsaes 'nesta cidade e partiu uma luzida armada para trazer o noivo; porém o consorcio malogrou-se, e a princesa veio a perder o casamento e o direito á corôa, porque desposando el-rei D. Pedro, em segundas nupcias, a sr.ª D. Maria Sophia de Neubourg, teve filhos varões, e occupou o throno o principe D. João, filho d'este segundo consorcio.

Ha pois intimos laços de parentesco entre as duas dynastias, e ha mais as sympathias populares que em ambos os paizes ellas gozam.

O povo folgaria de vêr, sentada no throno portuguez ao lado do sr. D. Pedro V, a filha do rei da Italia, do monarcha que impéra em um dos mais formosos e em breve um dos mais poderosos reinos do mundo. Seria uma alliança aconselhada pelas conveniencias de familias e pela vontade do povo.

A princesa Maria Pia, filha de um monarcha tão heroico, reúne aos dotes do coração, os que dá uma educação esmerada e illustrada; — é filha de um rei liberal que, quando principe, com a espada combateu valorosa-

mente ao lado de seu infeliz pae, para libertar a Italia; — é neta de um monarcha que deu principio á grande obra da emancipação italiana, e que foi grande no infortunio, como o fôra empunhando a espada e o sceptro.

Em Portugal encontrará a princesa de Saboya muitas memorias gratas ao seu coração. No Porto está levantado um templo, recordação piedosa votada por sua tia á memoria de seu avô, Carlos Alberto. A princesa lembrar-se-ha que o seu glorioso avô viveu ralado de desgostos e consumido, porque succumbiu na empresa de restituir a liberdade á patria commum, e esta recordação e os dictames e exemplos do augusto pae e sua côrte, asseguram ao throno portuguez uma rainha digna d'elle como princesa excelsa e senhora illustrada.

A Portugal convém a alliança da Italia, e por isso deve procurar cimentá-la por todos os modos. O reino da Italia, depois de serenadas as tempestades que agora levantam as contrariedades politicas, depois de consummada a sua unidade completa, que ha de consumir-se talvez mais cedo do que pensamos, será inquestionavelmente um poderosissimo reino, não só pelo seu extenso territorio, senão também pelos seus vastissimos recursos. E não convirá antes a Portugal o enlace matrimonial de el-rei nessa illustre casa soberana que em qualquer outra obscura, sem importancia politica, sem influencia nenhuma, embora os seus pergaminhos sejam nobilissimos? E quaes podem ser mais nobres que os da casa de Saboya?

Uma rainha, naturalmente, exerce sempre poderosa influencia na educação dos filhos do monarcha: como mãe procurará inspirar-lhes as ideias e os sentimentos que a animam; por isso, considerado o assumpto, por este lado convém que a esposa do soberano seja nascida e criada em um estado onde impere a mesma ordem politica que rege nos estados do seu esposo. E a princesa de Saboya, mais que qualquer outra princesa, reúne todos estes predicados, que tornariam o seu enlace com el-rei o sr. D. Pedro, popularissimo no paiz.

Assim o consorcio de el-rei o sr. D. Pedro y com a princesa de Saboya, seria mais um motivo para augmentar o affecto que o povo vota ao soberano; seria mais uma garantia para a liberdade d'esta terra; seria a base de uma alliança altamente proveitosa á nação; seria finalmente um facto politico importantissimo.

Pôde ser que nos enganemos nas nossas apreciações, contudo estamos convencidos de que exprimimos os desejos do povo, e advogamos uma causa de interesse nacional.

Abaixo publicamos a circular que, por ordem da illustre direcção da sociedade Madrépora, composta de portuguezes e instituida no Rio de Janeiro, acaba de ser dirigida aos professores das escolas gratuitas de instrucção primária do reino, pelas quaes aquella associação manda distribuir 800 volumes do interessante jornal o *Archivo Pittoresco*, que no fim do anno serão o premio dos alumnos mais distinctos pelo estudo e pela applicação.

«III.º sr. — Encarregados pela SOCIEDADE MADRÉPORA, composta de portuguezes estabelecidos no Rio de Janeiro, de distribuir pelas escolas e estabelecimentos de educação gratuita em Portugal 800 volumes do *Archivo Pittoresco*, semanario instructivo e litterario com grayuras, levamos ao conhecimento de v. s.ª que temos recommendação especial da Direcção da mesma benemerita sociedade para incluímos na lista das escolas contempla-

das com este donativo aquella que v. s.ª dignamente dirige, e bem assim quaesquer outras d'esse districto, sendo gratuitas.

«Para este fim pedimos a v. s.ª o favor de nos participar a localidade da sua escola, e bem assim de fazer chegar esta circular ao conhecimento dos mais professores e mestras d'esse concelho, que estejam em idênticas circunstancias.

«Logo que recebermos a resposta de v. s.ª faremos a remessa pelo correio, franca de porte dos n.ºs publicados, correspondentes ao exemplar destinado á escola de v. s.ª

«Lisboa... de setembro de 1861.—Somos de v. s.ª att.º v.ºº e cr.ºº — Castro, Irmão & C.ª»

Manifesto

(Continuado do número 3)

Parte da imprensa periodica de Madrid suppoz que havia em Portugal quem estivesse enfadado de ser portuguez; e insinuou, que, se nos unissemos á Hespanha, podiamos realizar altas phantasias de poder e engrandecimento, de que uma nação não precisa para ser feliz, nem aproveitar mais á civilização commum, para a qual todos os estados, pequenos e grandes, podem concorrer.

Porque deixámos passar sem contestação esses devaneios, pouco faltou para que tudo quanto constitue o nervo de uma nação, que os representantes de todas as actividades d'esta terra, os representantes da imprensa, da tribuna, da propriedade, do capital, do commercio, da milicia, do sacerdocio, e da magistratura, fôsem declarados ibericos! Pintavam um verdadeiro 1580.

Estas dissertações da imprensa interessada, e por isso incompetente, passaram as raia da Peninsula, e acharam ecco 'noutra imprensa além dos Pyrneos, que tem a seu favor a presumpção de imparcialidade. Não affirmámos que o facto fôsse fortuito e gratuito; o que sabemos só, é que a poesia tornou-se doutrina, a utopia systema, e que depois d'isto não é permitido o silencio.

Precisavamos, portanto, expôr claramente a opinião unanime do povo portuguez, e assegurar aos homens e aos governos que se interessam no melhor regimento da familia europeia, que é ânimo e deliberação nossa, defender a integridade do territorio que possuímos, não aceitando aggregações, incongruentes com o character e tradições nacionaes, e que nos empenhâmos, quanto cabe em nossas facultades, e nol-o permittem os obstaculos da governação que todos os povos têm encontrado nos aperfeiçoamentos sociaes, por sermos dignos de fazer parceria com as nações civilizadas, tanto pelos nossos feitos passados, como pela nossa vida contemporanea.

Nenhuma razão politica, moral ou economica, em beneficio commum da Europa, exige que Hespanha e Portugal formem um só estado; e o direito publico europeu, reconhecendo 'nestes últimos tempos, para todas as annexações e transacções politicas, como condição indispensavel, a vontade manifesta dos povos, não permite que se constranja uma nação, por mais pequena que seja, a abdicar o seu nome, o seu passado, a sua autonomia.

Portugal, avivando e celebrando com mais solemnidade o anniversario da reconquista da sua independencia em 1640, nem pretende ferir o pondunor da briosa nação hespanhola, nossa amiga e alliada, nem resuscitar os odios que outr'ora inimizaram os dois povos vizinhos.

Não quer reptal-a. Não leva a mão á espada. Unicamente aponta para o seu direito, e diz á Europa que está decidido a defendel-o.

Nenhum outro motivo inspirou aos portuguezes a ideia de manifestar o seu patriotismo, determinando sem insinuação nem concerto prévio, na capital, nas provincias, em cidades e aldeias, repôr na memoria nacional, com a devida solemnidade, o anniversario da restauração da nossa independencia em 1640.

O modo mais adequado de celebrar este anniversario, pareceu-nos ser aquelle mesmo que estabeleceram os nossos libertadores, com o addicionamento que a nossa gratidão lhes deve.

Na circular que juncta com este manifesto dirigimos ás commissões já instituidas, e ás que se houverem de crear, vão indicados os alvitres que adoptámos.

O sentimento publico, assim como se moveu, de per si, a esta manifestação, hade realisar-a com sisudeza, sem ostentações vans, e com a circumspecção que demanda tal solemnidade.

Lisboa, 25 de agosto de 1861.

Alexandre Herculano — Anselmo José Bramcamp — Antonio Esteves de Carvalho — Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu — Antonio José Marques Leal — Antonio José Pereira Serzedello Junior — Antonio da Silva Tullio — Ayres de Sá Nogueira — Conde de Almada — Conde de Redondo — Custodio Firmo Rodrigues — Domingos Ferreira Pinto Bastos — Feliciano de Andrade Moura — Francisco Vieira da Silva — Innocencio Francisco da Silva — Jacintho Augusto de Freitas Oliveira — João José Barbosa Marrecá — João Daniel de Sines — João Luiz de Moraes Mantas — João Ricardo Cordeiro Junior — Joaquim Antonio Gonçalves Teixeira — Joaquim José Pereira Guimarães — José Cesar Giurian — José Estevão Coelho de Magalhães — José Joaquim Alves Chaves — José Maria Chaves — José Maria Frazão — José Maria da Silva e Albuquerque — José Mauricio Velloso — José do Nascimento Gonsalves Correia — José da Silva Mendes Leal Junior — Luiz Augusto Rebello da Silva — Luiz de Castro Guimarães — Luiz Philippe Leite — Luiz Telles de Mello — Luiz de Vasconcellos de Azevedo e Silva — Manoel Coelho Torrezão — Manuel de Jesus Coelho — Pedro Wenceslau de Brito Aranha — D. Sebastião Maldonado.

PASMATORIO

— No dia 3 de Novembro proximo futuro, terá logar o bazar de prendas a beneficio de Possidonio da Silva Alves Brandão, pintor e esculptor, que se acha, ha annos, prêso nas cadeias d'esta cidade. Pedimos o auxilio do publico a favor d'aquelle infeliz. As prendas são dirigidas á loja do sr. Paulo Jose da Silva Neves, negociante na Calçada.

— Como por ahí já se começa a fallar muito na eleição da camara municipal d'esta cidade a que se ha de proceder no dia 24 de novembro proximo futuro, brevemente apresentaremos algumas considerações a esse respeito, e teremos a honra de offerecer uma lista aos eleitores do Concelho de Coimbra, composta de individuos que por certo não deixarão de aceitar o cargo para que forem eleitos, e que o hão de desempenhar com aquella probidade e rectidão de que se carece para a melhor ordem, prosperidade dos negocios d'este municipio.

Um acto eleitoral requer sempre toda a circumspecção; e quando qualquer cidadão é obrigado a votar 'neste, ou 'naquelle individuo, contra a sua consciencia, essa eleição deve ser invalida. Nós apenas indicaremos os individuos que julgamos merecerem a approvação dos eleitores do municipio; mas não

instâmos para que a nossa lista seja preferida a outras que forçosamente hão de apparecer no campo eleitoral.

— A juncta geral d'este districto, nos cinco dias de sessão extraordinaria que teve para a revisão da contribuição pessoal, desde 17 até 22 do corrente (porque o dia 20, domingo, não obstante não haver sessão, foi contado na folha) fez de despesa, segundo nos consta, 96\$000 réis, porque a ella só concorreram oito procuradores; se todos os treze se reunissem, vejam ao quanto subiria aquella verba, tão desnecessaria e inutil! O serviço que a juncta fez em cinco sessões e seis dias, qual-quer pessoa o fazia 'num só: — e a querer a lei que um tribunal o fizesse, tinha os conselhos de districto, a quem elle podia ser encarregado. A nossa lei só se occupa de fanfarronadas!

— Continuam as queixas contra os arrozaes que causam damno a muitos povos d'este districto. Diz-se que a freguezia de Vil de Matos está soffrendo de um modo assustador, por alli se terem semeado os arrozaes; que o povo apparece com o rosto macilento, e familias inteiras se acham doentes, tendo augmentado a mortalidade, tanto na gente como no gado.

— Em Braga, segundo diz o *Bracharense*, pela occasião da última trovoadá, a chuva cahia a torrentes, e de toda a parte fusilavam os relampagos, parecendo que o ceu estava cercado d'uma cinta de fogo. Mais tarde sobreveio um impetuoso furacão, que felizmente foi pouco duradouro, e por isso não consta que produzisse estragos notaveis.

— Em Aveiro, na Costa do Vallado, o vento que soprou, deitou abaixo muitas arvores e levou as telhas d'algumas habitações ruraes.

Na Oliveirinha o furacão fez tambem estragos nas arvores e casas. Na Mouta, na quinta do sr. Casimiro Barreto, cahiram dois cedros annosos, e muitas outras arvores.

No forte da barra todos os vidros foram quebrados; e muitas aves maritimas ficaram esmagadas, fluctuando depois sobre as aguas da ria.

Em Veiros, concelho de Estarreja, caiu uma faisca sobre uma fábrica de phosphoros; o prédio ardeu todo.

Na freguezia de Salreu, o vento abateu alguns pinheiros seculares, e muitas arvores fructiferas.

Em Sancto Thyrsó tambem a trovoadá e o furacão atterrou toda a gente, quebrando o granizo igualmente muitos vidros das janellas das casas.

No Porto, a tempestade foi igualmente medonha; porém felizmente poucos estragos causou.

— Na Figueira da Fóz cahiram duas faiscas sobre um navio, partindo-lhe o mastro, e outra que entrou e sahio por uma escótilha, sem causar o menor damno.

— Em Torre de Bruscos, freguezia de Villa-Secca, concelho de Condeixa cahiu uma faisca electrica em casa d'uma pobre familia, matando o chefe e um filho d'este. Uma filha ficou sem sentidos, mas acha-se quasi restabelecida.

— Em Alvaiazere cahiu pedra do peso de 200 grammas, causando graves prejuizos, com especialidade nos telhados.

— Por ordem superior foram mandados fechar, com algumas excepções, os bilhares, no bairro alto, em Coimbra. A dever tomar-se aquella providencia, entendemos que devia ser geral.

— Falleceu na sua casa da Louzan o ex.^{mo} sr. Antonio Cardoso de Faria Pinto, desembargador aposentado, e um excellente cavalleiro. O sr. Faria Pinto, contava um sem numero d'amigos, sentindo todos tão inesperada morte. A terra lhe seja leve.

— Dissemos no nosso n.º 2 que davamos quarenteua ao que um jornal de Pernambuco havia dito sobre a destruição da cidade de Campos, no Brasil; e não nos enganámos, porque felizmente não houve tão enorme catastrophe. Os jornaes e cartas vindas d'aquelle imperio nada dizem a similhante respeito. Não duvidámos que tivesse logar algum terremoto, mas crêmos tambem que, se houve prejuizos, foram de pequena monta.

— A malla-posta de Lisboa conduz já os passageiros á estação dos Carmellitas, no Porto. Parando até agora no Alto da Bandeira, foi por certo um grande melhoramento fazel-a entrar na cidade invicta.

— O sr. Camillo Castello-Branco, e a ex.^{ma} sr.^a D. Anna Plácido, foram absolvidos (!) no dia 17 do corrente. Ha muito tempo que se achavam presos na relação do Porto.

— Segundo diz uma correspondencia de Turin, dirigida á *Verdade*, jornal hespanhol, o casamento do sr. D. Pedro V, com a princesa Maria Pia de Saboia, está definitivamente tractado, e realisar-se-ha para a primavera.

Diz o correspondente que ha mais d'um mez foi o retrato da princesa remetido ao rei de Portugal.

Por uma correspondencia estrangeira tambem consta que o governo portuguez, mandou construir tres navios de guerra a vapor. Oxalá que seja verdadeira a noticia; porque, se se não cuida do augmento da nossa marinha de guerra, bem certa é a ruina e perda das nossas ricas colonias.

— Sua magestade el-rei acaba de comprar á casa de Verraux de Paris 650 aves, especies que pela maior parte são da Australia e China, muito raras e de grande estima. Com esta acquisição tem hoje o museu real mais de quatro mil aves.

— Em Inglaterra, o paiz classico das eccentricidades, celebrou-se ultimamente uma exposição de cães. Havia trezentas libras para serem distribuidas em premios entre 43 classes. Appareceram, porém, animaes tão lindos, que os intendedores e amadores da especie canina avaliaram em mil e duas mil libras esterlinas alguns dos finos bichinhos!

— As nossas duas embarcações de guerra, de que não havia noticia já appareceram: O *Bartholomeu Dias*, chegou a Southampton no dia 4, e a *Estephania*, no dia 1.º a Gravesend.

— O sr. D. Miguel de Bragança completa hoje 59 annos de idade.

— No dia 29 do corrente é igualmente o anniversario natalicio de s. m. el-rei o sr. D. Fernando II. Por este motivo haverão gyrandolas e repiques de sinos, e se conservarão fechadas as repartições.

— Segundo diz o *Viriato*, este anno espera-se uma colheita espantosa de castanhas, não havendo lembrança de uma tal abundancia.

— Em 1807 o marechal Davonst occupava uma parte da Pomerania até á ilha de Regen, onde collocára um destacamento. Este recebeu ordem de evacuar a ilha, e retirando com precipitação, deixou alli, por esquecimento, uma sentinella. O pobre soldado fartou-se de passear por muitas horas, até que perdendo a paciencia, correu ao corpo da guarda: achou-o deserto, os seus camaradas haviam embarcado, e o misero, vendo-se só, ficou inconsolavel, porque, além do abandono recebeu ser considerado deseter do seu regimento.

Foi para a cidade, e contou a sua historia a um homem honrado, que o consolou e o tomou a seu serviço. Com o tempo estreitaram as suas relações, e o soldado veio a cazar com a filha do dono da casa.

Decorreram cinco annos. Uma certa manhan appareceu uma frota no canal, e a noticia correu de que eram os francezes, que aportavam á ilha.

— Estou perdido! Exclamou o soldado, vão prender-me como deseter!

Depois acóde-lhe uma inspiração. Veste o seu uniforme, pega na espingarda, e corre para o ponto, onde cinco annos antes os seus compatriotas o tinham abandonado.

Os francezes desembarcaram.

— Quem vive? Grita o soldado.

— Francez?! — responde um official. —

Que fazeis vós aqui?

— Estou de sentinella.

— De sentinella! Desde quando?

— Desde 1807.

O official fica admirado, o soldado explica-se, e contado o caso ao almirante, este riu ás gargalhadas, e mandou passar immediatamente uma baixa em fórma ao nosso homem, que esteve de sentinella desde 1807 até 1812.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

NOVA TABUADA

EXACTA E CURIOSA

COM O NOVO

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

DE PESOS E MEDIDAS

TABELLAS DE REDUCCÃO

E

EXERCICIOS E PROBLEMAS PARA INTELLIGENCIA DO MESMO SYSTEMA

POR

J. S. Bandeira

Approvada pelo Conselho Geral de Instrucção Pública.

3.^a EDIÇÃO

CORRECTA E REFORMADA

Este opusculo torna-se recommendavel, não só pela sua extrema barateza, mas principalmente pela clareza e precisão com que está escripto, satisfazendo assim tanto ás intelligencias no seu primeiro periodo de desinvolvimento, como ás necessidades do mestre em sua explicação poupando igualmente ás classes desfavorecidas da fortuna o sacrificio da compra, muito mais cara, de tractados especiaes sobre o systema metrico, por se acharem reunidas n'esta tabuada todas as explicações necessarias para intelligencia do mesmo systema. Preço 50 réis.

Vende-se em Coimbra na loja da Imprensa da Universidade, e nas mais terras do reino em casa dos commissarios da mesma Imprensa.

ANNUNCIOS

Na loja nova de Antonio José Duarte, na rua de Sophia, se vendem bilhetes inteiros, meios, quartos, oitavos e fracções, de todos os preços, da loteria extraordinaria da Sancta Casa da Misericórdia de Lisboa. A extracção será no dia 12 de novembro proximo futuro, e o prémio grande é de 50\$000:000 réis. Na mesma loja se está formando uma sociedade.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO A S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V
E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Províncias, em casa dos Srs. Directores do Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre: em Coimbra 400 réis; nas Províncias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

É com o maior empenho que rogamos aos srs. Assignantes das provincias se dignem satisfazer a importancia do primeiro trimestre, remettendo-a a esta redacção em estampilhas, ou em valles, ou entregando-a ao sr. director do correio da localidade. E igualmente pedimos o favor de nos obterem algumas assignaturas; pelo que nos confessaremos summamente agradecidos.

Eleição da camara municipal

Em o nosso passado número promettemos offerecer uma lista aos eleitores do concelho de Coimbra, composta de individuos que não só não deixarão de acceptar o voto de seus constituintes, mas também que hão de desempenhar os cargos de vereadores d'este municipio com aquella intelligencia, imparcialidade e rectidão de que se carece para a boa ordem e regularidade dos negocios municipaes.

Não querendo entrar na apreciação dos factos publicamente apontados á actual vereação, porque respeitamos seus illustres membros, entendemos contudo que o unico meio de pôr fim a tantos dissabores, é eleger nova camara, confiar na probidade dos eleitos, e apoiar seus actos, que merecerão, por certo, a approvação dos povos do concelho de Coimbra, e que terão na consideração devida o bem-estar e commodidades de seus constituintes.

Eis a lista:

Dr. João Antonio de Sousa Doria
Bacharel, Antonio Maria Ferrão Montenegro
Bacharel, Diogo José dos Sanctos, da Larçã
Olympio Nicolau Ruy Sanctos
Leovegildo Antonio da Cunha
João Lopes de Sousa

José dos Sanctos Monteiro, de Castello Viegas
Estamos convencidos de que a nossa escolha é das mais acertadas; e pedimos, por isso, o apoio de nossos concidadãos, a fim de que os individuos que a propomos sejam aquelles a quem se confie a administração municipal no biennio de 1862 a 1863.

O municipio muito lucrará com semelhante eleição.

Algumas considerações sobre as praças de guerra de Portugal

(Continuado do n.º 4)

É também um grande erro, o dizer-se, que as praças de guerra já não têm importancia alguma, porque em presença do progresso da sciencia militar, nenhuma se pôde considerar inconquistavel.

Também intendemos, que nenhuma praça

pôr mais bem fortificada que esteja, deixará de succumbir, se totalmente fôr abandonada á sua sorte, ou que o seu soccorro se faça esperar por muito tempo; mas não cahirá com muita facilidade, se os seus meios de defesa estiverem em relação com os de ataque, no que respeita ao progresso da arte e aprovisionamentos; porque então, para ser tomada pela força, precisa de um sitio em regra; o que não se consegue com essa apregoada brevidade; e a praça que hoje resistir dois ou tres mezes, faz mais do que uma que em outro tempo resistisse um anno. A facilidade de communicações tem hoje grande influencia nas operações de uma guerra, cujas alternativas têm de passar-se em um muito mais curto espaço de tempo. Essas guerras que duravam annos, já não são possíveis, nem nação alguma poderia hoje supportar os seus destroços, em attenção aos sempre crescentes meios de destruição que nellas se empregam. Para o caso do soccorro de uma praça sitiada, se elle fôr possível, o exército a elle destinado, já não precisa como outrora, de mezes para se reunir e preparar. Se a perda da praça ameaçada importar uma ferida mortal que a nação queira evitar, instantaneamente é toda advertida do perigo que corre, e dos sacrificios que por ella lhe cumpre fazer: a imprensa é hoje o melhor e mais prompto agente para esse encargo.

Seria bastante curioso ouvir as opiniões dos *talentosos* militares que assim julgam das praças de guerra: — sobre o que pensam das outras nações que tanto interesse lhes ligam; e que se partilhassem taes principios, melhor as dispensariam; porque ellas, dispondo de exercitos em que os combatentes se contam por centenas de milhares, estavam melhor no caso de só se escudarem com as suas incommensuráveis paredes de soldados: mas o que a ellas Russia, nunca se descuida de melhorar e augmentar as suas praças de guerra. A França possui-as muito boas, e cuidadas com o maior esmero; tendo modernamente muralhado a capital, e circumdado de um novo recinto a sua praça de Lille. Inglaterra não tracta presentemente de outra cousa. O maior orgulho da Allemanha, é pelas suas praças de guerra; dispondo-se agora a Austria para fortificar Cracovia de uma maneira respeitavel. O Piemonte, alguns annos antes de em 1859 se aventurar a uma tão arriscada guerra, as suas maiores prevenções foram com a sua forte praça de Alexandria; que parece, que só ella poderia ser a tábua de salvação, no caso de um revez. A Hespanha nunca tractou de fortificações como actualmente. Só Portugal é que de tal não tracta, e só elle é que possui quem julgue isso desnecessario!

Por ligarmos muita consideração ás fortificações permanentes, não se queira por isso suppor, que somos de parecer e que aconselhámos, que se façam dispendios com toda

essa alluvião de praças antigas que possuímos e que em grande parte nome tal nem merecem. Por seu grande número, serviriam em tempo de guerra, mais para absorverem todas as forças em guarnições do que para uma boa defesa; mas é inquestionavel, que Portugal necessita ter em suas fronteiras algumas boas praças fortes, distribuidas pelos pontos mais estrategicos, e contempladas com todos os melhoramentos introduzidos na arte de fortificação. As barras de Lisboa e Porto igualmente precisam ser bem fortificadas como demanda a sua muita importancia.

A natureza dividiu Portugal em tres regiões militares, traçadas pelos seus principaes rios, Tejo e Douro: em qualquer d'ellas ou em todas ao mesmo tempo, se podem dar as operações do inimigo, pelo que, em todas se precisa de algumas boas fortalezas, indispensaveis em todas as qualidades de guerra.

Na guerra offensiva, podem servir ao exercito de base de operações, depósito de munições e viveres, hospitaes de sangue, etc. E se o exercito soffre um revez, pôde sobre ellas operar a sua retirada, livrando-se talvez de um destroço que poderia soffrer, se fôsse acossado em uma maior distancia.

Para a guerra defensiva ainda as praças são mais necessarias a Portugal, pela falta de linhas fortes que cubram suas fronteiras. Os seus principaes rios pela disposição do seu curso, não podem servir de linhas que cubram um exercito destinado a embaraçar uma invasão do inimigo; mas será para isso muito consideravel a sua importancia, se, por um bem combinado systema de defesa, houver praças em posições que auxiliem a estrategia; em que, conjunctamente com aquellas linhas naturaes, se apoie um exercito que cubrindo aquella parte com segurança de seus flancos, possa sobre elles operar, quando as circumstancias o exijam; podendo talvez assim conter o inimigo, ou aproveitar-se de algum erro que elle commetta. Em summa, podem favorecer toda a chicana que um habil general pôde desinvolver, e que muito pôde favorecer um exercito mais fraco. (Continúa)

Oculo de vêr ao longe

O festejo popular projectado para o primeiro de dezembro do corrente anno, em que parece estar empenhada toda a nação portugueza, não é cousa indifferente. Se o seu alcance politico é transcendente para os portuguezes, que apreciam a sua liberdade, e a independencia da mãe patria, não é menos arriscado o levar-se de assalto uma empresa que demanda fino tacto e maduro estudo.

No abatimento em que hoje se acha Portugal, digno de melhor sorte, que mais poderá appetecer que a manutenção de boas e cordaes relações com a sua visinha, e com as

mais nações, cuja politica se quer fazer prevalecer?

Eu não sou politico, nem estou ao alcance do que vae de bom e mau pelo estrangeiro; mas o que observo é que a ambição do engrandecimento cresce a olhos vistos nos poderosos, procurando-se airosos pretextos para refundir nacionalidades em annexações, a que mais competia dar-se o nome de *vexações*.

Sejamos francos. Fazer reviver festins populares, ha seculos esquecidos, ou despresados, sem pesar bem as consequencias, será prematuro. Se convém inspirar aos portuguezes patriotismo e nacionalidade pela recordação gloriosa da sua restauração em 1640, não é menos necessario o esquecimento dos vexames da *ocupação estrangeira*.

A imprensa hespanhola ainda ha dias se queixou de palavras pouco attentivas para com aquella peninsula, que tiveram logar na cidade do Porto, mesmo na presença do sr. D. Pedro v, por occasião (se não ha engano) da Exposição Industrial; — e por isso quem poderá conter o povo em taes manifestações no respeito fraternal e a imprensa insensata na sua verdadeira orbita?

Supposto que muito respeito os diferentes alvitres que já adoptaram as commissões centraes e filiaes do reino, parece-me que seria menos arriscado fazer converter o producto de taes subscrições em melhoramentos das nossas praças arruinadas e dos caminhos transversaes, que com ellas communiquem, não despresando tambem a disciplina militar de que muito se carece, em maior numero de praças de pret, que ha na actualidade.

Outubro, 24 de 61.

Um amigo da independencia portugueza.

Hespanha e Portugal

(Continuado do numero 3)

A ideia ou principio das nacionalidades, de que agora muito se falla, como todos os principios geraes, é um principio vago, e, se não vago, até certo ponto contradictorio. As nacionalidades não se determinam pela geographia, nem pelo idioma, nem pela identidade da estirpe, nem pela similhaça ou egualdade da historia, da religião e dos costumes. Tudo isto concorre para as constituir; a sua base, porém, está no sentimento, que não se subordina a regras nem a raciocinios.

A Italia, que é o exemplo que se allega, é uma só nação, porque é uma só nação. A favor da unidade da Italia não ha argumento mais decisivo, que o sentir dos seus filhos. Desde a queda do imperio romano, durante o qual, se toda a Italia esteve unida, tambem esteve unida uma grande parte da Europa, não se realisou a completa unidade italiana, senão por breve tempo e sob o sceptro de Theodorico, de um rei barbaro. Desde então até hoje, o pensamento da união, o mutuo desejo de o realisar, e o sentimento de ser uma só nação dominaram a alma de todos os filhos illustres d'aquella peninsula.

Investigar as causas por que na peninsula iberica não acontece o mesmo, seria trabalho para maiores estudos; basta para agora que seja certo, que na nossa peninsula não succedeu o mesmo.

Na Italia, apesar da divisão dos estados e das guerras, ciumes e inimizades que entre elles houve, não existe senão uma só nação, predomina o sentimento de uma só nacionalidade e o amor de uma só patria, pelo menos desde o tempo do Dante. Ora impere o partido gibelino, ora o guelfo, ora seja o imperador, ora o papa, que se procure como centro da unidade, a unidade é o que a Italia quer.

Na Hespanha, e em Portugal, é mister confessal-o, nunca se pensou 'nessa unidade, nem mesmo na epocha em que ambas as corôas estavam reunidas e adornavam as fronteiras dos Philippes. Portugal era então um dos reinos que compunham o vasto imperio hespanhol. Era como Napoles, como a Sicilia, como Milão, como Flandres. Ninguem imaginava que Portugal e Hespanha fôsem uma só nação e um mesmo povo.

Este pensamento é moderno, é a consequencia illegitima do que chamam o principio das nacionalidades. Em virtude d'este principio, os povos de Portugal e Hespanha deveriam permanecer eternamente separados, porque são dois povos distinctos, embora reconheçam um tronco commum, embora sejam irmãos. São slavos, isto é, irmãos e da mesma raça, os russos, os bohemios, os polacos e os eroatas, e nem por isso constituem uma só nação; nem por isso deixa de ser quasi irrealisavel o sonho do *panslavismo*.

Não é, pois, no principio das nacionalidades que deve fundar-se a aspiração á unidade iberica. Não se pôde negar, não ha razão para negar a nacionalidade portugueza, afim de imaginar como possivel a fusão das duas nações em uma só. Aragão e Castella, Inglaterra e Escocia eram nações distinctas e fundiram-se. A Dinamarca e a Suecia aspiram tambem a unir-se, como já estiveram 'noutro tempo, sem por isso desconhecem que são duas nações perfeitas, que têm tido e continuam a ter razão de ser e de existir separadamente.

É possivel, pôde ser até conveniente e glorioso, que duas nações se juntem; é porém um extremo difficil. É mistér para isso um conjunto de circumstancias propicias, que raras vezes a prudencia humana pôde proporcionar, e que quasi sempre a Providencia Divina dispõe por modo singular. Uniões como a de Castella e Aragão necessitam, além da da fortuna e da sabedoria dos principes e homens politicos que as levam ao cabo, de um ensejo appropriado e de um accôrdo feliz dos povos, que mais parece milagre que resultado de um facto natural. Uniões assim, cada dia se tornam mais difficéis, porque, quanto mais se demoram, maiores differenças e rivalidades surgem entre as nações de que se pretende fazer uma só.

O exemplo da Italia, deveria apartar-nos do *iberismo*, em vez de nos animar a proseguir 'nelle e a realisar-o.

Alli havia uma só nação, humilhada e espinhada sempre pelo estrangeiro. Os seus diversos estados eram criações artificiaes da diplomacia; as suas dynastias, quasi todas estrangeiras, eram impostas pela conquista, muitos dos seus principes occupavam o throno em virtude de um poder oppressor e estrangeiro, e, para cumprir as vontades, auxiliar os projectos e apertar as cadeias, que opprimiam a patria commum. E apesar d'isto, quanto não tem sido difficil, e é ainda, realisar essa unidade, para a qual tudo a encaminhava, unidade que era indispensavel, se a Italia tinha de sahir da prostração e da servidão em que se achava? Que tempestade não levantou em toda a Europa a queda dos *soberanos legitimos*, cujos thronos não tinham raizes no sólo em que foram arguidos? Que guerra civil não provocou em Napoles a perda de uma *autonomia* ingloria, e de um throno, cujo esplendor não era do paiz? Pois, se isto aconteceu na Italia, o que não succederia na peninsula iberica, se procurassemos imitar aquelle movimento? Alli, a união é necessaria para acabar a escravidão: aqui, a união é só conveniente para a nossa maior prosperidade e futura grandeza; alli, ninguem sonhava com uma nação toscana, parmesan ou luquesa: aqui ha duas

verdadeiras e grandes nações; alli nenhuma das dynastias decahidas estava ligada ás recordações gloriosas da patria: e aqui, não é só um membro da familia Bourbon quem occupa o throno; mas a neta de S. Fernando, a successora de Isabel, a Catholica, a representante e descendente d'aquelles illustres, sabios e valorosos reis de Aragão e Castella, cujos triumphos, cujos loiros e cuja fortuna, são a gloria do povo, que amorosamente os conserva na memoria, não é só um Coburgo (*aliás Bragança*) que se senta no throno, mas o descendente do eleito do povo de 1640, o representante e herdeiro d'aquelle valoroso e nobre mestre de Aviz, proclamado rei pelas côrtes de Coimbra, e que em si e na familia compendia e recapitula todas as glorias da patria desde os heroicos esforços do vencedor de Ourique, do conquistador de Silves e de Lisboa, até á grandeza e fortuna de D. Manuel, e á lastimosa e malograda valentia de D. Sebastião, aqui, em summa, isto é, em Portugal e Hespanha, ha duas nações, e ha duas dynastias nacionaes, que symbolisam todas as glorias de cada um d'estes povos.

Basta o que fica dicto, para se comprehender quanto é mais difficil de realisar a unidade iberica, que a unidade italiana. Hespanhoes e portuguezes amam a patria com um sentimento demasiado exclusivo; e ambas as dynastias representam por tal modo a gloria e o grande ser da respectiva patria, que até republicanos e anti-dynasticos, se tornarão monarchistas de D. Isabel II ou de D. Pedro V, no dia em que algum incauto partidario da união iberica lhes propuzer derrubar alguma das duas dynastias para realisar essa união. Acresce a isto que, tanto em Hespanha como em Portugal, o sentimento monarchico, e amor á dynastia estão ainda mui arreigados, que ha menos anti-dynasticos e menos republicanos, do que talvez alguns pensem.

D'esta fórma se comprehenderá quanto é impolitico e contraproducente fallar ou escrever a favor da união iberica, não só em prejuizo da dynastia de Bourbon, senão tambem da dynastia de Bragança. No primeiro caso, todos os monarchistas e dynasticos da Hespanha, isto é, a maioria dos hespanhoes, se levanta contra o iberismo, do que já se notaram symptomas em 1854. No segundo caso, acontece o mesmo em Portugal, como agora se está vendo, com o folheto intitulado *Fusão Iberica*, do sr. D. Pio Gullon. Este folheto salva a falta indicada e algumas outras que indicaremos, está bem escripto e bem pensado, e contém ideias e noticias de grande importancia; porém só por aconselhar a união, condemnando, posto que implicitamente a dynastia Bragança, se explica o effeito que em Portugal causou, tão contrario ao que o seu auctor indubitavelmente tinha em vista.

Não só os patriotas e os leaes, não só os que amam os seus monarchas, senão tambem os que buscam ensejos para os adularem, a fim de medrarem á sombra d'elles, concorrem para exaltar o espirito público contra similhaes planos, e aproveitam a oportunidade para fazerem gala de patriotismo, e de monarchismo que talvez os não animam. No entretanto a parte san da nação escandalisa-se sinceramente; e, animada pelos escriptos monarchicos e patrioticos, quer competir com os auctores no amor e devoção á monarchia e á patria.

(Continúa)

Commemoração do anniversario do dia 1.º dezembro de 1640

Nos capitulos geraes apresentados a El-Rei D. João IV, nas côrtes celebradas em 28 de

janeiro de 1641, vê-se que o estado do povo propoz o seguinte:

«Pedimos a Vossa Magestade, que pois a virtude do agradecimento é a de que Deus mais se penhora, para continuar nas mercês, e acrescentar nos Imperios, em reconhecimento da mercê, que este Reino recebeu da Poderosa Mão de Deus, no 1.º de dezembro de 1640, em o livrar do captivo, em que estava, seja Vossa Magestade servido mandar ordenar, que no dito dia se faça cada anno uma procissão solemne em todos os logares do Reino, na fórma das mais procissões da obrigação das Camaras.»

A cujo pedido do povo deu El-Rei esta resposta:

«Assim o tenho mandado nos logares que convêm, e vos agradeço a lembrança que neste particular me fazeis» (a)

Do exposto deduz-se: *primo* que El-Rei já antes das côrtes havia ordenado, que se fizesse uma procissão solemne, para se comemorar o glorioso dia 1.º de dezembro de 1640; *secundo* que por ser do agrado d'El-Rei a proposta apresentada pelo povo, elle a approvou; e *tertio*, que as Camaras são obrigadas a fazer todos os annos uma procissão solemne, na fórma das mais procissões da sua obrigação, por força da disposição da Carta Patente de 12 de setembro de 1642, que manda, que em tudo e por tudo se cumpram e guardem, e hajam effeito todas as coisas contidas em cada uma das dictas respostas, sem dúbida nem minúsculo algum. (b)

Não temos até agora noticia de haver El-Rei D. João IV ordenado a Camara de Coimbra anteriormente a 1642, que fizesse uma tal procissão; mas consta-nos que o Bispo Conde João Mendes de Távira ordenou em 1640, que se fizesse em acção de graças uma procissão, a que elle assistiu, sabido da Sé para Sancta Cruz, onde prégoou o Jesuita Gaspar Correia com grande successo e applauso dos ouvintes, e que esta procissão tivera logar no dia 6 de dezembro de 1640, que foi o immediato aquelle, em que constou nesta cidade a aclamação d'El-Rei D. João IV. (c)

É certo, porém, que a Camara Municipal d'esta cidade sempre se considerou obrigada a uma tal festa nacional, e tanto que no Compendio das suas obrigações annuaes se consigna a seguinte obrigação: — Dezembro — A primeira procissão d'acção de graças pela aclamação d'El-Rei D. João IV no anno de 1640. Dá a Camara o sermão e assiste á Missa; sae da Sé e torna a ella; ha bandeira real.»

Era portanto a Camara obrigada a dar nesse dia um sermão, a assistir e a acompanhar com a bandeira real a procissão, que sahia da Sé e a ella voltava.

Consta-nos que a função religiosa ainda se fez no seculo actual á custa do Cabido na Sé Cathedral, d'onde sahia a procissão acompanhada pelo mesmo Cabido, beneficiados da Sé, priores e beneficiados das Collegiadas, e por todos os frades, com excepção d'aquelles que pertenciam ás Ordens Monachas, por serem a isso obrigados pela Constituição do Bispado de 1590, que no tit. 21 determina:

«Que em todas as procissões solenes, que n'esta cidade se fazem, como são a de Corpus Christi, Visitação, Anjos e Ladainhas, e nas festas de quaresma, e na outava do Espírito Santo, tanto que se tanger o relógio da See, ou outro sino para se começar a dicta

(a) Collecção Chronologica da Legislação por José Justino d'Andrade e Silva, segunda serie de 1640—1647, pag. 28.

(b) Idem a pag. 58.

(c) D. Gregorio d'Almeida, Restauração de Portugal Prodigioso.

«procissão, todos os Priores e Beneficiados da cidade e os religiosos que a ellas são obrigados, e costumão a vir, se ajuntê logo nella em quão se tange o dito Sino, o qual se tangerá hã hora continuada, cõ suas Cruzes e Sobrepelizes em ordê de Collegio, como até agora fizerão: & as Sobrepelizes lavadas & boas, como cõuem, que os Sacerdotes e Beneficiados levê em autos tão publicos & assi os tesoureiros, que levão as Cruzes: & de baixo das Sobrepelizes levarão todos roupetas cõpidas, q̄ lhe chegũe aos artelhos. E todos os que não forẽ juntos na nossa See em quão se tanger o dito Sino encorrerão em pena de cinco cruzados para a See e Meyrinhão sem remissão, e sendo Religiosos isentos se lhe tornarão das tenças ou esmolras, q̄ de nós ou nosso Cabido tiverẽ.

«E por q̄ nestas procissões solenes, em que vae o nosso Cabido.»

Todos os cidadãos eram obrigados a acompanhar a procissão, sem que para isso fõsse necessario aviso, e os convidados a pegar nas varas do pallio, que faltassem, eram presos na cadeia e pagavam nella a condemnação que lhe fõsse imposta pela Camara (d).

Nesta procissão ia, segundo nos dizem, de baixo do pallio uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de prata, e dava a mesma volta que a procissão de Corpus Christi.

A Universidade solemnizava o anniversario da aclamação de D. João IV da seguinte fórma: havia um prestito, que no dia 30 de Novembro, á tarde, ia a S. Bernardo, e no dia 1.º de Dezembro voltava o corpo universitario á mesma egreja aonde assistia á funcção religiosa dos frades d'aquelle convento.

Abolidos porém todos os prestitos pela Sr.ª D. Maria 1.ª, acabaram as demonstrações publicas da Universidade, perdendo-se com o prestito um feriado, que ainda hoje deveria existir para bem da mocidade estudiosa, sempre ávida de feriados (e).

A. T. F. da Costa.

(d) Util compendio das obrigações annuaes.

(e) Artigos decididos sobre a economia das aulas, actos e acções academicas, mandados observar pela C. R. de 28 de Janeiro de 1790.

PASMATORIO

—No dia 27 de outubro proximo findo reuniram-se, nos paços do concelho, as diversas commissões encarregadas dos festejos do 1.º de dezembro. O producto, até aquelle dia, das subscripções, já montava a quantia de 231\$140 réis, declarando os membros das respectivas commissões, que esperavam ainda obter melhor resultado.

Nas freguezias da Sé-nova e Sancto Antonio dos Oliveas já estavam tomadas as necessarias providencias para brevemente se dar principio á subscripção.

O programma dos festejos foi definitivamente approvado pelo sr. Bispo Conde e pela Camara municipal; esperava-se resposta favoravel da parte do rev.º Cabido.

Deliberou-se que se officiasse ao sr. Rector da Universidade para que sua ex.ª se dignasse convidar o corpo cathedratico para assistir á função religiosa e patriótica.

A subscripção pela academia deve começar no principio de novembro proximo, época que se julga mais propria.

O sr. dr. Antonio Teixeira Felix da Costa declarou que lera, que nas côrtes de 1640 foi decretado que em todos os annos se solemnizasse o anniversario da revolução de 1640, a qual lei foi sancionada por D. João IV.

Sobre proposta do sr. dr. Jardim foi deli-

berado que em todos os domingos, ás onze horas da manhan, se reunissem as commissões no mesmo local.

Achando-se ausente o sr. vice-presidente, o sr. secretario propoz que tambem exercesse aquelle cargo o sr. dr. Francisco Rodrigues de Azevedo, o que foi approvado.

O sr. presidente, agradecendo a todas as commissões os esforços empregados para obterem os melhores resultados, esperando que continuem com o mesmo zelo e actividade, fechou a sessão era uma hora da tarde.

—O recebedor d'este concelho de Coimbra acaba de publicar um edital, marcando o praso de 30 dias para a recepção da décima, tendo principio em 2 do corrente, e finalizando em igual dia do mez de dezembro proximo futuro, impondo uma multa aos contribuintes que n'aquelle curtissimo espaço de tempo não concorrerem á chamada. Não nos podẽmos convencer de que os povos de trinta e tantas freguezias possam, durante o tempo fixado, satisfazer as suas collectas, dando-se as seguintes circumstancias (o que aconteceu nos annos anteriores): 1.ª a casa destinada para a recepção da décima é de tão pequenas dimensões, que apenas vinte pessoas nella cabem; 2.ª são apenas dois os empregados a receber e a passar os recibos, accrescendo ainda o seu pouco desinvolvido e servico; 3.ª a recebedoria é aberta ás nove horas da manhan, e fechada ás tres da tarde. Em vista, pois, do que acabamos de expôr, é ou não prejudicial aos povos o pouco tempo que nos editaes se marcou? Por esta fórma, admittido que seja que os contribuintes concorram durante aquella época, está provado que tẽm de pagar a multa imposta, não por não cumprirem, mas por culpa do recebedor, que ha de querer, provavelmente, fazer render o officio. Ao sr. delegado do thesouro pedimos as mais inercias providencias, para evitar que o povo seja d'aquella maneira esfolado.

Voltaremos ao assumpto, se por ventura se não dignarem prestar attenção ao que dizemos, pois só rogãmos justiça e a destruição d'um abuso inqualificavel. O povo já começa a bradar contra algumas determinações do citado edital, e parece-nos que deve ser attendido.

—Falleceu nesta cidade no dia 29 do passado o sr. Salgado, alferes commandante do destacamento de cavallaria n.º 4, aqui estacionado. O funeral foi feito com todo o apparato, e acompanhou-o a philharmonica Conimbricense, que generosa e gratuitamente se prestou a isso.

—Pedimos á camara municipal que preste a sua attenção para o estado vergonhoso em que se acham as ruas do Carmo, e da Alegria; e que providencie sem perda de tempo para que aquellas ruas possam ser transitaveis.

—Hoje, dia da commemoração dos feis defunctos, ha missas na capella do cemiterio da Conchada, das 8 ás 9 horas da manhan, e das 11 ao meio dia.

—No dia 29 do passado foi o prestito da cathedral, composto do cabido, beneficiados, capellães e seminaristas, á egreja de Sancta Clara, onde houve missa cantada. Esta festividade é em honra de Sancta Isabel.

—Lembrãmos á respectiva commissão dos festejos populares da independencia de Portugal, que muito conviria, para maior apparato e esplendor, que na procissão do 1.º de dezembro fõsse a imagem da rainha Sancta Isabel, com a qual o povo tem grande devoção. Seria esta por certo uma das melhores deliberações que tomaria aquella commissão.

—Parece ser fóra de dúbida, que a récita de abertura do novo theatro de S. Christovão terá logar no dia 1.º de dezembro. As obras

tanto de carpinteiro e pedreiro, como de pintura, acham-se muito adeantadas. Também já allí se andam collocando os cannos de gaz.

— Brevemente teremos récita no theatro academico. Pelo respectivo conselho foi preferido o sr. Joaquim Antunes d'Almeida, para allí ir estabelecer o botequim em noites de espectáculo. A escolha foi acertada, porque o sr. Almeida ha de cumprir com consciencia, que é o que pretendem os concurrentes a theatros.

— Corre por ahi uma boa noticia. Assegura-se que o barão de Moreira, consul portuguez no Rio de Janeiro, fóra chamado a Lisboa e deve chegar n'um dos proximos paquetes. É justiça tardia feita ás reclamações dos nossos compatriotas residentes na capital do Brazil; mas enfim bom foi que se fizesse, porque a dignidade e honra do paiz e do governo imperiosamente o exigem.

— Procedeu-se, no dia 29 do passado, á eleição para os diferentes cargos da sociedade do theatro de S. Christovão, e sahiram eleitos:

Assembleia geral

Presidente, Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro; secretario, Sebastião Monteiro Lopes Quaresma.

Conservatorio dramatico

Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, bacharel José Antonio dos Sanctos Neves Doria, Ignacio Rodrigues da Costa Duarte.

Direcção

Dr. João Antonio de Sousa Doria, Antonio José Alves Borges, José Julio Cesar, Paulo José da Silva Neves, José Maria Galeão, empadado em votos com o bacharel José Antonio dos Sanctos Neves Doria.

— No Porto, dizem os jornaes d'alli, todos perguntam uns aos outros qual o programma dos festejos do 1.º de dezembro, ao que pessoa alguma sabe responder. Pois admira; porque sendo aquella cidade a que tomou a iniciativa para se solemnizar o anniversario da independencia de Portugal, parece que se devia esmerar em preparar grandes festejos, e appresentar um programma esplendido e apparatoso, porque entre os habitantes da muito nobre, leal e invicta cidade do Porto, ha os precisos elementos para dar uma prova exuberante e clara de quanto preza a liberdade, socêgo e bem-estar da patria. Sentimos demasiado que os influentes tão depressa esmorecessem. Cá na Lusa Athenas todos os dias cresce o enthusiasmo, e preparam-se grandes festejos, em que toda a cidade, sem excepção, toma acalorada parte. É que em Coimbra ha bastante patriotismo, quando se tracta de fazer vêr ao estrangeiro a nossa ambição pela liberdade. Honra, pois, aos conimbricenses.

— Já chegou a esta cidade a primeira dama para o novo theatro de S. Christovão; é a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Amelia de Faria e Pinho, uma das mais acreditadas actrizes portuguezas. O drama que ha de subir á scena no primeiro de dezembro deve começar a ensaiar-se com toda a brevidade. Dizem-nos que é a descripção da revolução de 1640 em Evora, e que está bem escripta.

— Em Trancoso, e outras villas de Portugal fazem-se os maiores preparativos para commemorar o anniversario da restauração da independencia d'este reino. Em fim por toda a parte o enthusiasmo passa a delirio.

— Consta que o barão de Moreira, depois de chegar a Lisboa, será demittido de consul geral no imperio do Brazil. Se tal noticia se realisar, desde já sinceramente felicitamos os nossos compatriotas existentes além mar. Ha mais tempo, em vista das accusações, o nosso governo deveria ter dado aquelle passo, para honra d'esta nossa acabrunhada nação.

— Celebraram-se em Lisboa as exequias por alma do conde Cavour. Foram solemnes e aparratosas.

— Sua magestade el-rei o sr. D. Pedro v tem tido um incommodo febril, assim como os srs. infantes D. Augusto e D. Fernando. Este último está gravemente doente com um typho, mas a sciencia emprega os possiveis exforços para salvar sua alteza.

— Rebentou a revolução em Pesth, capital da Hungria.

— A fragata russa Swethana encalhou nas costas do Japão, perdendo-se com toda a tripulação e passageiros, que excediam a 800 pessoas.

— Diz o *Jornal do Havre*, que Victor Hugo vendeu á casa Paguerre, por 400:000 francos (72:000\$000 réis) o manuscrito do seu romance—*Os miseraveis*. Este romance apparecerá, diz o *Boletim de Paris*, em folhetins no *Jornal dos Debates*, antes de ser vendido na livraria.

— Dois amigos, que ha muito tempo se não viam, encontraram-se casualmente.

— Ó lá, como vaes? — disse um ao outro.

— Não muito bom — disse este — pois desde que nos não vemos que me casei.

— Boa noticia!

— Não é muito boa, porque minha mulher tem um genio infernal.

— Mau! . . .

— Não é tanto assim, porque trouxe em dote uns vinte contos de réis.

— Consolação para o teu mal . . .

— Pouca consolação, porque gastei todo este dinheiro em gado lanigero, que morreu todo de ronha.

— Terrivel fatalidade!

— Não foi tanto assim, pois vendi as pelles e tirei mais dinheiro do que me havia custado o gado.

— Ficou uma cousa pela outra.

— Não, senhor, porque a casa aonde eu tinha o dinheiro ardeu toda, sem poder salvar nem cinco réis!

— Que fatalidade!

— Não foi tão grande como pensas, porque tambem ardeu minha mulher.

— Está prompto o caminho de ferro americano, dos pinhaes de Leiria a S. Martinho do Porto.—A estação no pinhal, é em Pedreanos. O número de wagons não excederá nunca a 16.

Haverá pelo menos duas carreiras por semana. O serviço de tração é feito por gado cavallar, ou mular. O caminho tem 37 kilometros, (7 legoas e meia aproximadamente).

A exploração deve começar no 1.º de Dezembro. É tambem uma bella festa commemorativa.

S. Martinho do Porto, é um porto que ainda no seculo passado admittia naus, e onde se construíram algumas. Dista 16 legoas de Lisboa.

— Lord Berkley, homem de grande firmeza e presença de espirito, costumava gabar-se de que nunca se deixaria roubar por um salteador só. Uma noite, que ia de jornada, fez um ladrão parar o seu carrinho, e mettendo-lhe uma pistola pela portinhola, pediu-lhe a bolsa, dizendo, que visse s. s.^a como bastava um só ladrão para o roubar. Lord Berkley fingindo que levava a mão á algibeira para tirar o dinheiro, replicou-lhe com o maior sangue frio:— Nunca tu me poderias roubar sem o auxilio d'esse, que está por detraz de ti.

O ladrão virou a cabeça para olhar, e n'este momento lhe deu lord Berkley um tiro que o matou.

— Já não é um mysterio a projectada expedição de Garibaldi aos principados da Ca-

talunha; Cialdini dirige-se com pés de lã para Madrid, e por fim as gazetas francezas já começaram a fallar sem rodeios, nem equívocos, que se tracta de um modo muito habilmente combinado de exterminar o último ramo dos Bourbons de Hespanha, sentando-se no throno dos reis catholicos a estirpe dos Braganças. Ha quem assegure que o tio Luiz encaminha este plano abertamente! . . . Ora aqui têm no que veio a dar a proclamada annexação, e todas essas fallacias da união iberica. . . Quando muitos já acreditavam que mais dia menos dia as garras do leão castelhano agadanhavam este Portugalsinho, que ia desaparecer da carta geographica da Europa, para todo o sempre, trocaram-se as scenas: agora os que estão em mãos lenções são os castelhanos, que vão ser em breve absorvidos pelos lusitanos. . . Tudo isto se deve ao tacto diplomatico de D. Necessario, que assim de gatinhas está destinado a ser um segundo Cavour na Peninsula Iberica.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

OS PORTUGUEZES

E

A IBERIA

EM QUE SE EVIDENCIAM

AS INFELICIDADES QUE RESULTARIAM A PORTUGAL PELA SUA FUSÃO COM HESPANHA

POR

J. A. C. de Vasconcellos.

Vende-se na loja da Imprensa da Universidade e nos commissarios respectivos. Preço 200 réis.

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO

DOS PROFESSORES

5.ª SERIE

Publicou-se o n.º 5.—Vende-se e assigna-se na rua da Saudade n.º 1 em Lisboa.

Por anno com estampilha 980

Seis mezes 500

Tres dictos 270

Avulso 40

ANNUNCIOS

BASAR DE PRENDAS

NO

SALÃO DO THEATRO ACADEMICO

Este basar terá logar no dia 3 de novembro, em beneficio do prêso Possidonio da Silva Alves Brandão.

Na loja nova de Antonio José Duarte, na rua de Sophia, se vendem bilhetes inteiros, meios, quartos, oitavos e fracções, de todos os preços, da loteria extraordinaria da Sancta Casa da Misericordia de Lisboa. A extracção será no dia 12 de novembro proximo futuro, e o prêmio grande é de 50:000\$000 réis. Na mesma loja se está formando uma sociedade.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO A S. M. EL-REI O SR. D. PEDRO V
E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;—número avulso 100 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.



O crepe funerario reveste hoje a familia real portugueza!

Sua Alteza o senhor infante D. Fernando succumbiu no dia 6 do corrente, ás cinco e meia horas da manhan!

A inexoravel morte cortou um dos ramos da magestosa arvore, ceifou mais uma existencia preciosa, que as preces de um povo inteiro não poderam poupar ao fatal destino!

Não lamentámos o passamento do senhor D. Fernando só pela sua qualidade de principe. Como cidadãos livres, deplorámos um facto, que vem enlutar o primeiro cidadão constitucional; tomámos lucto por um dos filhos de D. Maria 2.^a e de D. Fernando, venerandos progenitores, que souberam implantar nos corações de sua numerosa prole os mais salutaes preceitos da moral e da virtude!

É admiravel, é respeitoso, é digno de ser imitado o modo como na vida domestica ou na vida pública se conduz a familia real portugueza!

Nem uma queixa, nem um resentimento contra quem exerceu e agora exerce o supremo poder do Estado! pelo contrario: tudo veneração e reconhecimento pelos repetidos actos da munificencia real. Todos os membros d'aquella familia partilham os mesmos sentimentos humanitarios, e ninguem os excede em accões de philantropia!

O rei está identificado com o povo: quando este soffre, o monarcha não é indifferente aos males que nos affligem; e se no poder humano não existe o remedio para todas as vicissitudes da vida, ha ao menos os meios de neutralisar as suas funestas consequencias; e 'neste affan caridoso, 'neste lidar incessante a bem da humanidade, a iniciativa, se não parte logo d'ante o solio real, não se faz esperar o seu efficaz auxilio e o seu proficuo

exemplo: por isso o povo retribue aos seus principes com a mais decidida affeição, como não a recebe nenhuma outra festa coroada. Em Portugal dá-se a antithese do que se passa 'noutros paizes, que timbram de exercitar a civilisação no mais elevado grau: quando as circumstancias o exigem, o rei aqui é cidadão, e o povo é rei; mas sem que 'nesta permutação se affrouxem os laços, que mutuamente os unem! . . .

Elevemos, pois, 'nesta solemne occasião, as demonstrações do nosso profundo sentimento perante o Pac afflicto e Irmãos consternados; e depositemos junto ao real athaúde a pungente e acerba saudade, que experimentámos.

CAMARA MUNICIPAL

Estando proximo o dia em que se ha de proceder á eleição da camara municipal d'este concelho de Coimbra, temos a honra de appresentar aos nossos concidadãos eleitores a seguinte lista:

Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, lente de direito.

Bacharel, Diogo José dos Sanctos, proprietario, de Larçan.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da Imprensa da Universidade.

Julio Maximo Pereira de Senna, proprietario.

Paulo José da Silva Neves, negociante.

Joaquim Augusto Rosa de Carvalho, proprietario, de Cellas.

José dos Sanctos Monteiro, proprietario, de Castello-Viegas.

Pedimos para esta lista o apoio de todas aquellas pessoas, que desejam ver individuos de toda a probidade á testa dos negocios municipaes.

Programma para os festejos patrioticos, que hão de ter logar no 1.º de Dezembro de 1861.

Artigo 1.º No dia 1.º de Dezembro, pelas nove horas da manhan terá logar uma demonstração com girandolas e com repiques de sinos, em todas as egrejas da cidade.

Artigo 2.º Impetrada a devida venia, ce-

lebrar-se-ha na Sé Cathedral uma missa cantada, com sermão, para assistir á qual serão convidadas as Auctoridades Ecclesiasticas, Academicas, o Corpo Cathedralico e Academico, as Auctoridades Civis, Judicarias, Administrativas e Militar, os Funcionarios publicos, as Corporações, Irmandades, etc. etc.

Artigo 3.º Finda a missa sahirá uma procissão composta de todas as Irmandades convidadas, que será acompanhada das pessoas acima referidas, que se prestarem a tomar parte 'neste acto religioso. A procissão dirigirse-ha ao templo de Sancta Cruz, onde será cantado um solemne *Te-Deum*.

Artigo 4.º Pedir-se-ha que a força armada compareça a este acto, e acompanhe a procissão até Sancta Cruz, e que depois de findo o *Te-Deum* dê as descargas do estylo.

Artigo 5.º Sollicitar-se-ha da Sancta Casa da Misericordia, da veneravel Ordem Terceira, da Associação Consoladora dos Afflictos, e das Direcções dos Asylos de Infancia desvalida e de Mendicidade, que no dia immediato ao da festividade ampliem a sua beneficencia aos infelizes, que se acham acolhidos sob a sua protecção, pedindo-lhes que as esmolas, sejam distribuidas pelas respectivas Mesas e Direcções, em corporação.

Artigo 6.º No mesmo dia será augmentado o jantar aos presos retidos na cadeia de Coimbra, mediante ajuste prévio com o fornecedor das rações aos mesmos presos.

Artigo 7.º Pedir-se-ha aos Chefes de todas as Repartições e Estabelecimentos publicos, que no dia da festividade façam illuminar as frontarias dos respectivos edificios. Igual pedido se fará aos habitantes de Coimbra para que illuminem o exterior de suas habitações, e decorem as janellas das ruas por onde haja de passar a procissão.

Artigo 8.º Pedir-se-ha a cooperação das duas Sociedades Philarmonicas para que concorram para o brilhantismo dos festejos patrioticos.

Artigo 9.º Provêr-se-ha a tudo de modo, que as despesas a fazer sejam o mais reduzidas que possivel fôr, entregando-se ao Asylo de Mendicidade as sobras da subscrição que se promove pelos habitantes de Coimbra, para as empregar na compra de papeis de crédito, que mais productivos sejam.

Artigo 10.º Pedir-se-ha á Direcção do Asylo de Mendicidade que no dia da festividade admitta no asylo alguns mendigos, que devam ser preferidos pelas suas circumstancias; devendo o ingresso dos novos asylados ter logar logo depois do *Te-Deum*.

Artigo 11.º A Comissão executiva fica

auctorizada a ampliar este programma em tudo que fôr deficiente; fazendo-se auxiliar de todas as pessoas que julgar convenientes, e cujos serviços sollicitará.

Coimbra, 18 de outubro de 1861.— Aprovado em reunião de 20 de outubro de 1861.— Está conforme.— O Secretario da Commissão Central, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*.

Extracto da acta da sessão da commissão para solemnisar o anniversario do 1.º de Dezembro de 1640.

No dia 3 de novembro pelas onze horas da manhã, na sala da vereação do concelho de Coimbra, reuniu-se a commissão central e as commissões parochiaes, para o proseguimento dos trabalhos de que as mesmas commissões se acham encarregadas.

O ex.^{mo} sr. presidente, por parte da direcção do Asylo de Mendicidade, declarou, que no dia 1.º de dezembro, em que deverão ter logar os festejos patrioticos, serão admittidos naquelle asylo dois individuos, que pelo seu estado mereçam tal protecção, para o que será isto annuciado nos jornaes, para conhecimento dos que pretenderem aquella graça. A assembleia ouviu com satisfação as declarações do ex.^{mo} sr. presidente.

Por parte das commissões filiaes foi declarado o seguinte:

S. Christovão a subscrição perfaz já a quantia de 70\$000 réis;

Sancta Cruz excede a quantia de 64\$000 réis;

Sé Nova somma já uma quantia excedente a 50\$000 réis;

Sancta Clara, já recebidos 50\$000 réis;

Na de Sancto Antonio dos Oliveas progridem os trabalhos para se obter a subscrição, e continuam em todas as freguezias acima referidas.

Foi deliberado que ás pessoas, que por ventura não tenham podido ser encontradas pelas commissões, quando percorrem as suas respectivas freguezias, se enviem cartas sollicitando os seus donativos, para que aquelles cidadãos, a seu pesar, não deixem por isso de concorrer para um fim tão patriotico e humanitario, como o que se pretende realisar.

O ex.^{mo} presidente declarou, que já havia a resposta official da camara municipal, em que ratificava o accôrdo em que estava com a commissão, como verbalmente já lhe havia sido declarado pelo ex.^{mo} sr. presidente e pela camara em vereação.

Para apresentar ao ex.^{mo} sr. reitor da universidade o officio de convite para s. ex.^{ta}, para o corpo cathedratico da universidade e lyceu, doutores, corpo academico, e empregados, foi nomeada uma deputação composta dos ex.^{mos} srs. doutores Rodrigues, Donato e Jardim, e Olympio.

Suscitou-se discussão sobre o modo de dirigir os convites ás irmandades e confrarias; receiando alguns dos membros presentes que entre ellas se suscitem questões de melindre, pelas precedencias, que entre as mesmas possa haver; e foi deliberado que, não cabendo nas attribuições da commissão central discriminar aquillo que entre essas corporações era ponto controverso, a commissão central declinasse de si essa difficuldade,

fazendo o convite em geral, porque todas eram credoras d'esta deferencia.

Para dirigir os trabalhos d'armação ficou auctorizado o sr. José Julio para deliberar como melhor entendesse, de accôrdo com o sr. Antonio José de Oliveira.

Relativamente a fogo, foi deliberado, que só se dispendesse a quantia strictamente necessaria para um certo número de girandolas, a fim de se não distrahiem os fundos da sua justa applicação.

Foi finalmente deliberado, que, sendo de triumpho a procissão que se premedita, serão admittidos anjos; o que assim se fará annunciar, para conhecimento das pessoas que costumam tomar a seu cargo o adôrno dos mesmos anjos; porém, que seria conveniente que as familias das crianças que alli hajam de concorrer, o façam constar ao secretario da commissão, para previamente se prevenirem certos arranjos, que para aquelle fim se tornam necessarios: com o que findou a sessão; devendo a seguinte ter logar no proximo domingo.

Secretario, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*.

Algumas considerações sobre as praças de guerra de Portugal

(Continuado do n.º 5)

Nestes ultimos tempos se tem em Portugal votado a um completo abandono, tudo que respeita a fortificações; nenhum melhoramento se tem feito em praça alguma, mas nem ainda se tem olhado pela sua conservação, deixando, que, a grande parte d'ellas, a acção do tempo as reduza a ruinas. Só com Elvas tem havido algum cuidado, mas unicamente com a sua conservação.

Esta praça é a unica que temos, que tal nome mereça, por estar ainda no caso de sustentar um aturado sitio a qualquer exercito. E com quanto uma parte de suas fortificações não sejam muito modernas, com algumas pequenas correções pôr-se-ia em estado de poder continuar a merecer sua antiga celebridade.

Em todo o seu systema de defesa, sobressae o Forte da Graça, que se deve considerar um modelo no seu genero, e que nenhum outro melhoramento precisa, além da reforma de armamento.

O Forte de Sancta Luzia é de uma importancia muito inferior á d'aquelle; comtudo, não se pôde dizer que o seu traçado seja mau, porque na realidade, faz honra á epocha em que se construiu, pôde-se ainda hoje considerar uma obra de muita força, em attenção á sua proximidade da frente mais forte da praça, com que se communica por estrada coberta. Era porém de summa conveniencia, que pelo menos, se tractasse de abrigar mais o revestimento de suas muralhas, em que, em parte, offerece presa á artilheria inimiga desde os taludes.

Aos quatro reductos que occupam alguns pontos dominantes, nenhuma obra aconselhámos, senão a sua demolição: são obras tão singelas, que seria ridiculo esperar-se que ellas hoje resistissem á primeira investida do inimigo. A collocação de alguns, também não é a melhor. Os denominados de S. Pedro e de Sancto Antonio podiam ser vantajosamente substituidos por um fortim estrellado, no alto da Piedade. E os de S. Francisco e S. Mamede deveriam, cada um, ser substituido por

uma obra do mesmo genero; vindo por esta maneira a ficar melhor coberto com tres fortalezas, um maior espaço de terreno que aquelle que hoje cobrem as quatro; e em cujo espaço commodamente se podia entrincheirar um exercito, que qualquer vicissitude de uma guerra levasse a procurar o abrigo da Praça.

Muito boas razões aconselham, que o alto da Boa-Fé tambem seja occupado por um bom fortim.

O recinto magistral da praça tem em parte alguns defeitos, mas de facil correcção, quando se não prefira firmar a defesa na linha de fortes exteriores. As suas frentes de oeste e de sul, estão bem cobertas e muito reforçadas com revellins, tenalhões, e outras obras são muito bem traçadas, e respeitaveis pela multiplicidade de seus fogos. Na frente do norte ha menos arte, mas tudo alli é dispensavel, pelo favor da elevação inaccessible do terreno, e vizinhança do forte da Graça. A frente de leste é que não conceituámos tão forte:—tem um aspecto respeitavel e tambem é muito provida de fogos, mas na realidade é a mais fraca. Tem tambem algumas obras exteriores; assim como uma obra-corôa contigua, que occupa o alto do moinho de vento, e que pela simplicidade e disposição do seu traçado, constitue o maior perigo d'esta parte da praça.

Todas estas, ou quaesquer outras pequenas obras que a praça de Elvas precise, são de tão pouco custo, que jamais se poderá admittir, que a falta de recursos seja o unico embaraço para se effectuarem. Julgar-se-ha com mais acerto, em se acreditar que essa falta, e o olvido em que estão todas as outras praças, entre as quaes algumas ha, que devidamente melhoradas nos podiam ainda servir de muito, provêm mais d'essa indifferença que ha tempos se vota a tudo que respeita á fortificação do paiz, do que da falta de meios. Nenhuma nação por muito pobre que seja, deve por isso desattender a uma necessidade para ella de tanto momento; nem para isso serão preizas quantias impossiveis de realisar, se d'ellas se fizer uma acertada applicação. Pobrissimo estava Portugal em 1640, vendo-se a braços com mil difficuldades para levantar e sustentar os exercitos e esquadras que firmaram então a nossa independencia, e foi então que se construiu a maior parte das praças que hoje temos.

Em presença do constante desprezo, que os varios governos, que se têm succedido, têm votado a objecto tão vital para esta nação, é summamente grato para esta, e acima de todos os enconios, o procedimento do actual ministro da guerra, o honrado visconde de Sá da Bandeira, que constantemente tem erguido a sua auctoridade voz, clamando para que se fortifique o reino.

Pouca consideração e phrases mofadoras de alguns pertendidos espirituosos é o fructo que aquelle patriotico general tem até aqui tirado de seus aturados esforços por tão util medida; e outro ânimo, que não fôsse o seu, desde muito tempo que de tal teria desistido, tomando esse desgraçado exemplo do *laissez-aller*, com que se dirige a maior parte das nossas causas. Mas, felizmente, o dever e os honrados sentimentos têm podido mais no ânimo d'este nobre portuguez, do que exemplos tão fataes para a nação; não esmorecendo, e até mesmo mais persistindo em tão louvavel empenho; até que finalmente conseguiu, que se tomasse a muito consideravel resolução de se fortificar Lisboa e Porto, para o que, logo se votaram meios.

Mas, reconhecendo-se já que até aqui se tem commettido um grave erro, de se desconsiderar quanto respeita aos meios de defesa; reconhecer-se-ha tambem, que o unico meio de remediar o passado desleixo, é o de satisfazer

plena e cabalmente uma necessidade que o paiz tanto reclama?

As fortificações de Lisboa e Porto será só quanto nesta parte se queira fazer, com o unico fim de pôr aquellas capitães ao abrigo de um golpe de mão, ou levantar-se-hão em virtude de um plano geral de defesa?

De qualquer forma, a medida que se adoptou é de muita importancia; mas tanto maior será, quanto se attender a um plano de defesa geral, que melhor assegure o bom exito dos esforços que a nação possa fazer pela sua independencia. Quando unicamente se tracta de fortificar as capitães, e se deixe todo o paiz indefeso, faz-se uma despesa com probabilidades de se lhe não colher o fructo. Simula-se o reino a um poltrão que não sabe defender-se, e que só tracta de cobrir a cabeça, abandonando o corpo ás pancadas do aggressor.

Elvas, 14 de Outubro de 1861.

JOSÉ AUGUSTO CESAR DE VASCONCELLOS.

Hespanha e Portugal

(Continuado do número 5)

D'esta maneira, posto o *iberismo* em lucta aberta com os sentimentos mais respeitaveis, retrocede e perde terreno, em vez de adiantar. Tal é o resultado, bem nos péa dizello, que obtive o folheto do sr. Gullon. A suberba, o pundonoroso orgulho dos portuguezes, que tem grande parte na inimizade que suscitou o mencionado folheto são exorbitantes; convivimos nisto. Não somos nós menos suberbos, nem menos pundonorosos; importa porém não esquecer que uns e outros somos suberbos e pundonorosos, a fim de não nos ferirmos, quando tractámos de nos abraçarmos.

Pensar que havemos de aggregar-nos e conservar Portugal, pela violencia e pela conquista, é um absurdo evidente. Hespanha pôde conquistar Marrocos, pôde apoderar-se de toda a Africa barbara e civilisal-a; mas os povos civilizados da Europa não se conquistam nem se dominam já pela força. Até as nações que já foram dominadas e vencidas noutras eras, pugnam hoje por despedaçarem o jugo que as opprime, e é provavel que a final o despedaçem. Talvez venha o dia em que a Irlanda, a Polonia e até a pequena nacionalidade finlandezza recobrem a sua autonomia. Como se ha de pensar, pois, que a perca violentamente a patria de Viriato, de Egas Moniz e de Alvares Pereira, o immortal condestavel?

A união, a fusão, se ha de vir a realisar-se em algum tempo, como não negaremos que desejamos para bem e gloria de ambas as nações, ha de realisar-se por geral, mútuo e espontaneo consentimento. Para isso devemos deixar de nos desprezarmos, e de nos deslustrarmos, e começar a conhecer-nos e a amarmos. O momento da união politica estará sempre mui remoto, em quanto o não produzirem as sympathias, a confiança, a reciproca estimacão e o carinhoso respeito. Assim o entenderam, por certo, os srs. Mas, Caldeira, Lopes de Mendonça e Latino Coelho, e não foi outro o pensamento que presidiu á fundação da *Revista Peninsular*. Desde então, a impaciencia, a precipitacão, e os alardos de superioridade de alguns, têm amontoado innumeraveis difficuldades no caminho, longinquo sim, mas seguro, que iam abrindo e aplanando aquelles patriotas, tão entusiastas, quanto prudentes. Nós, que temos tido fé, que temos suspirado pela união, apenas a julgámos agora possivel. Explicaremos como se desvaneceram aquella fé e aquella esperanca, que noutro tempo tanto nos animavam e alegravam.

A maneira por que o auctor do folheto que vamos examinando chama á união é tão falsa e antipolitica em alguns pontos, que, ainda

quando os portuguezes foram menos zelosos da sua nacionalidade, é bem claro que não poderia deixar de os offender. Durante a primeira revolução franceza dizia-se *fraternidade ou morte*, isto é, *é meu irmão ou tiro-te a vida*; no folheto porém, em certo modo vac-se mais longe: pretende-se tirar a vida passada aos portuguezes, a vida que já viveram, para que sejam nossos irmãos. Segundo se deprehende do folheto, os portuguezes quasi que não têm historia nem litteratura.

Portugal só adquire a sua autonomia figurando separadamente como dote de uma *princesa castelhana*, isto é em ridicula humilhação que nunca poderá haver-se como origem historica de uma nação. O folhetinista esquece-se dos triumphos de D. Affonso Henriques, da batalha de Ourique, da appareção de Christo, do enthusiasmo dos soldados quando levantaram por seu rei a D. Affonso, como noutro tempo Scipião fôra levantado imperador; esquece-se das conquistas d'este glorioso principe, que dilata o reino de Portugal até aos confins que hoje tem; esquece-se da origem heroica e poetica da monarchia portugueza, na qual, como na de Roma e nas de outras grandes republicas e estados, parece que a tradição e a historia, a verdade e a fábula, pleiteavam por aformoseal-a e engrandecel-a. Não se comprehende, pois, como o auctor do folheto se atreve a dizer que em Portugal não ha um só d'esses reflexos populares que com o nome de tradição vem a ser para assim dizer, o fermento nacional da historia.

Acrescenta, depois, ou dá a entender o sr. Gullon, que a parte principal da historia portugueza é apenas um arremêdo da nossa, porque *unida ou separada, aquella região da peninsula nos imitou*, palavras pouco pensadas, pois que com igual fundamento poderiam dizer os portuguezes que nós os imitámos. Foram elles os primeiros que pisaram a terra de Africa; foram elles, que, no tempo de D. João, o Vingador, o vencedor de Aljubarrota, conquistaram Ceuta, que nós ainda conservámos, e que foi e é o cimento e o principio da civilisação e imperio, que os hespanhoes devem levar e dilatar para além do Atlas; foram elles quem conservaram aquelle baluarte contra a mourama com o martyrio do Regulo christão, com a maravilhosa paciencia do principe constante, que mereceu a bemaventurança no ceu, e na terra que Calderon lhe eternisasse a gloria, no seu mais admiravel drama; foram elles que conquistaram Arzila, Azamor e outras cidades marroquinas, e levaram muito antes de nós a guerra á Mauritania: elles levaram o infante D. Henrique, a escola de astronomia, navegadores e descobridores, explorando, colonizando e cathechizando os reinos do Congo e de Guiné, e dilatando-se até ao cabo das Tormentas, antes que Colombo sahisse do Porto de Palos; ellez, finalmente, ainda que não contassem senão o reinado de D. Manuel, o Venturoso, não só teriam historia patria, senão um maravilhoso poema nacional, que porventura se eleva acima de todos os demais povos.

Na corte d'aquelle monarcha viveram Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Affonso de Albuquerque, terror e açoitador da Asia, conquistador de Gôa e de todo o reino de Ormuz; Soares de Albergaria, vencedor na Ethiopia e na Arabia; os Almeidas, domadores em Ceilão e Quíloa; Tristão da Cunha, Philippe de Castro, Abreu, Mello, Aguiar, Sequeira, Duarte Pacheco, o qual, com um punhado de homens, desbaratou todo o poder do Samorim, e tantos outros, cujos nomes não mencionámos por não sermos prolixos, posto que todos sejam dignos de eterna nomeada e de singular louvor. Ainda quando os portuguezes não hou-

veram feito senão o que temos dito, quem poderia afirmar, que d'esses feitos não poudes proceder outra historia mais que a hespanhola, que a nação portugueza não poudes adquirir caracter historico em seculos contados de interrompida independencia, e que toda a historia de Portugal se pôde reduzir ás biographias de quinze ou vinte grandes personagens? Será por tal theor que se grangeia a amizade de um povo, despojando-o com uma pennada da sua maior gloria, e negando-lhe até que existira?

No que toca á litteratura, não foi o sr. Gullon mais generoso com os portuguezes. *Camões e outros nomes tão notados como elle, posto que menos brilhantes*, diz o folhetista, *não podem por si sós constituir uma litteratura*. E quem assegurou ao sr. Gullon que Camões, e esses poucos nomes se acham tão isolados, e que não estão precedidos e acompanhados, como, segundo o proprio sr. Gullon, vemos em Hespanha o Cid e Cervantes pela numerosa e incomparavel hoste em que se agrupam os nossos guerreiros e escriptores de todos os tempos? Pois que, os grandes ingenhos nascem ao acaso, sem motivo, sem antecedentes, e morrem e passam, e não deixam de si rastro no paiz onde nasceram? Porventura os portuguezes tiveram Camões, o unico poeta epico nacional da Europa moderna, sem razão para o terem? Porque será que em Hespanha, na França, na Italia, na Inglaterra não ha uma grande epopeia nacional, e Portugal têm-na? Será porque o requinte, a instrucção e a admiravel perfeição da lingua coincidiram com o viver heroico, ou porque este durou alli mais tempo, ou porque aquelles nasceram mais cedo que em outras regiões? Assim é que nessas regiões, ou temos a zombaria mais ou menos dissimulada do viver heroico, como no Ariosto e em Cervantes, ou poemas artificiosos embora riquissimos de poesia, como no Tasso e Bolbuena, ou relações frias e desprovidas de ideal, como a *Henriada*, de Voltaire, ou poemas barbaros e rudes, como o *Cid*, os *Nibelungen* e as canções de Gestas, mas o livro de Camões sobrepuja a todos, porque encerra a vida, o espirito, o coração, as tradições, a gloria e as esperanças de todo um povo.

Da leitura dos *Lusiadas*, ainda quando se ignorasse a historia litteraria de Portugal, se devia deduzir *à priori*, que em Portugal houve uma grande litteratura, anterior e posterior. Livros como os *Lusiadas* não podem ser um facto isolado. Com effeito, os epicos portuguezes, prescindindo de Camões, se avantajam talvez aos do resto da Europa, excepto aos italianos. Por esta verdade respondem Corte Real, Pereira, Durão, Basilio da Gama e muitos outros.

(Continúa)

PASMATORIO

— Saudae, oh povos! saudae a appareção do *Tira-teimas*, semanario, que alguns esperançosos filhos de Minerva acabam de fazer sahir dos prelos da imprensa litteraria! Eucheivos de regosijo, deitae foguetes, mandae tocar os sinos, que agora já não ha quem seja teimoso! Oh! Providencia divina, do quanto vos somos devedores!...

Que a vida do novo collega seja prolongada é o que mais do coração estimámos; e se alguma gallega pretender atacar o illustre chronista, chame por soccorro, que immediatamente lh'o prestaremos.

— Em Viana do Castello, os festejos do 1.º de dezembro, constarão d'um *Te-Deum*, missa cantada, procissão, repiques de sinos, foguetes, illuminação e theatro. Honra seja aos patrioticos vianenses.

—Rectificando a noticia que demos, no nosso n.º 5, sobre o systema da recepção da décima neste concelho, cumpre-nos dizer, que, colhendo informações mais exactas, é menos exacto o que dissemos, porque a contribuição é cobrada por um individuo dentro dos limites de cada freguezia, e que porisso os povos de fóra da cidade não têm de vir a Coimbra satisfazer as suas collectas, mas sim na sua propria freguezia, á pessoa encarregada pelo recebedor do concelho. Assim entendemos, e é de crer, que se algum contribuinte tiver de pagar as custas, é porque não quiz cumprir em tempo competente. Achámos por consequencia que em um mez todos podem satisfazer. Em Coimbra apenas se recebe a décima dos contribuintes das seis freguezias. Agradecemos a um nosso amigo as explicações que nos deu a tal respeito.

Feita a rectificação em homenagem á verdade, fazemos uma ingenua pergunta: Qual é a razão, porque se não põe á cobrança a décima pessoal, junctamente com a predial e industrial? É para fazer andar o povo no castiguinho!

—Rogámos aos srs. directores de correios se dignem obsequiar-nos, promovendo sem perda de tempo a cobrança das assignaturas (1.º trimestre) nas suas localidades; ficando auctorizados a deduzir da importancia que receberem qualquer despesa, que por ventura hajam de fazer, enviando-nos o resto por meio de valles do correio, ou em estampilhas. É um obsequio que desde já agradecemos e que sabemos ter na devida consideração. Igual pedido dirigimos ao sr. Joaquim da Costa, livreiro em Viseu, que por nós se acha tambem encarregado de alli receber a importancia das assignaturas.

—Já começaram os ensaios no novo theatro de S. Christovão. É extraordinario o enthusiasmo de que está possuida a sociedade dramatica para que a récita de abertura tenha lugar impreterivelmente no dia 1.º de Dezembro.

—O basar de prendas em beneficio do artista Possidonio da Silva Alves Brandão, prêso nas cadeias d'esta cidade, a que se procedeu a 3 do corrente, esteve bastante concorrido. Dizemos porém, que o resultado não foi tão satisfactorio como era de esperar. Todavia o infeliz beneficiado confessa-se summamente grato é agradecido a tantas provas de philantropia que não só dos habitantes de Coimbra, como da briosa mocidade academica, recebeu por aquella occasião. A philarmonica Boa-União generosa e gratuitamente se prestou ao convite que lhe foi dirigido, tocando na alameda durante o basar. O producto do basar foi da quantia de 132\$370 réis.

—Sabemos que o sr. José Julio Cesar, a instancias d'alguns amigos e d'outras pessoas de distincção, que n'isso se têm empenhado, vae mandar á exposição universal de Londres, os dois vasos de barro, primorosamente acabados, que ultimamente estiveram na exposição industrial do Porto. O nobre e accreditado artista é digno dos mais bem tecidos elogios pelo interesse que tem tomado pelo engrandecimento da nossa industria, fazendo assim excitar o aperfeiçoamento e a applicação não só dos officiaes de sua fábrica, como tambem de todos os seus collegas. Ávante, pois, que a nação carece que seus filhos a engrandeam. Sentimos, porém, que até hoje o jury classificador dos objectos expostos na cidade do Porto, nada tenha resolvido ácerca do presente do sr. José Julio. Cremos, contudo, que terá na devida consideração os sacrificios feito por aquelle artista.

—Publicámos na sua integra a seguinte carta que nos foi dirigida pelos individuos

nella assignados, os quaes julgando que se *benziam*, quebraram os narizes. Para nós é um valioso escripto, que saberemos archivar em sitio onde a *cheia* lhe não chegue. Eis a alludida carta: —*Sr. Redactor.*—Recebemos a *graça* do seu jornal, que já sabiamos, não era de *graça*; e como nós lemos muitos jornaes de *graça*, por *graça*, e sem ser de *graça*, lhe rogámos a *graça* de suspender a remessa do seu jornal, que nos dirigia com *graça*, mas não de *graça*. —Somos com *graça* de v. — amigos de *graça*, attentos e veneradores *engraçados*. —Sampaio de Gramaços, aliás Oliveira do Hospital, 10 de outubro de 1861. —*Seraphim Garcia Ribeiro e João Garcia Ribeiro Junior.*

—Continúa a carregação e a descarregação na Sophia das encomendas que conduzem os carrões de Lisboa e do Porto. Pedimos pois ao sr. vereador fiscal, que se digne providenciar a tal respeito, prohibindo expressa e terminantemente que naquella rua os carrões façam paragem, estabelecendo outro local para aquelle fim.

—Sobre os festejos populares diz um jornal do Porto: aproxima-se o dia 1.º de Dezembro, e nas diferentes terras do reino, em que foi tomado a sério, como de razão era, o patriótico pensamento de commemorar o anniversario glorioso da restauração da independencia nacional, cuida-se com louvavel affan, dos preparativos para os festejos d'esse dia.

Na cidade de Lagos, (Algarve) um crescido número de bons portuguezes, resolveu a formação de uma associação, que se denomina —*Associação Patriótica do 1.º de Dezembro.*

O seu fim é promover a instrucção dos maritimos pobres, por meio do estabelecimento d'uma escola que se inaugurará no 1.º de Dezembro, seguindo-se a este acto uma solemnidade religiosa.

Em igual dia de todos os annos, a direcção da Associação, depois da distribuição de premios, que constarão de objectos de vestuario, aos escolares, que mais aproveitamento mostrarem, assistirá com todos elles ao solemne *Te-Deum*, na igreja matriz.

Em Aveiro reuniu-se no dia 29 do proximo passado a commissão que promove e dirige a commemoração.

E bem escolhido foi o dia, porque era o anniversario natalicio de S. M. o sr. D. Fernando, o Rei Artista, que como regente na menoridade de seu Augusto Filho, foi um brilhante exemplo para monarchas constitucionaes, ganhando incontestavel direito á gratidão e sympathias do paiz. —É o rei a que o povo se gloria de dar o cognome de artista! E que é artista, como os melhores o desejariam ser, bem o mostra a collecção dos seus desenhos, que foi photographada por mr. Cifka, e se acha exposta á admiração dos visitantes do gabinete d'este photographo, em Lisboa.

Ha na collecção 15 desenhos, em que a par do merecimento artistico, brilha a força de imaginação do augusto desenhador.

E o enthusiasmo da sympathia lá nos ia levando para longe do que começámos a contar!...

Como dissemos, a commissão de Aveiro, reuniu-se no dia 29 de Outubro findo, e resolveu a publicação d'um manifesto, que foi redigido pelo sr. Francisco Florido da Cunha Toscano, e approvado pela commissão.

Resolveu tambem que o festejo constasse de uma solemnidade religiosa, em que será orador o reverendo Conego Carvalho Goes, e dos actos de beneficencia que o producto da subscrição comporte. As duas philarmonicas da cidade tomarão parte nos festejos.

Em Guimarães, berço da monarchia portugueza, começaram, no theatro de D. Affonso

Henriques, os ensaios do drama original, *Egas Moniz*, do reverendo conego Oliveira Cardoso, cuja representação será uma das partes do festejo com que os vimaranenses, resolveram commemorar o 1.º de Dezembro.

Não sabemos se a exc.^{ma} camara do Porto, tem já tomada alguma resolução relativamente a parte que deve caber-lhe, na commemoração festiva de tão glorioso anniversario; — porém confiámos, que a tomará, se ainda a não tomou; mesmo porque ainda é lei, não derogada a que tal obrigação impõe as camaras municipaes.

—No dia 3 do corrente teve lugar no Porto uma reunião de jornalistas para accordarem nos meios de levar a effeito os festejos que têm de celebrar-se, para commemorar o anniversario da nossa independencia, em 1640.

—Diz-se, que os italianos residentes na cidade do Porto tractam de suffragar a alma de Cavour, escolhendo para isso a magestosa igreja de S. Bento.

—O correspondente do *Districto de Aveiro* em Lisboa diz o seguinte, ao mesmo jornal:

«Os nossos vizinhos hespanhoes principiam agora a ter ciumes de nós. As bravatas de annexação e absorpção de Portugal, que julgavam tão facil como o fusilamento de qualquer criminoso politico, começam agora a converter-se em ciumes e receios. O projectado consorcio do sr. D. Pedro v, com a augusta filha de Victor Manuel, dá-lhes cuidado e crêem que será o precursor do engrandecimento da dynastia brigantina á custa da Hespanha. Ei-los pois proclamando aos seus brios, e invocando a ideia generosa da sua nacionalidade e independencia. De sorte que em quanto ameaçavam de nos absorver, e de nos sujeitar á sua *paternal* auctoridade, quasi que chegaram a duvidar do direito que nos assiste de pugnar pela nossa autonomia, e de repellir com energia a sua exagerada ambição; agora, que começam a temer por si, e que se lhes vae affigurando como uma impossibilidade o seu sonho duradouro, já querem que seja respeitada a independencia da sua terra!

Em assumptos de egualdade bem se vê que os nossos vizinhos podem servir de modelo!»

—Para darmos a nossos leitores a noticia da sentida morte do sr. infante D. Fernando, anticipámos a publicação do jornal, sahindo comtudo com data de sabado, 9 do corrente.

ANNUNCIOS

1 — Pela repartição da administração dos bens dos hospitaes da universidade se annuncia, que não se tendo effectuado hoje o arrendamento das terras sijas nos campos de Cima, Anços e Borralha, no concelho de Monte-mór o Velho, pertencentes aos mesmos hospitaes, fica transferido o mesmo arrendamento para o dia 28 do corrente mez, o qual se ha de verificar no edificio d'este governo civil, abrindo-se a praça pelas onze horas da manhã. — Secretaria do governo civil de Coimbra, 4 de novembro de 1861. — O encarregado da administração dos bens dos hospitaes, *Adriano Lopes Guimarães.*

O basar de prendas em beneficio do asylo da infancia desvalida, terá lugar no salão do theatro academico, no dia 10 do corrente.

PORTUGAL INDEPENDENTE



Portuguezes! joelho em terra, e oremos!

Revestindo-nos hoje do crepe funereo, e derramando uma lagrima de saudade, seja essa a mais verdadeira prova de nosso profundo sentimento e consternação pela irreparavel perda, que acabamos de soffrer!

Já não existe o nosso joven Monarcha: o excelso e magnanimo Rei dos Portuguezes, a quem nos ufanavamos de prestar obediencia, respeito e amor, deixou de viver sobre a terra, desde as 7 horas da tarde do dia 11 do corrente!...

A sua alma, para e candida, foi chamada por Deus para a corte celestial, já que na terra não eramos dignos de possuir os seus elevados dotes!

Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Pedro 5.º falleceu, e com elle as esperanças de um futuro brilhante! O nosso paiz, ha muito tempo victima de tantos infortunios, acaba de receber um golpe terrivel, pois era das virtudes d'aquelle bondoso Monarcha que nutriamos as maiores esperanças de podermos alcançar lenitivo aos nossos males!... Os decretos do Omnipotente são irrevogaveis!

Portuguezes! ajoelhemos, e oremos!

Medonho se nos antolharia o futuro da nossa cara Patria, se não contassemos com o auxilio da Providencia, que nunca desamparou esta boa terra de Portugal.

Os infaustos successos, que ora enluctam a Nação Portugueza, de certo produziram suas necessarias e funestas consequencias, se um esôrço supmo a nos não pôde conduzir a falta de união.

Somos pequenos, estamos pobres; mas podemos apontar para o nosso passado e exigir que ao menos sejam respeitados os fastos da nossa nacionalidade e o renome dos heroes, que, á custa de tantos sacrificios, por mais de uma vez firmaram a nossa independencia.

Somos pequenos, estamos pobres; mas por igual cataclysmo têm passado e estão passando outras nações, que com o seu poder quasi tem assuberbado o mundo inteiro.

Na actualidade nenhuma das nações, ainda a mais poderosa, pôde ostentar completa supremacia. Ainda não ha muito que as aguias da Russia foram vencidas na lucta pelas aguias da França e pelo leopardo da Inglaterra; em data mais recente as aguias austriacas foram derrotadas pelas mesmas aguias francezas, e pelas cohortes do Piemonte, em justa represalia do destroço de Novara. Na actualidade, ainda a Russia, a Austria, a Prussia, e a

Italia não descuram dos armamentos de seus exercitos, precavendo-se contra eventualidades que possam ameaçar o predomínio que lhes dá a sua superioridade.

E não é só na Europa que se nos apresenta este retrospecto: a America é hoje um continuado e não interrompido theatro de luctas fraticidas. Nos Estados-Unidos debatem-se os separatistas e os unionistas; no Mexico continúa uma guerra como de selvagens; e até o celeste imperio não foi exempto do funesto contagio das guerras civis!...

Portugal, 'nestes últimos tempos, havia desfructado uma paz invejavel, á sombra da qual fa readquirindo a sua quasi extincta prosperidade.

Sob os auspicios d'um rei verdadeiramente constitucional, os povos iam saboreando os mimosos fructos da arvore da liberdade, que parece vegetar da arvore 'neste paiz, onde o solo não é regado de sangue humano: um mútuo assenso estava estabelecido entre o rei e o povo: aquelle só curava da felicidade de seus subditos; estes só buscavam occasiões de patentear o seu reconhecimento a quem tão bom uso sabia fazer do sceptro, que a Providencia lhe confiára.

Curto foi este periodo de felicidade; e o seu benefico influxo quasi passára desapercibido, porque o bem não se aprecia quando se gosa, mas sim quando se perde.

O Senhor D. Pedro Quinto deixou de existir; porém, não obstante os poucos annos de sua idade, teve um tão feliz reinado, que a sua chronica irá enobrecer as páginas da nossa historia.

O throno vae ser occupado pelo inclito irmão do nosso magnanimo monarcha: acerquemo-nos todos d'elle, prestemos-lhe o preito e a homenagem que os Portuguezes sabem prometter e a que não costumam faltar. Unâmo-nos em uma só vontade, como um só homem; e assim, ainda que sejamos poucos, ainda que estejamos pobres, não deixaremos de ser fortes, e reconquistaremos o logar que já occupâmos nos congressos das nações.

Deponhâmos essas ambições facciosas, que nos depreciam perante os estranhos; tractemos de banir qualquer divisa politica, que nos desuna, e esforcemo-nos por elevar ao fastigio do poder quem só possa corresponder dignamente á elevada missão de governar um povo, que quer continuar a ser livre e independente.

Acima de tudo, a gloria de Portugal!

Parte official

ACTA DO CONSELHO DE ESTADO

Aos 11 dias do mez de novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1861, o conselho de estado reunido no Paço das Necessidades, sendo-lhe communicada a infausta e sentidissima noticia do fallecimento de El-Rei o senhor D. Pedro 5.º, foi admittido á real camara, e beijou a augusta mão de sua magestade el-rei defuncto.

O conselho, attendendo a que, na crise em que se acha o paiz por tão fatal aconte-

cimento, era de absoluta necessidade e conveniencia pública o providenciar de maneira que não haja a menor interrupção da acção governativa, e a que, não havendo expressa disposição na carta constitucional para o infausto caso que se apresenta, todas as razões de estado aconselhavam que fosse convidado el-rei o senhor D. Fernando para assumir a regencia do reino até á proxima chegada de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz 1.º; o conselho levou o exposto á presença d'aquelle augusto senhor, e sua magestade logo ahi declarou que passava a exercer a regencia do reino, visto que assim o reclamava a causa pública, prestando o competente juramento por sua proclamação da data de hoje. E mais declarou sua magestade el-rei, que havia por bem confirmar o ministerio que se acha em exercicio, e que fôra gloriosa memoria. E, beijando os conselheiros de estado a mão a sua magestade el-rei regente, se deram todos estes solemnes actos por concluidos pelas onze horas da noite do mesmo dia 11; do que se lavrou esta acta, que é assignada por sua magestade el-rei regente e por todos os conselheiros de estado presentes.—REI, Regente.—*José Bernardo da Silva Cabral*—*Antonio José de Avila*—*Visconde de Castro*—*Visconde de Algés*—*João de Sousa Pinto de Magalhães*—*Visconde da Carreira*—*Marquez de Loulé*—*Joaquim Antonio de Aguiar*—*Visconde de Sá da Bandeira*.

PROCLAMAÇÃO

Portuguezes! Foi Deus servido chamar á sua sancta gloria, hoje pelas sete horas e um quarto da noite, el-rei o senhor D. Pedro 5.º, meu muito amado e presado filho. A dôr que opprime o meu coração de pae é sem duvida comprehendida por este povo que perdeu no Rei, que tanto amava, o modelo de todas as virtudes.

Na urgencia das circumstancias, e confôrme o voto do conselho de estado, entro no exercicio da regencia d'estes reinos durante a curta ausencia do legitimo successor da corôa. Na conformidade da carta constitucional —juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação quanto em mim couber —juro igualmente guardar fidelidade a El-Rei o Senhor D. Luiz 1.º, meu sôbre todos muito amado e presado filho, e entregar-lhe o governo logo que chegue a estes reinos.

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios de estado continuem no exercicio de suas respectivas funcções.

Paço das Necessidades, em 11 de novembro de 1861. —REI, Regente.—*Marquez de Loulé*—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho*—*Antonio José de Avila*—*Visconde de Sá da Bandeira*—*Carlos Bento da Silva*—*Thiago Augusto Velloso de Horta*.

PORTUGAL INDEPENDENTE

P. S. — El-Rei e Sr. D. Luiz 1.º e o Sr. Infante D. João, chegaram hoje a Lisboa, pelas 7 e meia horas da manhã, de perfeita saúde. O Sr. Infante D. Augusto acha-se livre de perigo. O funeral do Sr. D. Pedro 3.º é no dia 16 do corrente. Falleceu o duque de Saldanha.

Halla não descuram dos ritmos de seus
exercícios precedendo-se contra eventual-
vencimentos pública e providencia de monar-

PROCLAMAZÃO
Portuguezes! Por Deus servido chamar a
sua sancta gloria, hoje pelas sete horas e
um quarto da noite, el-rei e senhor D. Pe-
dro 3.º, com muito amado e presado filho.
A dar que opprimo o meu coração de que
sem duvida comprehendida por esta povo
que perden no Rei, que tanto amava, e mo-
delo de todas as virtudes.
Na urgencia das circumstancias, e conforme
o voto do conselho de estado, entro no exer-
cicio da regencia d'estes reinos durante a co-
rta ausencia do legitimo successor da co-
rona. Na conformidade da carta constitucional
— juro manter a religião catholica apostol-
ica romana, e integridade do reino, obser-
var e fazer observar a constituição politica da
nação portugueza e mais leis do reino, e prover
se bem geral da nação quanto em mim con-
der — juro igualmente guardar liberdade a
El-Rei e senhor D. Luiz 1.º, mee sobra todos
muito amado e presado filho, e entregar-lhe
o governo logo que chegar a estes reinos.
Fecho resolvido que os actuaes ministros
e secretarios de estado continem no exer-
cicio de suas respectivas funcções.
Fecho das 7 e 1/2 horas, em 11 de novem-
bro de 1861. — RELL. Herculano de Mesquita
de Cádiz — thesoeiro da regencia de Maria Car-
volha — Antonio José de Jella — thesoeiro
de 24 da Bandeira — Carlos Bento de Silva
— Vitalino Augusto Veloso de Moraes.

Portugal, nestes ultimos tempos, ha-
destruido uma paz inavel, a sombra da
qual se reapparece a sua quasi extincta
prosperidade. A nã se descuram dos ritmos
de seus exercícios precedendo-se contra eventual-
vencimentos pública e providencia de monar-

Portuguezes! a glória de Portugal!
Acima de tudo, a gloria de Portugal!
Parte official
ACTA DO CONSELHO DE ESTADO
Aos 11 dias do mez de novembro do anno
do nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo
de 1861, o conselho de estado reunido no
Pazo das Yscudarias, e a saber: comman-
tante a actualidade e actualidade politica de tal
documento de El-Rei e senhor D. Pedro 3.º,
el-rei e senhor D. Luiz 1.º e Sr. Infante D. João,
chegaram hoje a Lisboa, pelas 7 e meia horas
da manhã, de perfeita saúde. O Sr. Infante D.
Augusto acha-se livre de perigo. O funeral do
Sr. D. Pedro 3.º é no dia 16 do corrente. Falleceu
o duque de Saldanha.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO À MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V
E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;—número avulso 400 réis.—Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra.—Escriptos não publicados, não serão restituídos.

Não ha ninguem que se atreva a descrever a consternação e a dor justa e verdadeira que se apoderou de todos os bons e leaes portuguezes, ao receberem a infausta noticia da sempre chorada morte de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro v; e qual seria a penna capaz de pintar com as verdadeiras côres, o sentimento puro, a dor acerba, que neste momento é sentida por todos que conheceram as virtudes, que adornavam tão joven, quanto esperanças, que Monarcha?

O infausto acontecimento, que acaba de enlutar o Reino; a perda do nosso bondoso Rei, do nosso Amigo, do nosso Protector, é, e será sentida por todos, que amam a virtude, a honra, a caridade e todos os dons que constituem um bom Rei; e um bom cidadão.

Não o vimos nós, portuguezes, no seu curto e saudoso reinado, soffrer com a maior abnegação dolorosos transes? Não o vimos nós no meio de duas terriveis epidemias que assolaram o reino, e com especialidade Lisboa, quando todos fugiam do flagello, quando todos o aconselhavam, lhe pediam e rogavam, que sahisse da capital para evitar os perigos que ameaçavam a sua, para nós, preciosa existencia? Não o vimos nós, desprezando os conselhos e rogativas, e não querendo abandonar o seu povo, que tanto amava, e por quem era tanto amado, correr diligente, a toda a hora do dia ou da noite a casa do rico, e do pobre, aos hospitaes, e finalmente a toda a parte, onde lhe constava haver uma victima do flagello, prodigalizando a todos, palavras de consolação e conforto, e ministrando até aos doentes por suas proprias mãos os remedios?! E quem haverá que não conheça estes, e tantos outros actos de abnegação, de caridade e de amor do proximo?

Mas o Ente Supremo não tinha ainda resolvido a morte do amigo dos portuguezes, e nova provação lhes preparava, para mostrar por certo ao mundo, o valor do seu dilecto filho da creatura por elle formada á sua imagem e similhaça.

Esposou o sr. D. Pedro v a escolhida do seu coração, a virtuosa princesa D. Estephania, com quem só partilhou o throno no curto espaço de 14 mezes, quando á Providencia Divina junctou o seu! Ainda assim, apesar de tantos desgostos e de tantas provações, o sabio Monarcha não succumbe: redobram os seus actos caridosos, augmenta o seu amor pelo seu povo, e durante o seu limitado reinado mostra ao mundo e a todos os imperantes como governa um Rei livre, como se castiga o mau, sem espalhar o sangue humano, e como deve portar-se um Rei, para ter o amor extremo d'um povo inteiro!

Todos os Monarchas, mesmo aquelles que deixaram seu nome eternisado por um reinado venturoso e benefico, tiveram paixões ou vicios, que offuscam o brilho de seus

actos heroicos, ou providentes; mas o sr. D. Pedro v era venturoso sem pretensão, religioso sem fanatismo, e sem a mais leve macula na sua reputação de Rei, e de primeiro cidadão; entregou-se sempre aos deveres que lhe impunha a coroa, que herdára, seguindo á risca os conselhos e exemplos de sua virtuosa Mãe, a senhora D. Maria II.

Quem haverá que se atreva a negar ao sr. D. Pedro v os costumes os mais puros e o maior desvelo por todos os portuguezes?

Cidadãos! perdemos o nosso Rei, o nosso Amigo, o Paç dos desvalidos, mas console-mos com a ideia, de que elle no ceu, juncto aos seus maiores, e á sua amada Estephania, roga a Deus pela nossa felicidade e pela nossa independencia: e uma vez que a sorte poude tirar d'entre nós aquelle que agorá, não possa ella riscar nunca, de nossos corações as suas constantes virtudes.

Espinhal, 13 de Novembro de 1861.

Luiz Pires Monteiro Bandeira.

Funeral do Sr. D. Pedro v O REI ILLUSTRADO

O sepulchro dos reis recebeu hoje mais um cadaver. O povo despediu-se de um dos seus melhores amigos.

Neste ultimo adeus a dor foi igual para todos. Uma profunda tristeza affligia todos os corações, tornava pallidos todos os rostos, humedecia todos os olhos.

Choravam tanto os que tinham vivido juncto do rei, como aquelles que nunca lhe tinham fallado, e estavam habituados a vê-lo passar, a fallar das suas virtudes e a soffrer com as suas desgraças.

Nunca a cidade se revestiu de tão pesado lucto, nunca um povo se despediu com mais saudade do seu rei. É que a desgraça é a pedra onde se aquilata os amigos e o sr. D. Pedro v nunca desamparou os seus subditos nas horas da desventura.

As ruas por onde passou o prestito estavam cheias de povo, e todas as mais ficaram desertas. Desde as Necessidades até S. Vicente estendiam-se as alas da tropa, entrelaçadas com as do povo. Seriam talvez, cem mil pessoas, as que estavam paradas, e as que formavam o cortejo, e em toda aquella immensa concurrencia reinava um silencio profundo e solenne. Todos receiavam perturbar com a voz o acto augusto a que assistiam.

As dez horas da manhã sahiu o prestito funebre do paço das Necessidades. Era precedido de um esquadrão de lanceiros, e de seis porteiros da canna, a cavallo, e vestidos de capa e volta.

Seguiam-se mais de cento e vinte carruagens de titulares e mais pessoas que formam a côrte.

Depois a pé as diversas corporações de Lis-

boa. Comissões dos asylos, do centro promotor, dos empregados publicos, homens de letras, dos actores e actrices, do corpo commercial portuguez e estrangeiro; os aspirantes e officiaes de marinha, a companhia de bombeiros, os empregados do arsenal, o conservatorio dramatico, os conselhos e alumnos das escholhas polytechnica, do exercito, medico-cirurgica e do collegio militar; uma numerosa commissão das tripulações dos navios mercantes, á frente da qual iam os condecorados com a medalha de salvação da sociedade humanitaria; a officialidade das armas scientificas; os alumnos do arsenal do exercito; e os alumnos da casa-pia, muitos collegios da capital com os seus directores e mestres, etc.

As tres camaras municipaes de Lisboa, Olivença e Belem; e egualmente a pé os srs. Ministros de estado, visconde de Sá da Bandeira, com os seus ajudantes, e o sr. Thiago Horta.

Uma senhora levava uma corôa de perpétuas enterlaçadas com saudades, da forma da corôa real, para a depositar no jazigo de el-rei.

Seguiam os coches da casa real conduzindo o porteiro da camara, e moços da guarda-roupa, os officiaes môres da casa real, um dos quaes conduzia a corôa real, e os ecclesiasticos que acompanhavam o augusto cadaver.

Depois o coche de respeito arriado em camarin, e logo o coche com o athaude do real cadaver.

O panno de velludo que cobria o athaude levava pregadas de cada um dos lados as medalhas, que S. M. tinha recebido, a da sociedade humanitaria, e a da febre amarella. De cada lado do athaude caminhavam dois condecorados com a última medalha.

Aos lados do ultimo coche iam os moços da real camara com tochas accesas entre as alas dos moços de estribeira, e archeiros da casa real, caminhando todos descobertos. Atraz ia a guarda real dos archeiros, seguindo-se os officiaes generaes, com o respectivo estado maior todos a cavallo.

Fechavam o prestito dois esquadrões de lanceiros, com as bandeiras das lanças cobertas de preto, e a cavallaria da guarda municipal. Depois todo a força de infantaria e caçadores debaixo do commando do sr. general Bravo.

Os coches da casa real chegaram a S. Vicente ás tres horas da tarde. O athaude foi collocado pelos competentes dignitarios sobre a tarima no adro da igreja, e d'ahi levado em um esquife pela irmandade da sancta casa da misericordia de Lisboa até á primeira eça collocada no meio do templo; as duas medalhas foram despregadas do panno do athaude e collocadas nos dois lados do esquife: alli a collegiada da mesma sancta casa cantou os devidos responsorios. Depois o athaude foi levado pelos mesmos dignitarios á segunda eça,

levantada no centro da quadratura patriarchal.

Seguiu-se a missa pontifical.

Findos os actos religiosos foi o augusto cadaver depositado no jazigo real.

Todos os corpos formados em roda do templo deram depois as descargas do estylo; o castello e os navios de guerra surtos no Têjo salvaram com 21 tiros.

Durante o dia conservaram-se fechadas todas as lojas da capital.

(Revolução de Setembro).

PORTUGAL

LISBOA 15 DE NOVEMBRO

Descobertos e em pé, graves e tristes, inclinemo-nos deante do sahimento real!

Póde passar sem nós essa pompa, porque todas as pompas nos afastam; mas não deve passar sem nós essa dôr, porque todas as dôres nos chamam!

Com o respeito, damos testemunho de nossos principios, honrando a realza; com a magua, damos prova de nossos sentimentos, lastimando o infortunio.

Legitimistas e monarchicos, bastava esse cadaver ser de Príncipe para nos attrahir a veneração; christãos e portuguezes, basta ser o cadaver de um homem, basta ser uma desgraça que fêre nossos irmãos, para se nos ir logo o coração nas sympathias da tristeza.

E se ahí caminham para o jazigo os despojos de um triste, de um infeliz, apesar de Príncipe; de um desgraçado, apesar dos faustos da fortuna apparente; de um que todos dizem e que elle proprio se dizia desditoso, como lhe pôdem faltar no cortejo das lagrimas os que de lagrimas vivem ha tantos annos, os cortezãos da desventura, os soldados fieis de outro Príncipe tão infeliz, tão desgraçado, tão desditoso tambem?! Oh! que ninguém melhor sente as dôres alheias do que aquelle que nas suas proprias tem aprendido como ellas dôem!

Esperanças ceifadas?! Sabemos bem o que custam. Nunca houve chão mais alastrado de folhas em mais cruel outumno de vida pública!

Feridas profundas?! Quantas e quão acerbadas, no destêrro, no lucto e na miseria! Na miseria, que é alguma cousa ainda mais terrivel e mais negra do que a morte!

Saudades?! Temol-as gemido longas; comprehendemos por isso como pungem a alma, avaliâmos como vos devem agora pungir a vossa!

Tomae, pois, para o vosso pranto este tributo que vae molhado com o nosso; com o nosso a que estamos acostumados; com o nosso que vos recordâmos aqui, não por memoria inopportuna de aggravos, mas só por segurança de que sabemos esquecer e chorar!

Chorâmos convosco porque sois hoje infelizes, como nós o temos sido, na orphandade e na ausencia; porque choraes como nós temos chorado; porque vêdes partir para o destêrro do tumulo o vosso Príncipe, como nós temos visto o nosso gemer pobre, e caminhar cada dia tambem para o tumulo, no destêrro da patria.

Patria! se a este vinculo já tão poderoso, ainda vem junctar-se o vinculo da dôr, porque não havemos nós todos, filhos da mesma terra e alliados por infortunios mutuos, tomar lição d'esses mesmos infortunios?! Príncipe, que ahí ides descansar em vossa última morada; Príncipe, que symbolisastes para nós uma opinião adversa, mas a quem sempre respeitâmos em vida e que hoje deplorâmos na morte; Príncipe, a quem aqui

cortejâmos a jerarchia e as desventuras; Príncipe, diante de cujo athaude vimos deitar sincero e solemne pregão de vossas virtudes de homem, e dar mostras de nossos sentimentos fraternaes para com aquelles que vos tinham como haste de sua bandeira; Príncipe, se a vossa morte é uma calamidade para a vossa augusta familia, e para uma parte da familia portugueza, embora seja para vós talvez socêgo e prêmio; fazei, diante do Altissimo, que tambem seja occasião e motivo de Suas Misericordias; sêde o embaixador de nossas supplicas, o advogado de nossas miserias, até tambem como victima d'ellas; e alcançae-nos dos milagres da Piedade Divina, que ainda nesta terra nos vejâmos todos os irmãos nas crenças e nos affectos, nos desejos e nas esperanças!

Então, Senhor, os que só hoje vos pranteiam, nas treguas de nossas discordias, não de memorar-vos agradecidos nos dias serenos da prosperidade e da paz!

Então, Senhor, do mesmo modo que hoje tendes as orações de todos, podeis e deveis ter de todos as saudades, já consoladas da vossa perda com a fortuna da Patria, que tambem assim terá sido, lá do ceu, obra e glória vossa, cá na terra! (Nação).

Auto de autopsia do cadaver de s. m. o senhor D. Pedro v, feita 37 horas depois do fallecimento.

Os facultativos abaixo assignados, medicos e cirurgiões da real camara, que foram consultados e assistiram a el-rei o senhor D. Pedro v, durante a sua última doença, e que procederam ou foram presentes á autopsia do real cadaver, executada por occasião e no acto da embalsamação, observaram as seguintes alterações:

Habito externo — Signaes de decomposição cadaverica muito adiantada em toda a superficie do tronco, cabeça, braços e parte superior das coxas.

Cavidade abdominal — Diversas manchas lividas no bôrdo convexo do intestino delgado; a primeira 18 centimetros acima da extremidade inferior do ileon, e a última juncto a esta mesma extremidade. Estas manchas tinham de 1 a 3 centimetros quadrados de superficie e correspondia-lhes maior espessura das paredes intestinaes.

Os ganglios do mesenterio quasi todos ingorgitados e vermelho-escuros.

Nenhuma alteração na superficie interna do estomago e intestino delgado até á distancia de 130 centimetros da sua extremidade inferior, em que começavam a apparecer as glandulas de Peyer notavelmente augmentadas de volume, formando muitas placas de variada extensão e espessura, algumas ulceradas, e correspondendo ás manchas notadas na superficie exterior. Duas d'estas placas de Peyer eram sôbre todas notaveis. Uma tinha 9 centimetros de comprimento e 3,5 centimetros de largura, bordos arredondados, irregulares e salientes, superficie desegual, e no meio uma úlcera circular de bordos delgados, com 1 centimetro de diametro e cujo fundo era formado pela membrana muscular do intestino. A outra placa, não ulcerada, estava 6 centimetros abaixo d'esta, e assentando em parte na valvula ileo-cecal tinha 5 centimetros de comprimento sôbre 4 de largura.

O intestino cego, colon ascendente e transverso, estavam semeados de numerosissimas granulações fulicosas, muitas das quaes ulceradas no centro, formando todas uma erupção mui confluyente; no colon descendente e S do

colon, iam successivamente rareando, mostrando-se ainda algumas no intestino recto.

Pequena quantidade de liquido bilioso no estomago e intestinos.

Baço augmentado de volume, de consistencia quasi diffluyente, e de côr vermelho-anegrado.

Figado amollecido e anegrado. Vesicula fellea com pouca bile menos espessa do que naturalmente.

Pancreas sem alteração apreciavel. Rins mais escuros e pouco consistentes. Bassinetes, ureteres e bexiga normaes.

Cavidade thoracica — Coração e pulmões sem outra alteração além de certo grau de amollecimento e hyperemia cadaverica.

Cavidade craneana — Vasos exteriores da dura-mater, consideravelmente ingorgitados. A pia-mater, muito injectada, dava a toda a superficie exterior do cerebro côr rubra intensa. As circumvaluações cerebraes participavam d'este estado congestivo. Não havia adherencias anormaes entre as meninges e a substancia cerebral. O ventriculo direito do cerebro continha alguma serosidade sanguinolenta. A consistencia do cerebro era anormal a do cerebello menor.

Estas alterações, bastante significativas, encontradas pela autopsia feita no cadaver de sua magestade o senhor D. Pedro v, nenhuma dúvida deixam sôbre a natureza do fallecimento a que succumbiu el-rei; e são ellas ao mesmo tempo plena confirmação do juizo anteriormente feito a este respeito. Uma erupção dotinenterica, bem caracterizada e das mais desinvolvidas que se costuma observar, attesta o ter havido uma febre das mais malignas como o foi a que acometteu sua magestade. A alteração egualmente significativa do baço concorre a denunciar o genero de influencia que originou a molestia, a saber, o miasma paludoso, que, nos estragos que costuma produzir, particularmente affecta aquella viscera. Além d'isso, na marcha da infermidade, no modo por que começou e se desinvolveu, nas causas a que el-rei se expoz muito directa e prolongadamente, está sobejamente a confirmação do juizo que, para os facultativos que observaram e tractaram sua magestade, não podia ser duvidoso.

Paço das Necessidades, em 13 de Novembro de 1861. — *Barão da Silveira* — *Barão de Kessler* — *Dr. Bernardino Antonio Gomes* — *Dr. Francisco Antonio Barral* — *Dr. Simas* — *Manuel Carlos Teixeira* — *José Eduardo de Magalhães Coutinho* — *Antonio Maria Barbosa* — *Manuel José Teixeira*.

Barra da Figueira

O Periodico — *O Districto d'Aveiro* — n.º 38 de 8 do corrente mez, publicou uma correspondencia da Figueira da Foz, em que é atacado o nosso artigo inserto no n.º 3 de 19 do mez passado.

O auctor de tal correspondencia, ao passo que critica as que se têm publicado em diversos jornaes contra o sr. Silva, director das obras da barra, por serem anonymas, assim como por não serem assignados os artigos que têm tractado de taes obras, pretende defender este senhor, mas não se atreve tambem a assignar o seu nome, cahindo porisso no ridiculo.

Poremos de parte as phrases banaes e insultantes que otal figueirense emprega, porque desprezando tudo o que nos é offensivo, não é no campo das recriminações que defenderemos o nosso artigo. A elle não responde o correspondente, porque contra factos não ha argumentos, mas foge para o vasto campo das generalidades,

confessando em parte a justiça d'alguma das nossas acusações, e não se atrevendo a destruir as outras.

No artigo a que se allude, achou o correspondente uma asserção, em relação ao sr. presidente da camara, que por certo muito o magoou e muito lhe deu no gotto, e porisso lhe custou a engolir, e assim succede quando se ataca com baldas certas; mas tenha paciencia, vá mastigando e engulindo.

Cita-nos o figueirense uma correspondencia do sr. J. F. Thomaz em favor do director das obras, publicada no *Jornal do Commercio* de 11 do passado; mas permitta-nos que lhe digamos que fraca ancora buscou para se salvar, porque se o sr. F. Thomaz hoje tanto defende o sr. Silva, lá terá razões particulares para o fazer; o que nós ignorámos é o motivo porque esse senhor tão depressa mudou de opinião, pois o sr. figueirense, se é que o é, ha de lembrar-se que o sr. F. Thomaz foi um dos maiores inimigos do Sr. Silva, e que mais gritou contra as obras emprehidas por elle e contra os desperdicios que alli se practicavam, etc. É que o sr. Silva soube tapar a bocca a alguns seus accusadores, mas não o poudo conseguir em relação a todos. Nada mais diremos a este respeito. . .

Argumenta o figueirense com os beneficios feitos pelo sr. Silva á villa da Figueira, e critica, ainda que por modo inconveniente, os cavalheiros d'alli por serem tão desagradecidos.

Esses cavalheiros, cremos nós, não desconhecem que o sr. Silva tem beneficiado a Figueira; mas esses cavalheiros entendem, assim como nós entendemos, que uma grande, se não a maior parte dos melhoramentos, são completamente alheios á missão que o sr. Silva alli tem a desempenhar, porque elles nada tem com o *melhoramento do porto e barra, propriamente dicta*. Esses cavalheiros têm presenciado a enorme despesa que o Estado está fazendo constantemente, e que o porto da Figueira está cada vez peor; e tambem vêem que o sr. Silva tem descurado completamente de evitar a total ruina d'esse porto, se é que ainda se pôde dizer que essa ruina não é já total!

Esses cavalheiros, engenheiros de *tripeça ou balcão* como *engraçadamente* vós lhe chamaes, querem que o dinheiro da nação a titulo das obras da barra, não seja engulido por comilões, nem seja para fazer palacios, como o sr. Silva pretendia — querem que se faça o caes em toda a linha do norte — querem que immediatamente se *destrua* o antigo tapume no sitio chamado o Pontão, como obra de primeira necessidade a emprehender como o sr. director *confessou* no seu relatorio, por ser tal tapume a *causa originaria dos estragos do porto e barra*.

O sr. figueirense corre parelhas com o noticiario do collega *O Conimbricense* — que no n.º 809 de 26 de outubro, veio com as suas fanfarronadas, elogiando o sr. Silva e taxando de documento *muito honroso* para este senhor, a publicação do seu edital ou aviso de 23, em que, *desafiando os seus inimigos*, convidava todas as pessoas que soubessem de alguma irregularidade, extravió ou desperdicio feito nas obras, a apresentar suas declarações.

Ignorámos se o sr. Silva fez essa publicação voluntariamente, se obrigado pelo ex.º Visconde da Luz; mas seja como fór, s. s.ª errou o cálculo, porque, fazendo um triste conceito dos habitantes da Figueira, não julgava que elles levantariam a luva que tão ousadamente lhes lançou; mas recebeu uma sévera lição, porque a esse convite correu todo o corpo commercial da villa e todos os cava-

lheiros mais notaveis que alli ha, e com toda a franqueza e verdade, relataram ao ex.º Visconde todas as miserias que têm havido nas obras da barra — essas grandes comedellas de duplos vencimentos d'alguns empregados — esses grandes roubos de bancas de pedra, esse afretamento dos navios do Estado e essas despesas de arribada, etc., e o sr. Silva que tão desassombradamente desafiou os *seus inimigos*, como dizeis, sendo chamado pelo ex.º Visconde para responder e ir defender-se de tão graves acusações, negou-se a comparecer e sumiu-se! . . .

Illustres defensores! Que dizeis a este procedimento do sr. director das obras da barra? Que prova quereis mais terminante da procedencia d'essas acusações? Para onde fugiu o vosso heroe, no momento em que a sua presenca era mais necessaria? Qual é o funcionario, que tendo a consciencia de um procedimento regular, e do cumprimento de seus deveres, foge vergonhosamente d'aquelles que desafiou, não se atrevendo mesmo, ainda que *mudo e quedo*, a suportar a presenca dos taes engenheiros de *tripeça e balcão*?

Esses engenheiros practicos, como vós dizeis, erram menos do que os theoreticos, e causam menos prejuizos ao Estado do que estes que repetidas vezes erram as suas obras, entende? . . .

Não entrámos nem entrámos na apreciação do merecimento do sr. Silva, como engenheiro, porque não somos competentes para isso, antes nos inclinámos a que s. s.ª é digno d'esse nome, e é um portuguez que naquella qualidade faz honra á nação; mas o que negámos é que elle seja um bom administrador e fiscal — e que faltando-lhe estas essenciaes qualidades, que devia reunir ás de director das obras, deixou-se illudir pelos seus subalternos; e talvez pela sua muito boa fé, deu logar a que houvesse, como tem havido, tanto desperdicio nas obras de que tem estado encarregado; e illudido tambem por alguém, se esqueceu por um pouco do seu dever, e tractou de ser empresario, distrahiendo alguns fundos da nação, para esses pregoados melhoramentos, alheios áquellas obras — para cujas despesas só o municipio devia e deve concorrer; e diremos que foi illudido, porque não soube conhecer o laço que o sr. Borges lhe armou, e daremos a razão: feitos esses melhoramentos, para que toda a nação tem pago, o sr. presidente da camara havia de futuro argumentar e sustentar que elles foram feitos durante a sua gerencia — que sendo de tamanho vulto, com elles só gastou uma insignificante quantia ao municipio, *pela economica e boa administração que soube exercer*; — e por esta fórma havia de querer toda a gloria para si sómente, fazendo, como costuma dizer-se, — *cortezias com o chapéu alheio* — e o sr. Silva seria depois havido como simples director ou indicador das obras do municipio, por cujo trabalho receberia os 200\$000 réis, que aquelle sr. presidente incluiu para esse fim no respectivo orçamento!

Não somos amigos nem inimigos do sr. Silva — nunca tivemos a honra de fallar com s. s.ª, mas julgámos do nosso dever avaliar e louvar ou censurar os seus actos, como funcionario público que é, e demais a mais dispondo de avultadas quantias; e se não fôssem os espertalhões de seus defensores tão ousados e atrevidos, reputando só hom o que se escreve a favor do sr. Silva, e mau e ridiculo o que lhe é contrário, por certo que s. s.ª não teria soffrido como tem, tanto desgosto; e fazemos votos para que outros maiores não tenha ainda a soffrer.

Esclarecido como está o público de todas as occorrencias que tem havido em quanto

ás obras da barra da Figueira, nada mais diremos, nem responderemos, porque outros negocios de importancia occupam nosso cuidado, e não temos tempo nem geito para polemicas com que o público nada interessa; e se o tal sr. figueirense não tem outros deveres a desempenhar nem com que se entretenha, lembrámos-lhe a leitura da correspondencia da Figueira, incerta em o n.º 601 do *Tribuna Popular* de 30 de outubro, porque ahí encontrará materia vasta, para dar largas á sua eloquencia.

Hespanha e Portugal

(Continuado do número 6)

É cousa indubitavel que a litteratura portugueza tem um caracter peculiar, que a distingue de todas e da propria litteratura do resto da peninsula, o que se nota tanto nas excellencias, como nas faltas. A lingua portugueza não é tão sonora e energica, é porém mais rica que a lingua castelhana. Por serem mais cultivados em Portugal os idiomas e litteraturas de Roma e da Grecia tambem o idioma portuguez se enriqueceu com maior número de vocabulos e phrases. Camões deu ao seu estylo, aos seus pensamentos, ás suas imagens um aroma; um sabor oriental. No portuguez se conservam tambem mais vocabulos arabes que no castelhana.

Os portuguezes não têm um romanceiro. Sem embargo dos trabalhos de Garrett, só podem apresentar-nos um como appendice do nosso, appendice menos rico e original que o romanceiro dos catalães. Ao lado do nosso theatro, o primeiro do mundo moderno, nada podem apresentar os portuguezes. Com os compatriotas de Calderon, Lope, Rojas, Moreto, Alarcon e Tirso, não deve Portugal jactar-se de Gil Vicente, que não vale muito mais que o seu contemporaneo, Juan de la Encina. Para oppôr ás tragedias classicas portuguezas temos nós muitas hoje esquecidas e escondidas por tanta riqueza original, e pelo castigo thesouro dos nossos dramaturgos populares. Só a *Ignez de Castro*, de Ferreira, sobrelheva por superior merecimento; tanto pela sua sentida e sublime poesia, como por ser a primeira boa tragedia escripta na Europa moderna, e anterior, por certo, á *Sofonisba*, de Trissino.

Se Portugal, porém, não possui theatro, nem romanceiro, a sua musa epica é absolutamente superior á nossa, e talvez na lyrica erudicta, na ode pindarica e sublime, nos levará vantagem, e nol-a leva, decerto, e grande se attendermos á população inferior á de Hespanha e se apartarmos da nossa conta o cantor da *Noche Serena* e da *Vida del Campo*.

Portugal tambem possui sabios prosadores elegantes, energeticos historiadores, politicos e philosophos. A sua litteratura não está reduzida, como pretende o sr. Gullon, a Camões e alguns nomes mais isolados. Desde Ferreira e Sá de Miranda, succedem-se os eminentes lyricos até Garção, Francisco Manuel, Garrett, Mendes Leal e Feliciano de Castilho: os seus historiadores Barros, Couto, Freire, Lucena, fr. Luiz de Sousa, e Herculano nada têm que invejar aos nossos: e no que respeita a novellas e a outras obras de distracção têm os portuguezes muito que apresentar desde Bernardim Ribeiro até alguns novellistas ingenhosos da actualidade. Elles nos deram Jorge de Monte-mór, e elles nos disputam a criação dos dois mais discretos livros de cavallaria, o *Amadís de Gaula* e o *Palmeirim de Inglaterra*.

Julgámos haver demonstrado, posto que brevemente, que é falso que os portuguezes não possuam uma grande historia, uma grande litteratura, e um caracter proprio nacional.

Salta aos olhos que seria impolitico avançar essas proposições, embora não fôsem falsas, e que contrariam as vistas e os propositos de qualquer que pretendesse prégar o iberismo.

Ainda que de continuo lidassemos por persuadir os portuguezes da sua pouca importancia não se persuadiriam, e com razão; e só conseguiríamos, em vez de os tornarmos amigos, incitar a sua ira e o seu rancor, e despertar rivalidades, que deveram estar extintas para sempre. Os portuguezes e os castelhanos nos parecemos em muitas cousas, como irmãos que somos; e na suberba, na altiva condição e no incrível amor proprio nacional de certo nos parecemos muito; assim pois, como dissemos no outro artigo, devemos estar prevenidos para não ferirmos quando quizermos abraçar-nos. Camões que bem conhecia os seus compatriotas, e nesta conta nos lisongeámos, apesar de tudo, incluindo os hespanhoses dizia, fallando das diferentes nações que povoam a península, que são.

Todos de tal nobreza e tal valor
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

Em nome da fraternidade, que deve unirmos aos portuguezes, temos condemnado várias expressões e raciocinios do sr. Gullon, que, talvez por inadvertencia, o auctor deixou escapar, e temos tractado de provar que Portugal foi uma grande nação; tarefa que seria inutil, sem dúvida, se em Hespanha conhecessemos melhor a vida d'esse povo habitante naquelle parte da Península; mas que não deixa de ser a proposito, uma vez que em Hespanha se ignora tanto de Portugal, quanto em Portugal de Hespanha, nascendo d'esta imperdoavel ignorancia mútua, o mútuo desvio e infundado menosprego com que nos encaramos algumas vezes.

Portugal pois, como dissemos, é uma nação, e a sua historia e litteratura, independentes e grandes, lhe dão o caracter e condições de sel-o. Não são os portuguezes uma fracção da nossa nacionalidade que se constituiu em estado independente; mas sim uma nação gloriosa e distincta, como o foram a aragoneza e escosseza. Isto porém não se oppõe á possibilidade, nem á realisação da unidade pacifica de ambos os reinos, numa epocha futura mais ou menos remota. O erro do sr. Gullon não está, a nosso ver, em buscar a unidade, mas sim em querel-a e procural-a, menoscabando da nacionalidade portugueza, e negando seus brilhantes brasões.

Quanto ao mais, convimos com elle, em que a configuração topographica de ambos os paizes, a religião, a raça, os costumes convidam a unir-nos, e em que Hespanha possa um dia ser Portugal, ou Portugal Hespanha, sem que porisso percam seus timbres e louros antigos, como os não perderam Aragão e Castella. Aragão ainda não rasgou nem perdeu as páginas formosas de sua historia immortal, antes as esclareceu e duplicou. Não funda já sómente o seu orgulho nos infatigaveis e nobilissimos condes de Barcelona, mas tambem em Bernardo del Carpio, no Cid, e no conde Fernão Gonçalves; não blasona só de seus trovadores, mas tambem de nossos poetas; não se mostra só orgulhoso do seu D. Jaime, o Conquistador, mas tambem do nosso São Fernando; a par de Rogerio de Lauria colloca Pero Nino, e juncto de D. Pedro, o Grande, de D. Affonso, o Magnanimo, põe o Grão Capitão e o grande Cortez, ambos dignos de figurar ao lado de taes reis.

O hespanhol que rebaixa a gloria de Portugal e o portuguez que menoscaba da nossa, dir-se-hia que desejam destruir o thesouro que um dia ha de por inteiro pertencer á patria commum, e que de certo modo já lhe per-

tence. A gloria de Hespanha é um complemento da de Portugal, e a de Portugal da de Hespanha; não se limitam, não se molestem; mas são complemento uma da outra. Deixae ensuberecer-nos com o vosso Camões, e tomae em troca Cervantes; por vossos lyricos vos damos o Romanceiro; por Albuquerque a Cortez e Pizaro; por vosso rei D. Manuel vos damos Isabel a Catholica.

(Continúa)

Á SENTIDA MORTE DE SUA Magestade

O SENHOR D. PEDRO V SONETO

Dedicado a sua magestade el-rei
O SENHOR D. FERNANDO II

Fugiste d'entre nós, ó Rei Bondoso,
As illusões do mundo abandonaste!
Querido eras de Deus, p'ra Deus voltaste,
Curto foi teu reinado, mas saudoso.

O teu povo te lamenta lacrimoso,
Este povo a quem tu tanto amaste,
E em memoria dos bens que lhe legaste,
Chora por ti, ó Pedro Caridoso.

Pedro... amado Pedro... não respondes
A teu povo afflicto, que te chama,
E teu rosto melancolico escondes?!

Ah! sorte cruel, sorte tyranna,
Que do throno, o melhor dos reis, depondes!
Do nosso Pedro só nos resta a fama!

Espinal, 15 de Novembro de 1861.

Luiz Pires Monteiro Bandeira.

Em uma das correspondencias do nosso collega o *Commercio do Porto*, lêem-se as seguintes linhas, que provam o doloroso sentimento que avassallava o espirito d'el-rei o sr. D. Pedro V, antes da sua sentidissima e prematura morte:

«Mas el-rei queria morrer. Os desgostos levaram-no ao desapêgo da vida. Ha cinco dias, quando os facultativos o davam convalescente, dirigiu-se elle para o marquez de Ficalho, e disse-lhe o seguinte:

«Meu caro marquez. Tem-me v. dado tantas provas d'amigo, que me anima a pedir-lhe um favor, triste sim, mas de que devo carer muito breve. Minha mãe e a minha Estephania querem-me para juncto d'ellas. Presinto no coração o seu chamamento, e eu devo ir para onde estão. Quando, meu caro marquez, eu estiver em perigo de vida e deva receber os Sacramentos, diga-m'o; não receie assustar-me, porque a morte não me assusta. É este o favor que lhe peço. O meu marquez é muito meu amigo e muito christão para se negar a isto.»

PROCLAMAÇÃO

Portuguezes! Pelos decretos imperscrutaveis da Providencia Divina, e na conformidade das instituições politicas do reino, fui chamado a presidir aos destinos da nação.

A dolorosa surpresa que soffro pela perda immensa, que todos acabamos de experimentar, consterna o meu coração. O paiz chora a morte do mais justo e illustrado dos soberanos, e eu derramo lagrimas sobre a sepultura do mais caro dos irmãos.

No desempenho da difficil missão que me

é confiada procurarei seguir os nobres exemplos que me legou o virtuoso monarcha, tão prematuramente roubado á affeição do seu povo. Observar fielmente as instituições politicas do meu paiz é tão conforme á prescripção dos meus deveres, como ao dictame dos meus sentimentos. Em cumprimento da carta constitucional da monarchia — Juro manter a religião catholica, apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação quanto em mim couber. —

Este juramento será por mim ractificado em breve na próxima reunião das côrtes geraes da nação portugueza.

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios d'estado continuem no exercicio das suas respectivas funcções.

Paço de Belem, em 14 de novembro de 1861 — REI. — *Marquez de Loulé* — *Alberto Antonio de Moraes Carvalho* — *Antonio José d'Avila* — *Visconde de Sá da Bandeira* — *Carlos Bento da Silva* — *Thiago Augusto Velloso de Horta*.

ANNUNCIOS

1 — Pela repartição da administração dos bens dos hospitaes da universidade se annuncia, que não se tendo effectuado hoje o arrendamento das terras sitas nos campos de Montemor-o-Velho, pertencentes aos mesmos hospitaes, fica transferido o mesmo arrendamento para o dia 28 do corrente mez, o qual se ha de verificar no edificio d'este govêrno civil, abrindo-se a praça pelas onze horas da manhã. — Secretaria do govêrno civil de Coimbra, 4 de novembro de 1861. — O encarregado da administração dos bens dos hospitaes, *Adriano Lopes Guimarães*.

2 — Ha um typographo que se offerece para a escripturação de qualquer cartorio ou casa particular. Nesta Redacção se diz quem é.

AVISO

São convidados os artistas conimbricenses para uma reunião na sala da philarmonica Boa-União, no dia 24 do corrente, ás 11 horas da manhã.

Recomendámos aos artistas façam um pequeno sacrificio, assistindo a este acto, a que pelos seus collegas são chamados.

EXPEDIENTE

É com o maior empenho que rogámos aos srs. Assignantes das provincias se dignem satisfazer a importancia do primeiro trimestre, remettendo-a a esta redacção em estampilhas, ou em valles, ou entregando-a ao sr. director do correio da localidade. E igualmente pedimos o favor de nos obterem algumas assignaturas; pelo que nos confessaremos summamente agradecidos.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO À MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V
E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Províncias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Províncias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;— número avulso 400 réis. —Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra.—Escriptos não publicados, não serão restituídos.



Salve! DIA 1.º DE DEZEMBRO!

Salve! Gloriosa revolução de 1640!

Salve! Heroicos filhos de Portugal, que naquelle memoravel dia restituistes a liberdade ao nosso paiz, proclamando a independencia da patria!

Tão oppressa e abatida jazia a Nação Portuguesa, que seu nome quasi que fôra eliminado do catalogo das nações!

Os castelhanos haviam quebrado o juramento que, nas côrtes de Thomar, nas mãos do venerando arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres, em 5 de Dezembro de 1581, Philippe de Castella prestára,— de manter e guardar todos os sóros, liberdades, e privilegios do reino.

Aquelle juramento sacrilego foi secundado da mais nefanda perfidia.

Postergaram-se todas as liberdades e exemptions dos portuguezes;

— violaram-se as nossas leis;

— concederam-se aos castelhanos as dignidades ecclesiasticas, civis e militares;

— entregaram-se-lhes as nossas praças de guerra;

— descurou-se completamente do regimen das nossas ricas conquistas da Asia, Africa, e America, muitas das quaes passaram a dominio estrangeiro, e não poderam depois ser reivindicadas;

— o supremo govêrno do estado foi conferido a uma mulher, que se tornou um instrumento das vinganças de nossos oppressores, auxiliada por um dos poucos traidores, que preferiram as honras estrangeiras ao que deviam ao seu paiz;

— em lugar do conselho de Portugal, que devia sempre assistir a el-rei de Castella, em qualquer parte onde elle se achasse, foram os nobres, e todas as pessoas de valimento, afastados para longinquas regiões, para que o brio dos portuguezes se resen-

tisse da completa orphandade em que os lançavam;

— deixaram de ser convocadas as côrtes, e todos os assumptos relativos a Portugal eram decretados fóra do reino;

— el-rei de Castella não tractou de residir em Portugal a maior parte do tempo, nem cumpriu a promessa de que o principe herdeiro seria aqui educado, para assim se lhe inocular o amor aos portuguezes;

— as armadas e os exercitos de Portugal corriam sempre em auxilio de Castella, mas a expensas do thesouro portuguez; ao passo que eram pagos, bem caros, quaesquer serviços, ás vezes phantasticos, que a Portugal prestavam as armas de Castella!....

Paremos neste retrospecto dos vilipendios por que passou o nosso paiz, durante a ominosa dominação de Castella. Muito longe nos levaria a enumeração dos padecimentos e martyrios, que então affligiram a nossa patria. Deixemos que a historia os consigne, para que se não julgue que os exaggerámos, que por muitas considerações o não feriamos, não só porque desejámos vêr extinto o menor vislumbre de rivalidade e antipathia entre dois povos, tão irmãos a tantos respeitos, como porque fazemos inteira justiça aos eminentes caracteres politicos, que hoje nobilitam o paiz vizinho.

A Iberia é hoje uma utopia, que, por completamente irrealisavel, tem chamado sobre seus fautores o stygma do ridiculo.

A nossa autonomia está assegurada não só pelos precedentes, que tanto o ennobrecem, como porque o estado actual da Europa não permittiria a subversão da nossa nacionalidade.

A casa de Bragança, esse venerando symbolo da nossa independencia, occupa hoje o throno portuguez, e nunca o regio solio gozou de tantas sympathias, como nos ultimos reinados.

O povo portuguez alimenta as aspirações e sentimentos, que em nobre exemplo lhe legaram os heroes seus antepassados;

— os manes de D. Philippa de Vilhena sempre serão invocados com respeito por todas as portuguezas, que se orgulham d'este nome;

— e a memoria de João Pinto Ribeiro e de seus arrojados companheiros cada vez adquire mais titulos á nossa veneração.

Somos livres e independentes; queremos continuar a sê-lo; e não seremos nisto contrariados, porque confiámos que a Providencia auxiliará os nossos esforços na sustentação de nossos direitos.

Salve, pois, 1.º DE DEZEMBRO DE 1861, anniversario do mais glorioso dos padrões da historia de Portugal!

1.º DE DEZEMBRO

DE 1640

D'estas e outras victorias longamente
Foram os castelhanos opprimidos:
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos.

CAMÕES, Lus. c. vi.

Desfralde-se a bandeira portugueza, e tremulem nas alturas as sagradas quinas.

Trõe o bronzeo canhão em festiva salva, e repercutam os echos do valle o som altivago.

Impere a alegria em peitos portuguezes, trage galas a nação, e seja o dia de hoje o mais fésto d'este anno.

Mas...

Não, não agite essa bandeira travêso norte, cubra as inclytas quinas o funéreo veu da morte...

Atroê o canhão com lugubres e descompasadas descargas, e vista dó o corpo, e trage lucto a alma...

Converta-se o *Te-Deum Laudamus* em *De profundis clamavit*, orvalhem-se de lagrimas tristes, perpetuas e saudades, e ao lado de uma corôa que symbolisa realesa, virtude e saber extinctos, modestamente se veja sobre o tumulo do melhor dos monarchas portuguezes uma coroa d'aquellas flores, que só represente a dor immensa de um povo agradecido...

E, em vez de risos, lagrimas; e em lugar de festa, tristesa, recolhimento e orações...

Choremos El-Rei o Senhor D. Pedro v...

E, pois que o 1.º DE DEZEMBRO DE 1861, nos commemora equal dia de 1640, e nos completa 221 annos de independencia e liberdade, vivâmos um pouco do passado, curve-mos a fronte triste e chorosa perante os vultos magestosos de alguns bravos que não vivem, e sejam d'elles nossos respeitos, pertençam-lhes nossas vontades, e possa o mago prestigio de seus nomes queridos alentar nossos animos, incarnar-nos seu valor distincto, e robustecer nossos braços.

Faz hoje annos que meia duzia de homens corajosos e patriotas alevantaram um marco milenario no caminho do progresso e liberdade portuguezas; faz hoje annos que o ferreo cinzel do tempo insculpiu um grandissimo acontecimento em lamina de bronze na historia encyclopedica da humanidade, na historia universal das grandes reacções sociaes.

Faz hoje annos que no Terreiro do Paço em Lisboa, ás 8 horas da manhan, no anno de 1640 se agrupavam alguns homens, cada um com uma espada, para a espada um braço robusto, para o feito um ânimo esforçadissimo!

E, em poucas horas de lucta, sem lucta— que não permittia causa tão sancta opposição

— mede a altura dos paços reais da Ribeira o corpo de Miguel de Vasconcellos; larga da mão tremulosa o sceptro d'estes reinos a amedrontada Duqueza de Mantua, e, com as espadas nuas, proclamam esses homens, semideuses, o Duque de Bragança D. João, como seu legítimo Rei!

Faz hoje annos que para Portugal acabou o ominoso dominio da Hespanha, e que as armas da nossa patria deixaram de pertencer ao escudo d'essa nossa irman tão descaroavel!

E milhões de vozes entoaram então hymnos á liberdade; o echo tremendo d'essas expansões patrioticas assustou o Leão de Castella, que retirou, concentrada a sanha, e depois o futuro... e depois a espantosa lucta, e depois a victoria e com ella a paz!

A paz!...

Mas por que preço!... A custo de tantas hecatombas humanas!... Em troca do mais precioso do sangue, o dos bravos, o dos heroes, o dos gigantes!...

Corramos o veu agora; já vivemos um pouco do passado, já nos extasiámos admirando committimentos grandes, já se nos cortou o coração de dôr, já vimos o que soffremos, o que fizemos... o que fizemos?!...

E o que faremos? DEUS O DIRÁ!

UM ARTISTA.

O 1.º de Dezembro

Salve! Dia glorioso! Dia de eterno regoijo e recordação para os Portuguezes!

Completem-se hoje duzentos vinte e um annos que a Augusta Casa de Bragança impera sem interrupção sobre os destinos de Portugal! Outros tantos annos ha, que o brio e valor portuguez, sacudiu de sobre os seus hombros o jugo castelhano, que por sessenta annos havia soffrido!

Foi em igual dia de hoje que esses Portuguezes de então, estimulados pelo immortal João Pinto Ribeiro, aclamaram Rei de Portugal o Serenissimo D. João, Duque de Bragança, e praticaram acções de heroismo, com que libertaram estes Reinos do jugo tyrannico que por todas as fórmas e maneiras o opprimia.

Foi 'nesse dia que alguns portuguezes degenerados, e indignos de tal nome, receberam o justo castigo das oppressões que exerceram contra seus compatriotas; e foi 'nesse dia que principiou uma nova era, que chegou até nós; e firmemente cremos, que será duradoura, apesar dos esforços de alguns degenerados portuguezes (porque infelizmente alguns existem entre nós), que tanto trabalham por serem escravos, e escravos fazerem seus concidadãos. A Augusta Dynastia Brigantina, apesar dos repetidos golpes que a dura Parca tem descarregado sobre ella, ainda conta muitos e vigorosos membros; e confiámos no Todo Poderoso, que o Augusto Chefe do Estado, que ha poucos dias assumiu a Magestade Real, em breve escolherá uma Princesa, digna de com Elle occupar o throno, felicitando estes Reinos com um novo ramo d'essa Dynastia, com o qual ficará inabalavel e segura a independencia e autonomia de Portugal.

Oxalá que os governos, que tiverem de gerir os negocios do Estado, se possuam de um verdadeiro e sincero amor patrio, e promovam a nossa prosperidade, para obter a qual são até demasiados os elementos que possuímos, tanto no continente como nas ricas e abundantes possessões que ainda hoje nos pertencem, e das quaes podemos tirar avultadissimas riquezas.

É tambem em El-Rei o Sr. D. Luiz 1.º que

depositámos nossas esperanças. Mancebo cheio de vigor e energia — e amante extremado da navegação, dá-nos direito a esperar que em breve se operará a regeneração da nossa marinha de guerra, sem a qual é impossivel o desinvolvimento e prosperidade do commercio das nossas colonias, e por isso da riqueza nacional, que outr'ora possuímos, quando os galleses portuguezes coalhavam esses mares — nunca d'antes navegados.

Portuguezes! Felicitemo-nos cordealmente hoje! Abracemo-nos. Esqueçamos nossos desvarios passados, a que dissensões politicas internas, mas ridiculas e mesquinhas, nos levaram. Lembremo-nos sómente que somos portuguezes, e que portuguezes devemos morrer, e todos digamos em bem altas vozes:

Viva Portugal independente!

Viva El-Rei o Senhor D. Luiz 1.º!

Viva a Augusta Casa de Bragança!

A MINHA PATRIA!

Patria minha! tu encantas
O peito de um portuguez!
Que acções illustres e tantas
Nação alguma ainda as fez!
Que és sem rival na belleza
Do teu ceu, na gentileza
De teus prados e alcantis;
Nem a Suissa risonha,
Nos seus devaneios sonha
Ser rival do meu paiz.

C. Belem.

Minha patria é toda amores,
É jardim de lindas flores
No ceu, na terra, no mar;
É nossa mãe verdadeira.
Que vem meiga prasenteira
Seus filhos abençoar.

Tem feitiços, tem doçuras,
Que prendem mais que as ternuras
D'um sensível coração;
Promove tanta alegria!...
Inspira tanta poesia!...
Que nos enleva a razão!

Tem cidades — tão formosas,
Tão ornadas — tão airosas,
Que são mesmo um paraíso!...
Tem rios de nivea prata,
Onde a lua se retrata,
Onde encara o seu sorriso.

Tem altas serras — tão bellas,
Que tocam mesmo as estrellas
Com seus fêros alcantis!!
Tem veigas, bosques e prados,
Sempre verdes, recamados
Do mais virente matiz.

Tem noites — tão socegadas,
Tem tão lindas madrugadas,
É tão bella ao pôr do sol!
Encanta no dia ardente,
Quando no bosque imponente,
Trina o meigo rouxinol;

Tem dias do mez d'abril,
Que encerram feitiços mil
'Nesse pallido arreból,
E nas noites de janeiro,
Tem um luar tão fagueiro,
Que rivalisa co'o sol.

És um paiz de que eu gosto;
É tão bello como — aposto
N'Europa não ter igual;
És a patria gloriosa,
Tão soberba; tão briosa!!
— És o velho Portugal —

Como em ti se vê famosa,
Como róla magestosa,
O teu Tejo de crystal;
Como murmura em segredo,
Esse seductor Mondego,
Esse rio sem rival;

Como o teu Douro gigante
Vae pulando arrogante,
Sem das margens se importar!!
Na corrente audaz e forte,
Vae travar lucta de morte,
Com essas ondas do mar.

Tudo em ti é magestoso,
É bom, é bello, e famoso,
No ceu, na terra e no mar;
Tudo aqui diz — Portugal —
És um paiz sem rival,
Ninguem o póde negar;

Mas não é tua grandeza,
Nem a tua gentileza,
O que só me falla a mim;
São os teus feitos d'outr'ora,
Esses que CAMÕES memora,
Que jámais hão de ter fim.

Tu — PATRIA — tens 'nessa historia,
Padrões d'eterna gloria,
Que faz o mundo pasmar!
Foste nação respeitada,
E com tua forte armada,
Foste a rainha do mar;

Inda hoje és — liberdade,
Es a patria da egualdade,
Onde existe infindo amor!
Onde a FAMILIA REAL
Viaja de sorte tal,
Sem receio, sem temor!

És um paiz limitado;
Mas por Deus abençoado,
Com tão risonho porvir,
Que com teu braço potente,
Não temes, que estranha gente
Te venha cá opprimir.

Tens cada filho, um soldado;
Mas tão forte, tão honrado,
De tão vivaz coração
Que no campo da batalha,
Nunca o valor lá lhe falha,
Curvar-se — não sabem — não —

Eia pois, patria d'amores,
Meu jardim de lindas flores
Que ao sahir do berço eu vi;
Não temas que da Hespanha,
A opprimir-te o jugo venha,
Por que Deus véla por ti.

J. P. de Sousa Macario.

Hespanha e Portugal

(Continuado do número 8)

Assim como não queremos tornar pequena a nossa existencia passada, tão pouco queremos negar o vosso valor um dia. Se ambicionámos a unidade e suspirámos por ella, alguns talvez com dobrada imprudencia, não se julgue que é porque consideremos os portuguezes pobres e fracos, mas porque os julgámos ainda poderosos e ricos, ou capazes de sê-lo. Demasiadamente se sabe, ainda que diga o contrario algum pouco acertado escriptor em um momento d'esse orgulho que vós e nós temos, demasiadamente se sabe, que possuíis recursos para viver, e esperanças de larga vida, prosperidade e engrandecimento.

Não ha pois, motivo, a final de contas, para esse odio que mostram alguns, para esses continuos receios, e até para esse menesprêso, que falsos patriotas de Portugal e Hespanha, accendem ás vezes entre estas duas nações ir-mans, voltendo o rosto para paizes estrangeiros, admirando exclusivamente a litteratura de França e Inglaterra, arremedando mal as suas instituições, enchendo de encomios e exaltando com servil entusiasmo seus homens e suas cousas, desprezando, motejando, e ridiculizando tudo quanto é nosso, quer seja hespanhol quer seja portuguez. Dir-se-hia que nosso espirito se humilhou com a decadencia e desgraça, e que só dá guarida a ruins e mesquinhos zelos. Foi assim Lucena, que escolheu um hespanhol para heroe do livro mais bello que se tem escripto no vosso idioma? Era Camões que chamava ao castelhano *grande e raro*, e que prognosticava da Hespanha que a inconstante fortuna nunca poderia machal-a.

Que lh'a não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

Não era assim, por último, aquelle generoso castelhano, que, momentos antes de começar a batalha de Aljubarrota, disse ao vosso Alvares Pereira: «Assim sois os mais honrados do mundo, quer sejaes vencedores quer vencidos, porque se venceis sendo tão poucos, e se vencemos sendo nós tantos, toda a gloria e fama é vossa!»

Hoje, sem embargo, em plena paz, sem o menor projecto hostil em inventos, maltratá-nos por palávras e escriptos. Haverá por ventura hoje mais patriotismo do que outr'ora? Não, é que sem o saber nos deixámos levar por inspirações estrangeiras; até porque nos maravilhámos tanto das grandezas e da prosperidade de outros paizes, que o ânimo se nos confrange e predispõe a menosprezar e a aborrecer, quando não o que nos é proprio por um certo pudor, o que deverá ser um ponto apenas abaixo do que nos é pessoal. A verdade é, que nunca o patriotismo exclusivo portuguez fallou tão altisonante como nos últimos tempos; nem mesmo ainda na deploravel guerra de 28 annos, que precedeu a separação. Então mostravam-se os nossos vizinhos com fundamento aborrecedores do *mal soffrido captiveiro*, do

Hypocrita, tyranno e não prudente

e dos dois Phillippes, seus successores; porém não aborreciam tanto, como mostram agora abofreecer alguns, a nação hespanhola. A ella pertencia essa valorosa senhora e prudentissima rainha, que tanto contribuiu a dar-vos a liberdade que apeteceis; aquella Gusmão que, persuadiu e resolveu seu tímido e vacillante marido a cingir a corôa; quem educou a seu filho D. Pedro para vos governar e dirigir, quem conteve e corrigiu em quanto lhe foi possível, os delirios e maldades de Affonso; quem procurou a aliança da França e da Inglaterra, e a alliança vir Schomberg e os soldados estrangeiros para que contra nós vos ajudassem.

Assim se apartou Portugal do moribundo imperio hespanhol, no tempo do desditoso Carlos II. Pelo tractado de 1668 reconheceu Hespanha a Portugal como um estado novamente livre e independente, porém do perpétuo cumprimento d'essa carta de afforria, sahio a Inglaterra por fiadora, e não ha dúvida que, se um dia todos os portuguezes unanimes quizessem tornar a unir-se á Hespanha, a Inglaterra os havia de coagir, se podesse, a *conservar sua liberdade e independencia*, valendo-se, talvez dos mesmos meios persuasorios e philantropicos, que já empregou os

habitantes das ilhas Jonias, para que se não unam aos demais gregos.

Não queremos com isto dizer que accreditámos que a Inglaterra exerça um protectorado sobre Portugal; que seja Portugal uma colonia ingleza, como pretendem alguns. Estamos, pelo contrario, convencidos de que os portuguezes são zelosos em extremo da sua dignidade e independencia, e não exaggerámos até esse ponto a influencia e preponderancia da Inglaterra sobre elles, porém, a ponderancia que tivéssemos como certa essa preponderancia, lamental-a-hiamos como um infortunio, e nunca a havíamos de censurar como falta de energia. A fatal e inevitavel humilhação de Gibraltar nos faz, neste ponto, menos severos, e a recente humilhação das notas de Calderon nos obriga a ser tolerantes. O que dizemos é que á Inglaterra convém e importa muito a nossa separação, e que talvez se resolvesse a conservar-a pela violencia, ainda mesmo quando fôsem poucos os portuguezes que a quizessem, ainda mesmo quando as cousas e opiniões estivessem já maravilhosamente dispostas e propicias á fusão de ambas as nações. Este seria o último e poderoso obstaculo que teria que vencer a unidade desejada sem uma guerra peninsular concitada, pelos proprios inglezes, e sem menoscabo ou perda de nenhuma das nossas colonias.

Porém, antes de chegar a este último transe, quantas outras difficuldades não nos ficam ainda para combater? Quantos meios não temos ainda que ajunctar e aproximar cada vez mais, em vez de nos separarmos?

Pensar, de nos separarmos, na fusão immediata, é quasi uma loucura, ou pelo menos uma imprudente audacia; mas pensar em separar-nos mais do que estamos é uma demasia e perda de sentimento patriótico, que reverte em prejuizo de ambos os paizes.

O melancholico amor da patria decahida, as saudades da passada grandeza, que fizeram sonhar com um *quinto imperio portuguez*, e converteram D. Sebastião em um Messias nacional, qual novo rei Arthur, não bastam para dar motivo de ser a estes receios perpetuos, a estas arreigadas e pouco amigaveis preocupações que mostram os portuguezes contra toda a nação hespanhola, em quanto que para cada um de seus individuos que chega a visitar-nos, temos de confessar e agradecer, que nos acham por extremo hospitaleiros, affectuosos e francos. Os portuguezes cedem nisto, como nós na infundada altivez com que ás vezes nos olhámos, a um espirito de estrangeirismo, que, a nosso pesar, e sem que bem o notemos, nos domina.

Assim, por exemplo, quando os portuguezes accusam de ferozes e crueis a nossos heroes passados, não fazem mais do que repetir e tornar-se echo da inveja estrangeira. Cortez, Pizarro, Almagro, Balbau foram crueis; porém quaes guerreiros de outra qualquer nação, não o seriam naquella idade? Eram os portuguezes muito mais vossos de condição, muito mais humanos? Vossos de condição, não qualificam Albuquerque chamando-lhe o *feroz*? Porém vós ou nós, não nos distinguimos pela ferocidade de que nos motejam os que então a tiveram igualmente, e ainda a têm hoje, com menos desculpa, e mostrando-se na India tão duros e sem entranhas como desgraçadamente se tem visto.

Distinguimo-nos pelo ditoso atrevimento, e por aquella constancia com que alargámos o mundo, dando ao antigo, novo hemispherio, e abrimos os mares nunca d'antes nevegados

Por onde fôsse a Lysia

Os immensos thesouros do oriente:

Por onde fôsse ao Tejo ufano

As perolas brilhantes, que adornavam
Do sol os ricos paços
E os thalamos da aurora.

E a fim de pôr termo, e coroar dignamente esta empresa de descobertas que Portugal começára, para eterna gloria do infante D. Henrique e dos navegantes de Sagres, que descobriram o outro formosissimo ceu austral, e as refulgentes estrellas com que sonhou Dante no seu poetico escrever, uniram Hespanha e Portugal dois filhos seus, e graças a Elcano e Magalhães, deu-se pela vez primeira a volta do globo em que habitámos.

As nossas glórias e as dos portuguezes são as mesmas, e não podem nol-as tirar, sem as tirar a si proprios: as mesmas são tambem as nossas culpas, e assim não podem injuriar-nos sem que a injúria recáia sobre elles.

Talvez nos tenhamos em demasia demorado nestas considerações sobre cousas que já foram; porém repetimos que não nos parecem ociosas para o assumpto, a fim de dissipar recriminações e vãos assomos, de que possa estar possuído, por desgraça, o vulgo de um e outro paiz, e ainda mesmo não poucas pessoas illustradas.

Fallemos agora do estado actual do vizinho reino, e procuremos demonstrar que não é lastimoso, como alguns julgam, nem é conveniente que o seja, antes pelo contrario, o proposito da união.

(Continúa)

A Revolução de Evora (1637)

Não se cansava o governo de Madrid de lançar novos tributos a Portugal. No anno de 1637 vieram ordens a todos os corregedores de comarca, para que obrigassem os povos a pagar todos os annos a el-rei de Castella, 500:000 crusados, além dos impostos existentes.

O corregedor de Evora, André de Moraes Sarmento, fiel instrumento de Castella, determinou que se lançasse o tributo, castigando asperamente os que duvidavam obedecer.

Os habitantes irritados, tendo á sua frente o juiz do povo Sezinando Rodrigues, e o seu escrivão João Barradas, revoltaram-se, e invadiram a casa do corregedor, a qual incendiaram, podendo elle escapar-se para o convento de S. Francisco, e d'alli para Lisboa. Do mesma fórma foram invadidas e maltratadas outras casas de pessoas affectas ao governo de Castella, custando muito a livrar as casas do Arcebispo D. João Coutinho, que ainda-assim teve as janellas quebradas.

O povo organisou uma especie de juncta, que se correspondia com as outras de Alemtejo, e as suas ordens eram assignadas com o nome de *Manuelinho*, que era um doudo célebre naquella cidade: persuadindo-se que assim evitavam a responsabilidade dos seus actos, no caso de que a revolução não vingasse.

A duqueza de Mantua, regente de Portugal, fez todas as diligencias para accommodar o tumulto; e o conde duque de Olivares, despotico ministro de Philippe IV, fez aproximar da fronteira portugueza um exército hespanhol, commandado pelo duque de Bejar, a fim de conseguir que entrassem na obediencia os povos amotinados.

Além d'isso veio de Madrid para Evora, commissionado pelo governo de Castella, o conde de Linhares, para ver se pelas suas diligencias se obtinha a pacificação. Aquelle governo exigia que de cada logar onde tinha havido alvoroços fôsem apresentar-se na corte de Madrid os dois magistrados populares, juiz

e procurador, os quaes logo que estivessem juntos, se vestiriam de sacco, e com cordas ao pescoço entrariam em pública audiência, a pedir a el-rei perdão pelos seus povos; e que el-rei os estaria esperando em throno levantado, assistido dos embaixadores, e de toda a nobreza da côrte. Em quanto a Evora vinham nomeados para irem a Madrid, os já mencionados Sezinando e Barradas.

O povo indignado não quiz annuir a esta infame proposta, e o conde de Linhares ausentou-se sem nada obter.

Comtudo a duqueza de Mantua mandou a Evora o corregedor da côrte Diogo Fernandes Salema, acompanhado de muitos ministros de justiça. Não só pelo terror de estarem próximas as tropas hespanholas, mas por algumas discordias que se davam entre os populares, poude este corregedor exercer alli todas as vinganças, e satisfazer o odio de Castella contra Portugal.

Muitos do povo foram enforcados, e outros lançados a galés. Sezinando e Barradas, que tinham podido evadir-se, foram enforcados em estatua, offerendo-se grandes premios a quem os descobrisse.

Para o Algarve tinha ido Pedro Vieira da Silva, desembargador dos agravos da casa da Supplicação, o qual com a ajuda de 6:000 soldados de infantaria hespanhola, que naquella provincia haviam entrado, commandados por D. Francisco de Andia e Fraçaval, practicou alli terriveis castigos contra os desgraçados Algarvios, que tambem tinham seguido o patriótico exemplo dos habitantes de Evora, sendo muitos enforcados e outros desterrados.

Assim terminou esta mallograda revolução, mais infeliz que a que, 3 annos depois, fez de novo brilhar, no dia 1.º de Dezembro, o sol da independencia de Portugal.

AS SENTIDAS PALAVRAS DE EL-REI

O MUITO AMADO

SR. D. PEDRO V

Proferidas pouco antes do seu fallecimento

..... Quiz suffocar uma saudade. . .
..... Abri um tumulto!!

SONETO

Dedicado a sua magestade el-rei

O SENHOR D. FERNANDO II

Fernando... amado irmão... eis-te sem vida!
De meus braços a morte te roubou!
O teu Pedro, se ainda cá ficou,
Foi capricho da morte fementida!

Em tua busca vou, vou em seguida . . .
Tua morte as saudades augmentou
Da nossa mãe, da minha esposa q'rida...
Fernando... amado irmão, espera...eu vou.

Se meu Povo deixo em orphandade,
Este Povo a que amo com ternura,
E, no qual encontrei só lealdade:

Elle lamentará a desventura,
De quem p'ra matar uma saudade,
Por suas mãos abriu a sepultura!

Espinhal, 27 de Novembro de 1861.

Luiz Pires Monteiro Bandeira.

A sociedade philarmonica Boa-União, para suffragar a alma de sua magestade el-rei o sr. D. Pedro v, de saudosa memoria, mandou, no dia 18 do passado, celebrar na Sé Cathedral, uma missa de *requiem*, á qual assistiram os srs. Bispo Conde, Governador Civil, Lentas

da Universidade, Juiz de Direito, Governador Militar, chefes de repartições públicas, academicos, e um immenso concurso de povo. Durante a missa, a philarmonica executou algumas peças funebres. É para louvar a prova que aquella sociedade artistica acaba de dar, de que todos os seus illustres membros se acham possuidos da mais profunda saudade e consternação pela infausta morte do nosso excelso monarcha. É que na *gente do povo* tambem se encontra sentimento e gratidão.

PASMATORIO

— Alguns artistas d'esta cidade, em reunião que tiveram no dia 24 de novembro findo, deliberaram mandar celebrar uma missa de *requiem*, na Sé Cathedral, para suffragar a alma de sua magestade o sr. D. Pedro v. Nomearam commissões por freguezias e andam tirando uma subscrição pelos seus collegas. É para louvar o procedimento d'aquelles artistas, que tanto esforcem para que na sociedade a sua classe seja dignamente representada.

— Na última eleição da camara a que se procedeu neste concelho, foram mais votados os srs. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Sêcco, Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, Bacharel Abilio Xavier Pereira dos Sanctos, Bacharel Diogo José dos Sanctos, Olympio Nicolau Ruy Fernandes, Ruben Pereira de Carvalho e José de Oliveira Rocha.

— Chegou a esta cidade, o nosso amigo, o sr. João Rodrigues, tenente do regimento de infantaria n.º 9.

— No dia 14 do corrente, será impreterivelmente, a récita d'abertura do novo theatro de S. Christovão. Sobe á scena o drama em tres actos, do sr. Mendes Leal, Junior, intitulado — *O dia da Redempção*. A scena é passada em Coimbra; o primeiro acto, figurando o Penedo da Saudade; o segundo, a ponte do Mondego; e o terceiro, a sachristia de Sancta Cruz. O drama é magestoso, e de grande aparato.

— A camara municipal d'esta cidade deliberou que se verificasse a solemne e lugubre cerimonia da quebra dos escudos pela infausta morte de el-rei o sr. D. Pedro v, no dia 11 do corrente. É de esperar que a concurrencia áquelle acto seja numerosissima.

— Por decreto de 19 de novembro último, são convocadas as côrtes geraes para o dia 22 do corrente.

— Quasi todos os dias se celebram missas suffragando a alma do sr. D. Pedro v. É que os portuguezes amavam deveras o seu monarcha, o rei illustrado.

— A irmandade do Sanctissimo Sacramento da Sé velha tambem suffragou a alma do illustrado monarcha, o sr. D. Pedro v, mandando celebrar uma missa e *responsos*, no dia 27 do passado.

— Consta-nos que na loja do sr. J. B. J., negociante de Coimbra, se vende ainda á vara e ao côvado. E um abuso para que pedimos a attenção de quem compete fiscalisar.

— No dia 20 do passado, tivemos a honra de assistir a uma missa de *requiem*, que, para suffragar a alma de sua magestade el-rei o sr. D. Pedro v, mandou celebrar a philarmonica Boa-União, de Cantanhede. A igreja estava cheia de povo, incluindo as pessoas de maior representação da villa, e todas trajavam o mais rigoroso lucto. Durante o acto religioso, a philarmonica executou variadas peças funebres. É digna, pois, do maior louvor a resolução tomada pelos membros d'aquella sociedade, que assim se mostraram gratos á me-

moria do bom Rei, que tão acrisolado protector foi sempre da classe operaria, outr'ora tão esquecida e despresada. Avante, nobres artistas, mostraes ao mundo que tendes valor e que não esqueceis os vossos deveres.

AVISOS

INSPECÇÃO GERAL DOS THEATROS

DELEGAÇÃO NO DISTRICTO DE COIMBRA

Para os devidos effeitos, faço saber que pelo Ministerio do Reino me foram expedidos os seguintes diplomas:

«Ministerio do Reino — Direcção Geral de Instrucção Pública — 1.ª Repartição. — Passo ás mãos de V. S.ª a cópia authentica do Decreto pelo qual Sua Magestade El-Rei Houve por bem nomeal-o Delegado da Inspeccão Geral dos Theatros no districto administrativo de Coimbra.

«Deos guarde a V. S.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 22 de novembro de 1861.

«Ill.º Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. — José Eduardo de Magalhães Coutinho.»

«Attendendo ao merecimento e mais partes, que concorrem na pessoa de Olympio Nicolau Ruy Fernandes: Hei por bem nomeal-o Delegado da Inspeccão Geral dos Theatros, no districto administrativo de Coimbra. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Belem, em 21 de novembro de 1861. — REI — Marquez de Loulé.

«Está confôrme — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 22 de novembro de 1861 — O Chefe da 1.ª Repartição, Francisco Palha de Faria Lacerda.»

Coimbra, 25 de novembro de 1861. — Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

COMMISSÃO CENTRAL DOS ARTISTAS CONIMBRICENSES

Encarregada de promover os meios para que esta classe suffrague a alma de Sua Magestade o Senhor D. Pedro V, de boa memoria, pede a todos os artistas que compareçam no domingo proximo, 1.º de dezembro, ás 11 horas da manhan, em uma das salas da camara municipal, para alli lhes serem patentes os trabalhos já feitos.

ANNUNCIOS

Quem quizer comprar 6 fardamentos, todos em bom uso, que serviram na philarmonica Conimbricense, queira dirigir-se a esta Redacção, que se lhe diz quem os vende.

EXPEDIENTE

É com o maior empenho que rogamos aos srs. Assignantes das provincias se dignem satisfazer a importancia do primeiro trimestre, remettendo-a a esta redacção em estampilhas, ou em valles, ou entregando-a ao sr. director do correio da localidade. E igualmente pedimos o favor de nos obterem algumas assignaturas; pelo que nos confessaremos summamente agradecidos.